

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Teatro Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

A Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP) e seus Festivais (1962-1971):

resgate de um projeto pioneiro na história teatral pelotense

Bernardo Perini Pavelacki

Pelotas, 2016

Bernardo Perini Pavelacki

A Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP) e seus Festivais (1962-1971):

resgate de um projeto pioneiro na história teatral pelotense

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Teatro
Licenciatura da Universidade Federal
de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
Teatro Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Vieira Fernandes

Pelotas, 2016

Bernardo Perini Pavelacki

A Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP) e seus Festivais (1962-1971):

resgate de um projeto pioneiro na história teatral pelotense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 28 de junho de 2016.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Fernanda Vieira Fernandes (Orientadora)

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Ma. Maria Amélia Gimmmler Netto

Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dra. Fabiane Tejada

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

**Dedico este trabalho a todos que
estiveram comigo durante a sua
execução, dando apoio e força para
continuar. Aos meus pais e irmãos, a luz
da minha vida.**

Agradecimentos

A Oxalá e Pai Ogum, fonte de energia vital e espiritual da minha vida.

À minha orientadora, Doutora Fernanda Vieira Fernandes, essa mulher admirável, amável e paciente que conseguiu me aguentar por esse longo tempo, sempre me incentivando e apoiando.

À minha mãe Marilaine Perini, meu pai João Alcindo Pavelacki e meus irmãos Danila e Ezequiel, que estiveram comigo o tempo todo, dando força e motivos para concluir o presente trabalho.

Ao Valter Sobreiro, grande amigo, e peça fundamental para execução dessa pesquisa.

À minha namorada, Laís Maciel, que me deu força e me confortou nos momentos de desespero e nervosismo nas últimas etapas.

Aos meus amigos Arthur Petry, Lucas Segal e Cleber Sadoll, três caras que sempre me falavam para não se desesperar e continuar firme no meu caminho de “teatreiro”.

Ao Prof. Dr. Marcos Villela Pereira, Marlene Mascarenhas Mendonça, Nanci Rota de Azevedo, Antonio Henrique Nogueira, José Luiz Marasco Cavalheiro Leite, Luís Rubira, Aldyr Garcia Schlee, Sérgio José Abreu Neves, Mauro Soares.

Obrigado!

Resumo

PAVELACKI, Bernardo Perini. **A Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP) e seus Festivais (1962-1971)**: resgate de um projeto pioneiro na história teatral pelotense. Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

O presente trabalho tem como objetivo resgatar a memória dos Festivais de Teatro da Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP), descrevendo e analisando sua realização ano a ano, de 1962 a 1971. Pretende também reunir subsídios para um estudo minucioso das circunstâncias que levaram à realização desse evento (e seu término) numa época tão conturbada, com a colaboração e apoio de órgãos oficiais do governo militar e de seus dirigentes. Prevê, finalmente, reunir algumas informações sobre a figura do principal responsável pela atuação da STEP, o Sr. Antônio Franqueira Moreira, um líder cuja importância para a nossa cultura parece não ter sido até hoje devidamente estudada.

Palavras-Chave: história, teatro, Pelotas, festival, STEP, golpe militar, liderança, cultura.

Abstract

PAVELACKI, Bernardo Perini. **The Pelotas Theater Society (STEP) and its festivals (1962-1971)**: Rescue of a pioneering project in Pelotas theatrical history. Conclusion work Theater Degree Course, Arts Center, Federal University of Pelotas, in 2016.

This work intends to rescue the memory of the Theater Festival of the Pelotas Theater Society (STEP), describing and analyzing their achievement year by year, from 1962 to 1971. It also seeks to gather elements for a detailed study of the circumstances that led to the realization of this event (and its termination) at a time so troubled, with the collaboration and support of official agencies of the military government and its leaders. It intends finally to gather some information about the figure of the main responsible for the performance of STEP, Mr. Antonio Moreira Franqueira, a leader whose importance for our culture seems to have not been properly studied to date.

Keywords: history, theater, Pelotas, festival, STEP, military coup, leadership, culture.

Sumário

Introdução.....	9
I Evolução do teatro no Brasil.....	11
II A tradição cultural pelotense.....	20
III Festivais da STEP.....	25
1962.....	25
Festival do Autor Pelotense.....	28
1963.....	29
1964.....	32
1965.....	34
1966.....	36
1967.....	39
1968.....	42
1969.....	45
1970.....	48
1971.....	50
Considerações finais: a STEP do Sr. Moreira.....	53
Referências.....	57
Apêndices.....	58
(A - Tabela dos Festivais).....	85
(B – Entrevista com Mauro Soares).....	88
(C – Entrevista com Antônio Henrique).....	93
(D – Entrevista com Aldyr Garcia Schlee).....	94
(E – Entrevista com Sérgio Abreu Neves).....	97
(F - Fotos da premiação de “Nossa Cidade” (III Festival) (Acervo: Antonio Henrique Nogueira).....	117
Anexos.....	101
(A - Estatutos, com alterações, da Sociedade de Teatro de Pelotas (Acervo: Prof. Dr. Marcos Villela Pereira).....	102
(B - Programa de apresentação da peça “Amor de Dom Perlimplim com Belisa em Seu Jardim!”(I Festival da STEP – Semana do Teatro Amador) (Acervo: Valter Sobreiro Junior).....	112
(C - Programa da peça “Relâmpago” (Festival do Autor Pelotense) (Acervo: Marlene Mascarenhas Mendonça).....	114
(D - Fotos da peça “O Infeliz Jovem Rei” (Acervo: Valter Sobreiro Junior).....	115
(E - Diplomas de premiação de Walter Júnior (II Festival) (Acervo: Valter Sobreiro Junior).....	116
(G - Diploma de premiação de Melhor Cenoplastia (IV Festival) (Acervo: Valter Sobreiro Junior).....	118
(H - Notícia sobre apresentação da peça “A Viagem” em Porto Alegre (<i>Folha da Tarde</i> , s/data).....	119
(I - Folheto distribuído na abertura do Festival de Teatro de Pelotas promovido pela FUNDAPEL (1985) (Acervo: Valter Sobreiro Junior).....	120

Introdução

Nos anos 1960, foram realizados na cidade de Pelotas dez festivais de teatro que tiveram uma importante evolução, começando como uma mostra competitiva de caráter local e, ao longo do tempo, transformando-se num acontecimento estadual, nacional e internacional, com a participação de espetáculos vindos de cidades do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

Esses festivais foram organizados pela Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP), criada em 1962 por artistas e intelectuais da cidade e liderada logo a seguir por um empresário local, Antônio Franqueira Moreira, responsável por transformar a STEP e seus eventos numa das grandes forças atuantes no panorama da arte e cultura brasileiras da época.

Mais interessante ainda se torna a existência da STEP e seus festivais de teatro, se considerarmos o período em que foram plenamente atuantes.

Em 1962, no governo do Presidente João Goulart, o Brasil vivia um tempo de agitação política e social, tempo este que culminaria no golpe de 1964, que instalou a ditadura militar no país. O regime, endurecendo a partir de 1968, com a edição do Ato Institucional nº 5, passou a reprimir sistematicamente as manifestações artísticas e culturais, especialmente o teatro, consideradas essas manifestações como subversivas da ordem instituída. Um dos meios de repressão utilizados era a Censura, aparelhada para atuar em todo o território nacional.

O presente trabalho tem como objetivo resgatar a memória dos Festivais de Teatro da STEP, descrevendo e analisando sua realização ano a ano, de 1962 a 1971. Pretende também reunir subsídios para um estudo minucioso das circunstâncias que levaram à realização desse eventos (e seu término) numa época tão conturbada, com a colaboração e apoio de órgãos oficiais do governo militar e de seus dirigentes.

Prevê, finalmente, reunir algumas informações sobre a figura do principal responsável pela atuação da STEP, o Antônio Franqueira Moreira, um líder cuja importância para a nossa cultura parece não ter sido até hoje devidamente estudada.

Para tanto, foi feito um levantamento minucioso do material existente sobre os Festivais, especialmente de seu registro na imprensa local e em livros especializados.

O trabalho apresenta, inicialmente, um panorama do teatro no Brasil, nos anos que envolvem os acontecimentos locais (Festivais). Ou seja, pretende-se contextualizar o quadro teatral no país daquele período.

A seguir, traça um perfil da tradição cultural da cidade de Pelotas.

Depois dessa contextualização, descreve a criação da STEP e dos eventos teatrais que a Sociedade promoveu.

Encerra-se o trabalho analisando sumariamente os dados obtidos.

A pesquisa incluiu também, em anexo, fotos e programas de várias edições, material de acervos pessoais e de instituições, cedidos por empréstimo. Também procurou-se colher o depoimento de pessoas que tiveram seu nome ligado à STEP e participaram de seus festivais, como membros da diretoria, integrantes dos grupos que se apresentaram, ou espectadores.

Decorrido mais de meio século, são poucos os remanescentes dessa época e pouquíssimos os que se recordam dos acontecimentos com detalhes, o que evidencia a urgência desse resgate, antes que se perca totalmente sua memória viva.

Mesmo parecendo evidente a importância das atividades da STEP para o desenvolvimento da cultura de Pelotas e do Brasil, também tentou-se averiguar, através da análise quantitativa das participações dos grupos e artistas de teatro pelotenses e de depoimentos pessoais de alguns participantes dos festivais, o quanto estes realmente contribuíram para o crescimento da arte teatral na cidade.

I Evolução do teatro no Brasil

Antes de proceder ao exame dos eventos promovidos pela Sociedade de Teatro de Pelotas, é preciso compreender o movimento sociopolítico e cultural que tinha curso na época. No Brasil, deparamo-nos com vários fatos, principalmente políticos, que viriam a interferir diretamente na produção teatral e nas artes em geral. O golpe militar veio para modificar todo o cenário positivo e efervescente do teatro nacional. Em Pelotas, as movimentações eram intensas, contando com o surgimento da STEP em 1962, dois anos antes do golpe:

No mesmo ano, é criada a Sociedade Teatral de Pelotas (STEP). Entre os fundadores da STEP, estão Ruy Antunes, que em seguida assumirá a direção do *Teatro Escola*, L.C. Corrêa da Silva, ainda ator do TEP e Valter Sobreiro Junior [...] A sociedade se propunha a organizar um festival anual de teatro em Pelotas, contando com os grupos que existiam na cidade. (PRATES, 2005, p. 74)

Para desenvolver plenamente o trabalho é preciso que se fale sobre a evolução do teatro no Brasil. A modernidade acontece a partir da contribuição do refugiado de guerra polonês Ziembinski, que trouxe para o Brasil dos anos 1940 uma nova visão do teatro. Aqui, onde ainda prevalecia o teatro de revista, em total decadência. Nosso teatro não reconhecia a figura de um diretor, não prezava a unidade estética do espetáculo, visando principalmente fins comerciais, atraindo as grandes plateias com piadas e risos fáceis. Yan Michalski comenta esse gênero e seu esgotamento enquanto arte teatral:

Um repertório ambicioso, constituído na sua quase totalidade de comédias antiquadas e de revistas; espetáculos sem nenhum vestígio de concepção diretorial – a figura do diretor, no sentido moderno, praticamente não existia, sendo substituída pela função de ensaiador, que cuidava apenas dos aspectos mecânicos do espetáculo – e realizados sem nenhuma preocupação estética ou estilística; [...]. (MICHALSKI, 1985, p.10)

Existiram grandes nomes nessa época, como Procópio Ferreira, que trabalhava com o gênero Trianon e na companhia das grandes estrelas. Era um notável ator, de grande renome e admiração pelo trabalho desenvolvido.

Fugindo da Segunda Guerra Mundial, Zbigniew Marian Ziembinski chegou para causar grandes mudanças no teatro brasileiro, com seu conhecimento sobre as técnicas teatrais de Constantin Stanislavski. Novos conceitos, como direção,

iluminação e trabalho sistemático de atuação, foram conhecidos e aplicados. O grupo Os Comediantes, dirigido por ele, encenou, em 1943, a peça *O Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues. Michalski e outros críticos acreditam ser este o marco inicial do moderno teatro brasileiro. E de fato foi, pois nunca se havia visto algo igual por aqui, a dramaturgia não mais seguia uma lógica linear, a narrativa era entrecortada e não sequencial, “espalhando a ação por três planos organicamente interligados: o da realidade, o da memória e o do delírio” (MICHALSKI, 1985, p.11). E com elementos de extrema importância, o diretor fazia dos signos, pelo público desconhecidos, a fonte do sucesso:

Por sua vez, apoiada na moderna cenografia de Santa Rosa, a direção de Ziembinski, polonês que chegara ao Rio dois anos antes, propunha um conceito de linguagem cênica estilizada, a propósito da qual foram muito citadas as influências do expressionismo alemão, na qual impressionava sobremaneira o, para a época, revolucionário emprego da iluminação e que explodiu como uma bomba no rançoso panorama da encenação brasileira da época. (MICHALSKI, 1985, p.11)

Com uma nova roupagem o teatro se expandiu no Brasil, surgiu o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), responsável por formar grandes nomes e dar base para o surgimento de outras companhias. Alguns anos mais tarde foi criado também o Teatro de Arena, propondo uma reformulação do espaço da plateia. Peças como *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, *Eles Não Usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, foram encenadas e ficaram gravadas para sempre na história. Uma vasta produção teatral de qualidade se propagava, podemos dizer que foram “anos dourados” para o teatro brasileiro, centralizado no eixo Rio – São Paulo. Augusto Boal agregou novos elementos quando voltou dos Estados Unidos, apresentando um teatro político e social:

[...] a partir de 1959, Augusto Boal, recém retornando de um curso de dramaturgia nos Estados Unidos, dotado de conhecimentos técnicos que faltavam aos seus jovens companheiros e assumindo um posicionamento político claramente definido, empenhou-se em conduzir progressivamente o Arena para um novo caminho, do qual fazia parte a popularização da sua linguagem. (MICHALSKI, 1985, p.13)

Chegando ao contexto político no ano de 1960, assumiu a presidência Jânio Quadros, cumprindo um curto tempo de seu mandato até renunciar ao cargo. Tal renúncia não chegou a ser compreendida até os dias atuais. Gerou-se aí o primeiro colapso que daria origem ao golpe militar de 1964. Segundo Arns (1988, p.57), a

crise institucional que surgiu representou o último ato dos preparativos para a ruptura de 1964.

O vice-presidente João Goulart sofreu veto por parte dos militares e não assumiu o cargo imediatamente. Somente após apoio de Leonel Brizola, acompanhado de forte movimentação popular, que saiu às ruas em massa, Jango tomou a presidência com poderes limitados, pois, novamente parafraseando Arns, receosos da guerra civil que se esboçava, os militares novamente recuaram, impondo, no entanto, o estabelecimento do sistema parlamentarista de governo, que retirava poderes do presidente (1988, p.57).

Em meio a toda essa tensão política, em Pelotas, surgiu a STEP, que teve a maioria dos seus festivais apresentados durante o regime militar, iniciado após dois anos de sua fundação.

Jango defendia reformas estruturais, dentro da qual havia planos de reforma agrária. Os sindicatos juntavam-se ao plano político, dando força “às lutas pró 'Reforma de Base' propostas por Goulart.” (ARNS, 1988, p.57). A situação só veio a piorar. Jango propôs as reformas de bases, conseguindo apoio de extensiva massa popular.

Estudantes, artistas e numerosos setores das classes médias urbanas vão engrossando as lutas por modificações nacionalistas, por uma nova estrutura educacional, pela Reforma Agrária e pela contenção de remessa de lucros. Também no âmbito parlamentar, estrutura-se uma frente nacionalista que faz crescer a pressão no sentido das reformas. (ARNS, 1988, p.58)

O golpe militar já estava sendo articulado logo após a renúncia de Jânio. Nem toda a população estava contente com as reformas propostas pelo novo presidente. A ala militar e elitista brasileira temia uma reformulação econômica que viria a depor o capitalismo. Logo depois do comício de 13 de março de 1964, ocorrido no Rio de Janeiro, na Praça da República, contando com mais de cento e cinquenta mil pessoas, pedindo a legalização do Partido Comunista Brasileiro e a reforma agrária, a situação acirra-se:

Tal comício era uma demonstração de força realizada como tentativa de paralisar a sedição, já em público andamento. É um momento muito forte, mas que não deixa saldo organizativo para um enfrentamento concreto. E leva os generais a marcarem data para a ação. (ARNS, 1988, p.59)

A articulação se dava também pelos meios de comunicação, que faziam

discurso anticomunista e amedrontavam o povo sobre as possibilidades de mudanças políticas que viriam a ocorrer. A igreja católica foi uma forte aliada dos militares, organizando a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Inclusive, todo o movimento teve apoio financeiro dos Estados Unidos para a dissipação de ideias contra ideais comunistas. Arns deixa claro em suas palavras quando diz que “praticamente toda a classe média e os setores importantes dos trabalhadores rurais e urbanos estavam ganhos pela propaganda anticomunista” (1988, p.59). Era irreversível a tentativa de amenizar toda a organização militar e direitista em andamento.

O teatro, por sua vez, vivia, na década de sessenta, a sua politização e luta pelas reformas sociais. Alguns grupos como o Centro Popular de Cultura do Rio de Janeiro, dirigido pelo sociólogo Carlos Estevam, Carlos Diegues e Ferreira Gullar e o Teatro de Arena de São Paulo, dirigido por José Renato, estavam envolvidos com o momento de crise política vivida no Brasil.

No início dos anos 60, por outro lado, começou a ser testado o uso do teatro como uma arma na luta pelas grandes transformações sociais que as esquerdas reclamavam: no Rio, o Centro Popular de Cultura da UNE, ao qual haviam aderido alguns artistas saídos do Arena, liderados por Oduvaldo Viana Filho, montou um dinâmico esquema de atividades *agit-prop*, permitindo preparação de pequenos esquetes circunstanciais para serem encenados em comícios, manifestações de rua, etc. E no Nordeste os Movimentos de Cultura Popular utilizavam amplamente as técnicas teatrais nas suas campanhas de conscientização e catequização política das populações interioranas. (MICHALSKI, 1985, p.15).

No dia primeiro de abril de 1964 aconteceu o golpe militar. A partir desse momento o cenário teatral sofreu grandes transformações. Claro, isso não se deu instantaneamente, foi aos poucos acontecendo com a ascensão do domínio militar. O arrocho se deu, para a arte e todos os envolvidos, com a criação do Ato Institucional nº 5 no ano de 1968, no qual a liberdade de expressão não mais era permitida. Todavia explanaremos melhor sobre estes fatos e também sobre os Anos de Chumbo na sequência deste trabalho.

Jango se viu obrigado a largar o poder após a marcha das tropas militares em direção ao Rio de Janeiro. Renunciou à presidência e ficou foragido no Uruguai. Arns reafirma dizendo:

Em 1º de abril de 1964, é vitoriosa a ação golpista, praticamente sem resistência. Era evidente que todo aquele movimento nacionalista e popular, estruturado em bases

essencialmente legais, não tinha condições de enfrentar a força das armas. A gestão chega ao final e o Brasil entra numa fase de profundas transformações. (ARNS, 1988, p.59)

Os reflexos foram imediatos. Por coincidência, na mesma data do golpe, o prédio da União Nacional de Estudantes (UNE) sofreu um incêndio, destruindo o moderno auditório para apresentações teatrais. Pode ser pretensiosa a afirmação, mas já se começava a sentir o que estava por vir nos anos subsequentes.

O incêndio não se limitava a reduzir o auditório a um monte de escombros: nas suas chamas morria também o CPC, imediatamente colocado, como a própria UNE, fora da lei. E morria todo o projeto de um teatro engajado ao qual muitos dos melhores artistas do país se vinham dedicando nos últimos anos. (MICHALSKI, 1985, p.16)

Não só o Centro Popular de Cultura (CPC) foi afetado, mas também o Arena, que era responsável pela maior movimentação do teatro político da época. As atividades foram aos poucos sendo reduzidas, por haver receio do que poderia vir a acontecer.

É assim que o Arena, depois de ter lançado dois meses antes do golpe *O Filho do Cão*, de Guarnieri, deu uma pausa nas suas atividades antes de apresentar, já em setembro, *Tartufo*, de Molière, sua primeira tentativa de adaptar-se às novas condições. (MICHALSKI, 1985, p.16)

Entramos na época mais escura para a arte brasileira, onde artistas e ativistas de esquerda foram perseguidos e mortos. A única saída era exilar-se para conseguir escapar das mãos sanguinárias dos militares. O primeiro general a assumir a presidência foi Castelo Branco, um homem que frequentava casas de espetáculos e era amante das artes, mas como comenta Michalski, “quem iria desconfiar que um governo chefiado por um presidente aparentemente tão bem intencionado em relação ao teatro iria transformar-se num inimigo dessa atividade?” (MICHALSKI, 1985, p.17).

Restou à atividade teatral fazer oposição, dar-se totalmente à causa popular e à luta pela democracia.

Artistas que se identificaram com a prática de um teatro comprometido politicamente debruçaram-se, alguns de forma sistemática, sobre os escritos e sobre a dramaturgia de Bertolt Brecht, assim como sobre as conquistas formais do diretor alemão Erwin Piscator e do encenador russo Meierhold. Esse repertório artístico foi incorporado ao debate, no período anterior a 1964, com o intuito de oferecer suporte a trabalhos sintonizados com a mobilização popular, ao passo que, no

momento posterior a esse acontecimento, impulsionou práticas de resistência. Nesse processo, a obra de Bertolt Brecht, mais que uma dimensão formal e investigativa, foi mobilizada para ampliar o diálogo entre a arte e sociedade, colocado a serviço da politização e do engajamento do teatro pela defesa da liberdade e de um país com justiça social. (GUINSBURG; PATRIOTA, 2012, p.168)

A ditadura foi, aos poucos, criando força. Em 1964 ainda, os militares conseguiram, seguindo Arns, a cassação de 378 políticos, dos quais três foram presidentes da república; seis governadores de estado; dois senadores; 63 deputados federais e mais três centenas de deputados estaduais e vereadores. “Foram reformados compulsoriamente 77 oficiais do Exército, 14 da Marinha e 31 da Aeronáutica” (ARNS, 1988, p.61). No ano subsequente, criou-se o Ato Institucional de nº2, no qual se dava fim a todo e qualquer partido político brasileiro, tornando também as eleições para presidência indiretas. “Pelo Ato Institucional nº3 de fevereiro de 1966, também as eleições para governadores dos estados são tornadas indiretas.” (ARNS, 1988 p.61) Isso nos dá a referência sobre a dimensão do poder que os militares começaram a ter sobre a nação. Não era mais contada a opinião do povo, simplesmente passou-se sobre toda e qualquer legalidade ou o que chamamos de democracia.

As movimentações teatrais no Rio de Janeiro eram grandes. Com o intuito de lutar contra a situação em que a nação se encontrava, nomes de grande peso defendiam a causa, apresentando espetáculos de resistência e “já no fim do ano, em dezembro, nasce a primeira semente daquilo que viria a ser uma das mais fortes trincheiras teatrais contra o regime militar [...]” (MICHALSKI, 1985, p.20) Aparecem engajados, Boal, Zé Kety, Vianninha, João das Neves, Ferreira Gullar, Paulo Pontes, entre outros.

No ano de 1965, dirigido por Paulo José, a peça *Arena Conta Zumbi* é representada em São Paulo, como também a peça de Nelson Rodrigues, *Toda a Nudez Será Castigada* “e assistimos no Teatro Opinião, com emoção e fervor, a um espetáculo pioneiro daquilo que viria a ser, a partir de então, o chamado ‘teatro de resistência’: *Liberdade, liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel [...]”. (MICHALSKI, 1985 p.22) E em março desse mesmo ano começaram os cortes e a situação para arte foi se agravando gradativamente:

Em março, acontece, no Rio, a primeira proibição total de um texto, *O Vigário*, de Rolf Hochhuth. Em maio, a atriz Isolda Cresta é detida, antes de uma sessão de *Electra*, por ter lido na

véspera um manifesto contra a intervenção na República Dominicana. Em julho, o conflito se exacerbou, com a primeira proibição de um espetáculo prestes a estrear, *O berço do herói*, de Dias Gomes. (MICHALSKI, 1985, p.23,24)

A censura foi se alastrando atingindo cada vez mais o teatro. Muitos textos foram proibidos e outros cortados para poderem ser apresentados. Os cortes transfiguravam o real sentido das dramaturgias, causando uma perda incalculável aos espetáculos. Os dramaturgos e demais envolvidos na criação das peças, viram-se obrigados a criar subtextos tanto na escrita quanto na atuação. Era preciso burlar toda e qualquer forma para poder levar a ideia ao público, podendo contestar o momento vivido. As apresentações convencionais de palco italiano, aos poucos foram deixadas de lado, pois se procurava outras formas de melhor expor o conteúdo. Segundo Michalski, o teatro voltou-se para suas raízes ritualísticas, contextualizando o fazer teatral em teóricos como Antonin Artaud e Grotowski. Brecht ganhava espaço e força, pois sempre foi e sempre será referência de um teatro político e social.

A censura continua frenética. Alguns dos seus desatinos: invasão do Teatro Jovem, no Rio, para impedir a realização de um debate sobre Brecht, que seria autorizado alguns dias depois; cortes em *Terror e miséria do III Reich*; detenção, em Maceió, de um elenco carioca que apresentava *Joana em flor*, de Reinaldo Jardim, seguida de queima de exemplares do livro em praça pública; eliminação do texto de *O homem de princípio ao fim*, após vários meses em cartaz, da carta-testamento de Vargas e de uma oração de Santa Tereza d'Ávila. (MICHALSKI, 1985, p.28)

No ano de 1967 foi nomeado outro militar para assumir a presidência do país, Costa e Silva não amenizou a situação, mas sim concretizou fatalmente a ditadura por forças maiores. Pois quando assumiu a presidência, Silva almejava a volta da democracia. Porém a oposição foi forte o suficiente para fazê-lo abster-se da ideia. No mesmo ano “inúmeras peças, incluindo *Dois Perdidos*, *Navalha na carne*, *Volta ao Lar* e *O rei da vela*, sofrem cortes ou outros problemas com a censura.” (MICHALSKI, 1985, p.33)

Pressionado pela direita e pela esquerda – já que, pelo país explodiam manifestações estudantis e greves operárias -, Costa e Silva viu-se forçado a abrir mão de seus planos liberalizantes e respondeu com o endurecimento político. Após a morte do estudante Édson Luís Souto, em março de 1968, a passeata dos Cem Mil, em junho, e o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, em setembro, o general capitulou e decretou o AI-5 [...] (BUENO, 2003, p.374.)

Em 1968, a situação tornou-se insustentável, a repressão para toda manifestação popular era severa. Qualquer ato contra o estado era fortemente repreendido. Políticos, ativistas de esquerda, artistas, todos eram perseguidos e torturados. Muitos optaram pelo exílio. Era a única saída para poder escapar da violenta repressão. Podemos observar o reflexo e a brutalidade dessa época em uma entrevista de Plínio Marcos que dizia:

Eu morri como autor. Sou um ex-dramaturgo, morto; sou um dramaturgo morto. Sem possibilidade de... Para mim só tem sentido fazer alguma coisa séria, no palco, quando este palco é uma tribuna livre, onde se pode discutir até às últimas consequências o problema do Homem. Não sendo assim, não vejo porque escrever peça. (MARCOS, citado por GUILLÉN, 1978, p.101)

A ação militar estava realmente matando, no sentido literal da palavra. A severidade e as punições eram absurdas e desumanas. Casas de espetáculo eram invadidas, atores espancados e perseguidos. A imoralidade permeava a atitude repressora.

A tensão chega ao auge em julho, quando o Comando de Caça aos Comunistas invade em São Paulo o teatro onde está sendo apresentada *Roda-viva*, de Chico Buarque, espanca e maltrata vários membros do elenco e destrói o cenário e o equipamento técnico. Em setembro, o elenco da mesma peça volta a ser agredido, desta vez em Porto Alegre, e a censura acaba por proibir o espetáculo. (MICHALSKI, 1985, p.36)

O teatro foi morrendo aos poucos, a situação era insustentável. Médici assumiu o cargo como presidente, com mãos de ferro levou o Brasil. A classe artística foi quase ou totalmente calada. Era impossível ir contra todo o sistema repressivo, pois não havia perdão, toda e qualquer movimentação antigovernamental era brutalmente dissolvida. Dando um salto temporal na análise histórica, chegamos ao ano em que a Sociedade de Teatro de Pelotas encerrou suas atividades. “A ação da censura chega, em 1971, a um nível tão delirante que qualquer tomada de posição diante da realidade nacional, por mais metafórica que seja, torna-se virtualmente impossível.” (MICHALSKI, 1985, p.47) Não há muito mais o que falar sobre essa época sombria, desumana e horripilante que se vivia em nossa nação. Massacres, torturas, perseguições, mortes. A brutalidade dos militares ultrapassou todo e qualquer limite aceitável. O teatro promissor impulsionado por Ziembinski morria tragicamente.

Nesse cenário terrível, em contraste, aconteciam em Pelotas festivais de teatro a que acorriam não só grupos da cidade e de outras partes do país, mas também do Uruguai e da Argentina, exibindo tranquilamente peças sem sofrer censura alguma e concedendo aos melhores artistas um troféu com a efígie de Bertolt Brecht.

II A tradição cultural pelotense

A cidade gaúcha de Pelotas, localizada no extremo sul do território brasileiro, é conhecida como a “Princesa do Sul”, mas também já foi chamada de “Atenas Rio-grandense”.

Os poderosos charqueadores que a enriqueceram e a fizeram prosperar, usando mão de obra escrava, construíram uma cidade com feitiço urbano e arquitetura europeia, admirada até hoje nas construções existentes no entorno da praça Coronel Pedro Osório.

Uma cidade que desenvolveu a arte e a cultura, assim como hábitos e costumes curiosos para o resto da província de São Pedro, recebeu influências diretas da França, um pólo artístico de projeção internacional. Uma dessas influências foi o teatro, com público suficiente para tornar-se uma referência e local de passagem de companhias teatrais, a caminho de Montevideu e Buenos Aires.

Segundo cita Carlos Reverbel (Reverbel, 1981, p. 114), o historiador pelotense Paulo Duval dizia não saber de nenhuma outra cidade cuja instituição mais antiga fosse o seu teatro, como acontecia com Pelotas.

Em 1831, ainda era uma pequena vila com cerca de 600 casas. A freguesia de São Francisco de Paula só transformou-se em cidade em 1835, quando lhe deram o nome de Pelotas. E já tinha seu teatro, o Sete de Setembro.

De fato, há relatos sobre atividades teatrais na cidade desde 1831, mas efetivamente, nada muito concreto. Havia somente o Teatro Sete de Setembro, qual provavelmente não estava estruturada como uma casa de espetáculos. A casa de maior importância foi construída em 1833, com o nome de Theatro Sete de Abril, em homenagem ao dia da abdicação de Dom Pedro I em favor de seu filho. O responsável pelo projeto do teatro foi o engenheiro alemão Eduardo Von Kretschmar, e o construtor José Vieira Viana foi o responsável pela execução da obra.

O teatro só veio a acrescentar culturalmente à cidade, pois, além de incentivar a produção local, trouxe de outros países peças inéditas no Brasil. Dois países, principalmente, traziam espetáculos para Pelotas: Itália e Portugal. E também havia apresentações nacionais, mas ainda bastante incipientes no cenário teatral. O movimento de estrangeiros tornou-se intenso, favorecendo a troca cultural. A existência de uma boa casa de espetáculos fez com que Pelotas fosse parada obrigatória das companhias artísticas que circulavam pelo Brasil meridional e pela

região do Prata.

O Theatro Sete de Abril passou por reformas ao longo dos anos, porém nunca houve alterações significantes antes de 1916. Quem gerenciava essa casa de espetáculos eram os membros da Sociedade Cênica Sete de Abril, composto principalmente por barões e donos de comércios. Chegando o final do reinado de Dom Pedro I, o nome mudou, chamando-se então Associação Theatro Sete de Abril. Durante a guerra do Paraguai, o teatro fechou suas portas.

Surgiram, no século XIX, companhias teatrais locais, encenando peças de autores locais como João Simões Lopes Neto (1865-1916) escritor de expressão nacional tardiamente reconhecida. Entre suas peças, escritas sob o pseudônimo de Serafim Bemol, citamos duas que tiveram encenações modernas: *Os Bacharéis* e *Viúva Pitorra*. Francisco Lobo da Costa (1845-1888), também autor pelotense, teve sua peça *O Filho das Ondas* apresentada em várias cidades da região, marcando a dramaturgia gaúcha da época. Além desses dois autores, houve um outro notável, já no século XX, Alexandre Abadie Faria Rosa (1889-1945). Segundo Helena Zanella Prates, “foi crítico teatral, teatrólogo, presidente da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) [...] e diretor do Serviço Nacional de Teatro (SNT), maior órgão de teatro até os anos 1960.” (2005, p.22)

Pelotas ganhou outras casas de espetáculo ao correr dos anos, sendo elas o Cineteatro Coliseu, o Cineteatro Politeama (os dois de 1910), o Teatro Talia, o Teatro Dante Alighieri (este último modificou o nome duas vezes, primeiramente chamando-se Teatro da Liga Operária e, por último, Teatro 1º de Maio).

O Brasil apresentava um grande atraso na circulação de informações, já que os meios de comunicação eram rudimentares.

A cidade do charque estava em equilíbrio, no máximo do desenvolvimento econômico, num ritmo ascendente, chegando a ter seu próprio banco, o Banco Pelotense. Criado em 1906, teve curta existência, fechando as portas no ano de 1931. A expansão permitiu ao banco abrir filiais em várias cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil. Com sessenta e nove filiais, o Banco Pelotense chegou a estar entre os três mais ricos do país.

Os reflexos da Primeira Guerra Mundial pouco atingiram Pelotas. Em junho de 1914, foi criado aquele que é hoje o grupo teatral brasileiro mais antigo em atividade no país. Denominado Corpo Cênico do Apostolado dos Homens da Catedral, em 1946 passou a chamar-se Teatro Escola de Pelotas, nome que conserva até os dias

de hoje.

Em termos culturais, o Brasil estava submergido nas vanguardas, como o cubismo, o expressionismo, o dadaísmo, o surrealismo, dentre outras, abarcando toda a cultura, desde a música, literatura e artes plásticas. O Modernismo foi selado e deu sua cara na Semana de Arte Moderna de 1922, na cidade de São Paulo. Foram muitas as representações artísticas e artistas presentes, como Tarsila do Amaral e Villa Lobos. Era a data de desvencilhamento do realismo, um movimento contra que procurava inovar, trazendo outra cara à nossa cultura. Foi a possibilidade e o contato do nosso país com o que havia de mais novo “lá fora”. O modernismo no teatro chegou mais tardiamente, ele não esteve presente nesse evento.

A crise de 1929 afetou todo o mundo, inclusive a cidade de Pelotas. A quebra da bolsa de valores de Nova York foi o marco dessa crise. A produção cafeeira sofreu forte abalo pela baixa na exportação do produto, causando a desvalorização. O governo, para manter o preço do principal produto nacional, comprou e queimou toneladas de café. A crise gerou a Revolução de 30 e o fechamento das portas do Banco Pelotense em 1931.

Considerando a proximidade com a cultura europeia, era um ato de refinamento participar de encenações e frequentar casas de espetáculos. Alguns jovens, em contato com a língua francesa, lançavam-se ao teatro. Mas o teatro nacional estava bem atrasado em relação ao que era apresentado fora. Muito tardiamente chegaram informações novas, sobre a esquematização do fazer teatral e a figura do diretor. Pois estes, a maioria jovens, envolvidos com a atividade, nessa época, preocupavam-se apenas em decorar suas marcações no palco e apropriar-se minimamente do texto. A figura do “ponto” era largamente usada.

Sob influência do Teatro de Revista, os figurinos das peças aqui produzidos, eram carregados, os atores usavam maquiagens e adereços exagerados, causando identificação para com o público acostumado com a estética. Saindo do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, chegavam aqui as novas tendências teatrais.

Por questões políticas, o país estava agitado, pois na década de 30, houve o golpe de estado que depôs o presidente Washington Luís. Júlio Prestes foi impedido de tomar a presidência e assumiu provisoriamente o poder o gaúcho Getúlio Vargas. Sua posse aconteceu no dia 3 de novembro de 1930, data que marcou o fim da República Velha.

Houve, também, muita censura no teatro nacional, mas, mesmo assim, a arte

cênica não esmoreceu. Depois da Primeira Guerra Mundial, o advento do rádio facilitou a comunicação, trazendo novidades aos recantos longínquos como Pelotas. Pelo rádio também chegaram as novelas.

Em 1939, o mais antigo grupo teatral da cidade, o Teatro Escola de Pelotas (TEP), comemorou seu Jubileu de Prata encenando, no Theatro Sete de Abril, o sucesso nacional *Onde Canta o Sabiá*, de Gastão Tojeira.

Já na Segunda Guerra Mundial, o teatro nacional sofreu forte decadência, causada por vários motivos, sendo o principal a economia fragilizada do país. A entrada do Brasil na guerra se deu pelo bombardeamento de navios mercantes por submarinos alemães e italianos, em resposta à adesão do Brasil à Carta do Atlântico. Após sucessivos ataques e propostas feitas pelos Estados Unidos, o Brasil aderiu à guerra.

O campo para o desenvolvimento do teatro estava favorável após a Segunda Guerra, com a criação de novos grupos, que adquiriram uma nova cara, mesmo com a tensão da Guerra Fria (disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética, conflito que durou até a década de 1990, com a dissolução da URSS).

Na cidade de Pelotas, havia diversidade e criação de novos grupos, tal como o Grupo de Arte Popular, criado por Solano Trindade.

Nas décadas de 1930 a 1950, muitos artistas de renome, como Procópio Ferreira, Abel Pêra, Itália Fausta, Maria Della Costa, Paulo Autran, Tônia Carrero, Paulo Goulart e outros apresentavam-se em Pelotas com suas companhias.

Também, na mesma época, a produção cinematográfica ganhou força com a criação de companhias, como a Companhia Cinematográfica Atlântida, do ano de 1941 e posteriormente a Vera Cruz, no ano de 1949. Isso possibilitou muitos atores não só atuarem nos palcos, mas também nas telas.

O teatro nacional no pós-guerra ganhava força. Um grande grupo, responsável por muitas inovações do teatro brasileiro foi o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). Na mesma época surgiu a Escola de Arte Dramática (hoje incorporada à Universidade de São Paulo), tendo a intenção de profissionalizar os trabalhadores da arte, dando acesso à teoria e prática do fazer teatral.

A economia brasileira vivia um aquecimento total no ano de 1950, com o populismo e nacionalismo já implantado por Vargas anteriormente. A economia do país foi aberta, e surgiu a política dos *Cinquenta anos em cinco*, criado pelo presidente Juscelino Kubitschek. Este garantia que, abrindo as portas para

empresas estrangeiras, o país cresceria em apenas cinco anos o que levaria cinquenta anos para se dar. As tecnologias chegaram em peso e a difusão do rádio foi marcante e de extrema importância para o fortalecimento das radionovelas.

Pelo atraso de informação e resistência dos encenadores, o ponto, em Pelotas, manteve-se e o trabalho sobre o aspecto emocional dos personagens foi negligenciado pelos artistas. Os esquemas de marcação de palco obedecendo um certo padrão e a pouca apropriação do texto continuavam, também pelo fato das companhias apresentarem grande repertório de peças, tornando difícil um aprimoramento da arte final apresentada ao público.

Na década de 1960 chegou a televisão, trazendo com ela dramaturgia e atuações notadamente realistas, que perduram até a atualidade.

O cenário teatral brasileiro ainda era promissor, com grandes espetáculos em circulação. Surgiam novos dramaturgos, com peças não apenas voltadas ao entretenimento, mas também opinativas e extremamente políticas.

III Festivais da STEP

1962

Em 1962, ano do sesquicentenário de Pelotas, havia uma grande agitação cultural na cidade. As artes cênicas geravam grande entusiasmo, pela recente apresentação do Teatro Nacional de Comédia, patrocinado pela Prefeitura, que trouxe do Rio de Janeiro o elenco dirigido por José Renato, encenando no Theatro Sete de Abril duas grandes peças do repertório nacional: *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, e *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues.

Além disso, Porto Alegre sediava o Festival Nacional de Teatro de Estudantes, sob a liderança do Embaixador Paschoal Carlos Magno, com grupos universitários de todo o país. Provavelmente foi esse o modelo dos Festivais da STEP.

Nesse ano, a cidade contava com um grande número de grupos amadores, alguns deles formados por estudantes e consolidados há algum tempo. Entre os grupos existentes estavam o Teatro-Estúdio, o Teatro dos Bancários, o Teatro Universitário (TUP), o Teatro dos Estudantes Secundaristas (TESP), e o já tradicional, quase cinquentenário Teatro Escola de Pelotas (TEP).

O advogado Ruy Brasil Barbedo Antunes, grande apreciador de teatro e cinema, havia elaborado na época os estatutos de uma sociedade com a finalidade de promover a arte e a cultura na cidade, dando ênfase ao teatro. Como Valter Sobreiro Junior (que na época usava o nome artístico de Walter Júnior) tinha uma ideia semelhante, encontrou-se com Ruy para conversarem sobre o projeto. Assim, numa tarde de maio de 1962, numa mesa da casa de chá e restaurante Suzuki, localizada no centro de Pelotas, ao lado da sede do Diário Popular, a STEP foi criada por esses dois personagens. Ruy e Valter estruturaram a Sociedade de Teatro de Pelotas e a sigla que a identificaria - STEP, consolidando sua organização e seus estatutos.

Ao mesmo tempo, pensaram nas outras pessoas que seriam convidadas para ocupar os cargos de diretoria: Aldyr Garcia Schlee (já ligado ao TUP), L. C. Corrêa da Silva e Joaquim Salvador Coelho Pinho, Jota Pinho (do elenco do TEP) e Joaquim José Assumpção Osório, que assumiria a função de Presidente. No ano seguinte, Walter Júnior e L.C. Corrêa da Silva abriram mão da gestão administrativa da STEP para seguirem produzindo, e o Presidente, por motivos profissionais, deixou seu cargo. O jornalista Luiz Fernando Lessa Freitas passou a integrar a

Diretoria, e a presidência da Sociedade foi oferecida ao empresário Antônio Franqueira Moreira

A proposta da STEP era promover a arte e a cultura, basicamente, com destaque para o teatro, como já se viu. Além de realizar cursos e festivais, a STEP propunha-se a trazer grupos teatrais de fora de Pelotas e apoiar todas as iniciativas de caráter artístico-cultural.

O I Festival de Teatro de Pelotas realizou-se no Teatro da Escola Técnica (hoje denominada IF-SUL), com a duração de cinco dias, de oito a treze de julho de 1962. Cinco grupos, todos da cidade de Pelotas, apresentaram-se no decorrer do festival, totalizando seis peças. O primeiro espetáculo, apresentado no dia oito, abrindo o evento, de caráter competitivo, foi *Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu Jardim* (1928), de Federico García Lorca, montagem do Teatro-Estúdio, patrocinado pela Rádio Cultura. A direção era de Paulo Machado, que também fazia parte do elenco.

Na terça, dia 10, houve mais uma apresentação, *O Pega-Fogo*, do francês Jules Renard, dirigido por Nadir Carvalho. Como Paulo Machado, Nadir Galotti Carvalho também atuava no elenco da peça que dirigia. O responsável pela cenografia foi Aldyr Garcia Schlee, membro da diretoria da STEP, escritor e artista plástico. Sendo ele um dos entrevistados neste trabalho, relatou que gostaria de ser mais conhecido como escritor, mas a maioria das pessoas lembra seu nome como o do criador da camiseta da Seleção Brasileira, a Canarinho. Até nos dias atuais ele brinca com o fato. A transcrição dessa entrevista está presente nos anexos.

O Teatro Escola de Pelotas esmerou-se, trazendo para concorrer duas peças no mesmo dia, 11 de julho. Uma prova do grande empenho de L.C. (Luiz Carlos) Corrêa da Silva com a arte, pois, além de ser um dos idealizadores da Sociedade, também dirigia o Teatro Escola. No festival dirigiu *O Canto do Cisne*, de Anton Tchekov, e *O Homem da Flor na Boca*, de Luigi Pirandello, ainda integrando o elenco, que contava também com Jota Pinho e Angenor Gomes.

Na época do Festival, com o afastamento do diretor do grupo, David José Zanotta, por motivo de saúde, L.C. liderava o TEP interinamente.

No dia doze foi apresentada a peça *O Estigma da Cruz*, de Eugene O'Neill, encenado pelo Teatro dos Estudantes Secundaristas (TESP) e quem dirigia era Justino Silva, de Porto Alegre. Outro importante grupo local apresentou-se no dia treze, o Teatro dos Bancários, com uma peça de Agatha Christie, *Testemunha de*

Acusação (1953). O diretor do grupo, João Soares dos Santos (conhecido como Jotares) foi um dos fundadores do Teatro Escola de Pelotas.

A premiação era dividida em sete categorias. Eram elas: melhor espetáculo, melhor direção, melhor ator, melhor atriz, melhor ator coadjuvante, melhor atriz coadjuvante, melhor cenografia. Havia ainda a possibilidade de o júri atribuir prêmios especiais, a seu critério. Naquele ano, os jurados foram: Noêmia Echenique Magalhães, Gizela Soares Dias da Costa, Iolette Pinto Bandeira, Adail Bento Costa, Paulo Germano Petrucci. Eram pessoas ligadas à vida cultural da cidade. Noêmia e Gizela pertenciam à Sociedade de Cultura Artística e ao Clube de Cinema. Adail era um famoso artista plástico e colecionador de arte. Iolette e Paulo eram atores e também atuavam no rádio.

Como melhor espetáculo foi escolhido *O Pega-Fogo*, encenado pelo TUP. L.C. Corrêa da Silva consagrou-se com dois prêmios; o de melhor direção e melhor ator. Nadir Carvalho, da peça *O Pega-Fogo*, levou o prêmio de melhor atriz. O prêmio de melhor ator coadjuvante ficou com José Luiz Mendonça, da peça *Testemunhas de Acusação*. Aldyr Garcia Schlee levou o prêmio de melhor cenografia, com a peça *O Pega-Fogo*. O prêmio de melhor atriz coadjuvante ficou para Nanci Rota Azevedo, por sua atuação em *Estigma da Cruz*. E um prêmio especial foi destinado a Roberto Gigante, por sua atuação em *O Pega-Fogo*.

Nessa primeira edição, o festival foi denominado Semana do Teatro Amador – um dos vários nomes, ao longo dos anos, dados ao Festival da STEP, que terminou como um certame internacional. A peça vencedora, *O Pega-Fogo*, foi reapresentada no Theatro Sete de Abril, no dia 2 de agosto, encerrando o evento.

Há no programa da peça *Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu Jardim*, algumas mensagens de apoiadores, dentre eles o Lions Club e o Sulbanco. Os grupos, segundo Valter Sobreiro Junior, recebiam apoio econômico de empresas e outras entidades, que viabilizava suas montagens. Ainda segundo Valter, os empresários eram, em sua maioria, espectadores amantes das artes, e decidiam o apoio a ser dado sem a intermediação das agências de publicidade, que começaram a surgir na década de 1970.

Festival do Autor Pelotense

No final daquele ano, em que a cidade comemorava 150 anos de fundação, a STEP realizou mais um festival, também na Escola Técnica (IF-SUL), com duração de oito dias. Não há muita informação nos jornais sobre este acontecimento. Do dia 20 a 28 de dezembro, apresentaram-se três peças, todas de autores locais.

O primeiro espetáculo do Festival do Autor Pelotense foi *Órfãos de Pais Vivos*, do Grupo Sociedade Artística, com texto de Luiz Carlos Irigoyen (também diretor e ator) e Paulo Ribeiro. Contava com um elenco de seis pessoas.

Uma atividade pequena, mas importante para apoiar a produção local, que trouxe no dia 22, o Teatro Universitário (TUP), apresentando o espetáculo *Relâmpago*, de Angenor Gomes e Jota Pinho. A direção era também de Angenor, contando ainda com a sua participação no elenco, que tinha também com Ivanosca dos Santos, Iolette Bandeira, Jota Pinho e L.C. Corrêa da Silva.

No dia vinte e oito, atuando em uma e dirigindo em outra, L. C. traz, com o Teatro Escola de Pelotas, a peça *Traição da Linhagem*, escrita por Alvacyr Faria Collares. No elenco estavam Jota Pinho, Iolette Bandeira e Angenor Gomes.

O júri estava constituído por Ruy Brasil Barbedo Antunes (Presidente do Conselho Deliberativo da STEP), Sérgio Abreu Neves (do Teatro dos Bancários), Gilberto Marchese Adures (que futuramente lideraria um Núcleo de Cinema integrando a STEP), Aldyr Garcia Schlee e Roberto Gigante (ambos do TUP).

A premiação não foi informada pelo Diário Popular, mas há uma informação numa coluna de teatro do jornal, anos depois, de que Iolette Bandeira teria sido reconhecida como a Melhor Atriz, por *Traição da Linhagem*, e que Jorge Requião e José Luiz Mendonça teriam sido premiados por sua atuação em *Órfãos de Pais Vivos* e *Relâmpago*, respectivamente.

A STEP fez agradecimentos à Escola Técnica, pelo empréstimo do teatro para a realização das atividades anuais, e também ao Círculo Operário Pelotense, pela cedência de seu teatro para ensaios dos grupos.

1963

No ano de 1963, o Festival, já denominado oficialmente II Festival de Teatro de Pelotas, foi realizado no Theatro Sete de Abril. Teve a duração de seis dias, iniciando no dia 2 e findando-se no dia 8 de outubro.

No primeiro dia, o Teatro Escola de Pelotas fez a abertura do Festival com o texto de John Steinbeck, *Amor Ardente*. A direção era de L.C. Corrêa da Silva, contando também com a sua atuação. No elenco estavam ainda Tati Couto, Jota Pinho e Angenor Gomes.

Nesse segundo Festival, grupos de outras cidades do Rio Grande do Sul também vieram concorrer. Abria-se um novo espaço dentro do Festival, que adquiria caráter estadual e não mais municipal. Um desses grupos foi o Grupo Teatral do Centro Acadêmico Balduino Rambo da Faculdade de Filosofia da Unisinos, vindo de São Leopoldo. No dia 3 apresentou *Testemunha de Acusação* (1953), de Agatha Christie, com a direção de Hilário Dick, e um elenco composto por doze atores.

No dia 4, Walter Júnior teve seu primeiro texto teatral encenado, *O Infeliz Jovem Rei*, apresentado pelo Grupo Experimental de Teatro. Os atores pelotenses eram: Roberto Gigante, Hilda Regina Albantes, Terezinha Hallal, Paulo Machado, Nancy Rota Azevedo, José Luís Mendonça, Francisco Voser, Antônio Carlos Pereira e Antônio Antonacci. A direção era de Justino Siva, porto-alegrense que no primeiro festival dirigira *O Estigma da Cruz*.

Porto Alegre fez-se representar por três grupos. O primeiro foi o Teatro do Serviço Social do Comércio de Porto Alegre, que trouxe dois trabalhos. No dia 5, o grupo encenou duas pequenas peças: *A Pequena Lua de Prata*, de Baar e Stevens e *O Médico e a Morte*, de Heltai e Jones. Quem dirigia a peça (e também nela atuava) era J. Carlos Caldasso. O elenco era composto por ele, Rudolf Steiner, Eri Steinke e David Camargo. Outro trabalho apresentado pelo grupo foi *A Camisola do Anjo* (1950), dos autores Pedro Bloch e Darci Evangelista. No elenco estavam Fernando Cabrera, Margarida Linera e Rosa Martins.

Dia 6 veio aos palcos a representação de uma comédia antiga, importante para o cenário teatral brasileiro, *O Noviço* (1845), de Martins Pena, por um segundo grupo da capital, o Nosso Teatro, com a direção de Edson Nequete. O grupo ainda apresentou o espetáculo *Desfile de Comédias* (*Pedido de Casamento*, *Marido em*

Veraneio e Monólogo do Fumo), de Anton Tchecov. O diretor era Murilo Fernandes, que também atuou na peça.

No encerramento, dia 8, apresentou-se *Nós, As Testemunhas*, de Eduardo Campos, o terceiro grupo de Porto Alegre a participar do festival. O Teatro Cinco de Setembro, era dirigido por César Magno, que além de dirigir, também atuava junto ao elenco de cinco atores, entre eles Aron Menda, que participou de festivais posteriores como convidado e membro do júri, sendo, entre outras titularidades, Delegado Regional da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais).

O júri, nesse ano, foi composto por Benette Casareto Motta, Gizela Soares Dias da Costa, Noêmia Echenique Magalhães, Ruy Brasil Barbedo Antunes, Joaquim José Assumpção Osório e Antônio Franqueira Moreira. Interessante notar que, nesse corpo de jurados, estavam o Presidente da STEP (Osório) demissionário, e o que assumia seu lugar (Moreira).

A peça escrita por Walter Júnior, produzida pelo Grupo Experimental de Teatro, foi bem recebida pelo público e ganhou o prêmio de melhor espetáculo. Também por *O Infeliz Jovem Rei* foram premiados o diretor Justino Silva, o ator principal Roberto Gigante e a atriz coadjuvante Terezinha Hallal. Walter Júnior levou dois prêmios, o de melhor cenografia e um prêmio especial do júri pelo texto.

Os demais prêmios foram para Angenor Gomes (melhor ator coadjuvante, por *Amor Ardente*) e Lídia Ilzuk (melhor atriz, por *Nós, as Testemunhas*).

Foi a partir de 1963 que os críticos e comentaristas de teatro passaram a frequentar as páginas do principal jornal da cidade. O primeiro foi Aldyr Schlee, escrevendo um longo e entusiasmado artigo sobre *O Infeliz Jovem Rei*. Depois vieram Ruy Antunes (R. Baran), José Luiz Marasco Cavalheiro Leite (Luís Cavalheiro) e o próprio Antônio Moreira (sob o pseudônimo Azdak – nome de uma notável personagem da peça *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertolt Brecht). Também os cronistas sociais davam sua opinião: Carlos Alberto Motta e Henrique Luiz, além de Hehon de Leon (este no *Diário de Notícias*).

Nesse mesmo ano foi publicada uma nota importante sobre o destino da Sociedade de Teatro de Pelotas, na edição de 25 de dezembro do *Diário Popular*. Em reunião extraordinária, a STEP havia eleito novos dirigentes para o Conselho Deliberativo. Com a saída simultânea de Ruy Antunes, Jota Pinho, Aldyr Schlee e Fernando Freitas, a STEP elegera e dera posse a Roberto H. Burnet, José Ilton Schlee, Sérgio José Abreu Neves (um dos entrevistados neste trabalho) e Carmen

Carpena Moreira, esposa de Antônio Franqueira Moreira.

Segundo Valter Sobreiro Junior, Moreira não se conformou com o cargo decorativo de presidente e quis alterar os estatutos para poder vetar as decisões do Conselho Deliberativo. Assim, alterando os estatutos e ganhando plenos poderes, o Sr. Antônio Franqueira Moreira “adonou-se” da STEP.

1964

As pessoas que conheceram Antônio Franqueira Moreira relatam o seu empenho na realização de eventos grandiosos, no âmbito da cultura local. Descendente de portugueses, seu pai era o proprietário da Serraria Reis, uma firma importante da região. Pelo que dizem, era homem de grande cultura, entendido em arte, literatura, cinema, teatro. Foi por iniciativa sua que a STEP trouxe a Pelotas espetáculos importantes e mostras de cinema europeu, exibindo filmes inéditos na cidade. No entanto, pelo seu modo de ser, autoritário, impulsivo e até grosseiro às vezes, Moreira afastou de si muitas pessoas da STEP e de outros círculos sociais.

Enfim, instaladas a ditadura militar no Brasil e, segundo o que se relata, a ditadura de Antônio Moreira na STEP, realizou-se o Festival de 1964.

O III Festival de Teatro de Pelotas aconteceu no Teatro do Colégio Gonzaga, escola ainda em funcionamento nos dias atuais. O espaço tem 900 lugares, é de ótima estrutura e encontra-se bem conservado. O festival tornou-se mais longo, durando dez dias. Apresentaram-se nove peças, entre os dias 8 e 18 de novembro.

Somente com grupos das cidades de Pelotas e Porto Alegre, o primeiro dia de festival foi aberto com um grupo da capital, que apresentou *Meu Último Natal*, de Amaral Gurgel, montagem do Grupo Teatral Rodolfo Mayer. No dia 9, a peça *O Relâmpago*, de Angenor Gomes e Jota Pinho, foi encenada pelo Teatro do Colégio Santa Margarida, sob a direção de Angenor.

Intercalando os grupos conforme sua localidade, no dia 10 apresentou-se mais um grupo de Porto Alegre, O Ribalta. A peça *Deus*, de Renato Viana, foi dirigido por Augusto Biglia, que também atuava na peça, contando com um elenco de dez pessoas. Dia 11, concorreu o forte grupo do Teatro dos Gatos-Pelados. O TGP foi criado em 1963, no Colégio Municipal Pelotense, onde estudava Antônio Henrique Nogueira e lecionava Aldyr Garcia Schlee. Levaram ao palco a peça *Nossa Cidade*, texto do norte-americano Thornton Wilder. A direção do espetáculo ficou por conta de Angenor Gomes. Antônio Henrique Nogueira, um dos entrevistados nesse trabalho, integrava o elenco de quinze atores e dez figurantes.

No dia 12 deveria apresentar-se o Clã, grupo de Pelotas. Encenariam a peça *À Margem da Vida* (1944), de Tennessee Williams. Mas a peça foi adiada para o dia 27, por motivos não esclarecidos no jornal que contém a informação. O diretor era Jones Pereira, que também integrava o elenco com Lina Ballio, Lenir Garcia e Laerth

Pedrosa Jr.

Na sexta-feira 13 não houve apresentações. No sábado, dia 14, de Porto Alegre veio a peça *Leilão de Felicidade*, de Paulo Orlando, autor carioca, dirigida por Guido Pacífico. O elenco contava com dez pessoas no total.

No dia 15 houve uma sessão dupla. No turno da tarde apresentou-se o Grupo de Teatro Infantil N. S. Aparecida, com a peça de Maria Clara Machado *O Caçador de Borboletas*, representando Pelotas no Festival. E no turno da noite, vindo de Porto Alegre, o Teatro de Arte apresentou a peça de Millôr Fernandes, *Uma Mulher em Três Atos* (1953).

O júri estava constituído por Gilda Duval (esposa do historiador Paulo Duval), Nadir Galotti Carvalho (premiada como melhor atriz no I Festival), Noemi Osório Caringi (poetisa, esposa do célebre escultor Antonio Caringi), Antônio Franqueira Moreira, Geraldo Vieira Faria (veterano ator do Teatro Escola), João Carlos Gastal (Prefeito), e Wilson Alves Chagas (juiz no Foro local e escritor).

O TGP levou a maioria dos prêmios, vencendo o festival com grande sucesso. O grupo do Colégio Municipal Pelotense superou os concorrentes da capital gaúcha. *Nossa Cidade* conquistou os prêmios de melhor espetáculo e melhor direção (Angenor Gomes), melhor ator coadjuvante (Miguel Guimarães), melhor atriz coadjuvante (Marisa Kirst) e melhor ator (Antônio Henrique Nogueira). Entrevistado sobre esse prêmio e o mérito de seu trabalho, Antônio Henrique respondeu:

[...] Então, diria assim, características pessoais, boa memória, uma boa direção. E é o trabalho em escola, um trabalho de grupo. Terminada aquilo ali, ninguém, tirou louros, nem nada. Não interessava. E nem fui seguir carreira de ator, porque, o que era o padrão na época? Era tu fazeres medicina, engenharia ou direito. Então era [o prêmio] um episódio. Embora, daqui de Pelotas, saíram atores que tiveram sucesso lá no Rio, [e em] São Paulo.

O prêmio de melhor atriz ficou para Maria do Horto da peça *Uma Mulher em Três Atos*. O diploma de melhor “cenoplastia”, que, segundo Valter Sobreiro Junior, premiava o aspecto plástico do espetáculo (cenário, figurinos, iluminação), foi dado ao Grupo dos Dezesesseis, com a peça *Leilão de Felicidade*. O prêmio especial do júri ficou para peça infantil de Maria Clara Machado, *O Caçador de Borboletas*, encenada pelo Grupo de Teatro Infantil N. S. Aparecida.

1965

As peças pelotenses ganhavam espaço na imprensa local. Na sua *Poltrona 1*, no *Diário Popular*, Luis Cavalheiro escreveu sobre *A Viagem*, do Teatro Escola de Pelotas, citando seu premiado elenco:

Sobre a excelência do elenco, é representativo enumerar os lauréis alcançados pelos atores nos festivais de teatro da STEP: Roberto Gigante – prêmio especial de interpretação em 62 e melhor ator de 63; Iolette Bandeira – melhor atriz do Festival do Autor Pelotense; Nancy Azevedo – melhor atriz coadjuvante de 62; Nadir Carvalho – melhor atriz de 62; Jorge Requião e J. Luiz Mendonça dividiram o título de melhor ator do Festival do Autor Pelotense em 61[sic]. (*Diário Popular*, 6 de outubro de 1965).

O Teatro Gonzaga novamente sediava o Festival de Teatro de Pelotas, em sua quinta edição. Entre os dias 13 e 21 de novembro de 1965 a cidade recebeu oito espetáculos, contando com a participação, além de Pelotas, de duas cidades do estado gaúcho, Porto Alegre e Santa Vitória do Palmar.

Quem abriu o festival, no dia 13, foi o grupo de Santa Vitória. O Novo Teatro trazia a montagem de *A Baronesa* (1960), de Josué Montello. No domingo não houve espetáculo. Na segunda-feira, dia 15, o Teatro Escola estreou *A Viagem*, escrita e dirigida por Ruy Barbedo Antunes. No elenco estava Iolette Bandeira, Roberto Gigante, Gladys Lemos, Marisa Kirst, José Luiz Mendoça, Jorge Requião, Nancy Azevedo e Angenor Gomes. Mais uma vez o TEP vinha representar a força de Pelotas no festival, fazendo um ótimo espetáculo. A cenografia estava sob responsabilidade de Walter Júnior.

O espetáculo do dia 16 foi transferido para o dia 21 (não há informações sobre o motivo dessa transferência de data). A peça era *Terra Nova*, de autoria do grupo Arena 8, grupo pelotense que participava pela primeira vez do Festival. O Teatro dos Gatos-Pelados, premiadíssimo no festival de 1964, com a peça dirigida por Angenor Gomes, *Nossa Cidade*, voltou nesse ano com uma nova encenação do mesmo diretor, a peça *O Diário de Anne Frank*, de Frances Goodrich e Albert Hackett. Embora o elenco não tenha sido informado na imprensa e não se tenha conseguido programa impresso do IV Festival (não se tem notícia, tampouco, da distribuição desse programa geral em 1965), sabe-se que o elenco era encabeçado por Antônio Henrique Nogueira, melhor ator de 1964, desta vez no papel de Otto

Frank.

No dia 18, o Grupo dos Quartanistas do Colégio Pelotense apresentou o espetáculo *As Máscaras* (1919), de Menotti Del Picchia, poeta, jornalista, tabelião, advogado, político, romancista, cronista, pintor e ensaísta brasileiro. E no dia 19 o Teatro Escola de Pelotas retornou ao palco do Gonzaga, agora sob direção de Angenor Gomes, integrando o elenco juntamente L.C. Corrêa da Silva, José Luiz Mendonça, Maria Amélia Ávila e Gladys Lemos. O TEP apresentou *Longa Jornada Para Dentro da Noite* (1941), peça-testamento de Eugene O'Neill.

No dia 20, o Grupo Teatral do SESC, vindo da capital mais uma vez para participar do Festival, apresentou *O Caso dos Dez Negrinhos* (1939), de Agatha Christie, sob direção de J. Carlos Caldasso. No dia 21, mais um grupo porto-alegrense mostrou seu trabalho. O Grupo Ribalta trouxe, para encerrar o Festival, *Ciúme*, do francês Louis Verneuil.

Participando do júri, estavam Antônio Franqueira Moreira, Heloisa de Assumpção do Nascimento, Lúbia Zilberknopp, Cândida Izabel da Rocha, Paulo Germano Petrucí, Roberto Horácio Burnett e Mário Ferreira de Medeiros, todos de Pelotas.

O prêmio de melhor espetáculo ficou para peça *A Viagem*, do Teatro Escola de Pelotas. O grupo de Porto Alegre do SESC levou a melhor direção com J. Carlos Caldasso na peça *Os Dez Negrinhos*. O prêmio de melhor ator foi para Roberto Gigante, a grande estrela do Teatro Escola, pela atuação na peça *A Viagem*. O prêmio de melhor atriz ficou para Maria Amélia Ávila, pela atuação na peça *Longa Jornada Para Dentro da Noite*. Pela mesma peça, José Luiz Mendonça ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante. Como melhor atriz coadjuvante ficou Betty Barbosa, da peça vinda de Porto Alegre *O Caso dos Dez Negrinhos*. A melhor cenoplastia ficou com *A Viagem*, cenário de Walter Júnior, somando mais um prêmio ao TEP. Ainda houve premiação especial do júri, na qual três atores foram contempladas por suas atuações: L.C. Corrêa da Silva pelo trabalho na peça *Longa Jornada Para Dentro da Noite* e as duas atrizes de *A Viagem*, Iolette Bandeira, como atriz principal, e Nancy Azevedo, como atriz coadjuvante.

O Teatro Escola de Pelotas foi o grande nome do quarto festival, levando um total de oito prêmios. Isso mostrava a qualidade do grupo, que foi o primeiro do interior a se apresentar no Teatro Leopoldina (o teatro mais importante da época no Rio Grande do Sul) de Porto Alegre, com a premiada *A Viagem*.

1966

O V Festival de Teatro de Pelotas aconteceu novamente no Teatro do Colégio Gonzaga, entre os dias 15 e 28 de outubro do ano de 1966. O Festival notoriamente expandia-se, pois havia nessa edição grupos de três cidades do Rio Grande do Sul, sendo elas Santa Maria, Porto Alegre e São Leopoldo. Espalhava-se a fama do festival pelotense.

Foram apresentadas no total onze peças, uma de Santa Maria, uma de São Leopoldo, três de Porto Alegre e seis de Pelotas. O Teatro Escola abriu o evento no dia 15 de outubro, apresentando *Rosmersholm* (1886), do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, sob direção de Ruy Antunes, um dos fundadores da STEP, que passou a dirigir o tradicional grupo pelotense. No elenco estavam: Maria Amélia Avila, Terezinha Hallal, Angenor Gomes, José Luiz Mendonça e Miguel Guimarães, todos eles premiados em outras edições do Festival.

Dia 16 foi a vez do grupo de Santa Maria, que apresentou *Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera* (1962), de Gláucio Gill. O Grupo Presença contava com um elenco de cinco pessoas. Não houve apresentação de espetáculo no dia 17. A apresentação do dia 18 ficou a cargo de Álvaro Franklin, citado no jornal *Diário Popular*, como um grande artista, levando ao palco *Estórias (João da Silva, Onde Estou e Eu e Minha Rosa)*, ele sendo o escritor, o diretor e ator do espetáculo.

Um grupo de Pelotas, nunca visto antes nos festivais, apresentou-se no dia 19. O Teatro da Agronomia, ligado ao diretório acadêmico da faculdade, da Escola de Agronomia, que era ligada a Universidade Rural do Sul, trouxe uma peça de consagrado escritor Jean-Paul Sartre, *Mortos sem Sepultura* (1946). A direção era de Paulo Ribeiro (co-autor e ator de *Órfãos de Pais Vivos*, trabalho apresentado no Festival do Autor Pelotense em 1962), contando com um elenco de nove atores e seis figurantes.

No dia 21, o primeiro grupo da capital veio com as *Três Comédias de Qorpo - Santo (As Relações Naturais, eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte e Matheus e Matheusa)*. O Teatro do Clube de Cultura era dirigido por Antônio Carlos de Sena. Pela primeira vez, um espetáculo de ponta, consagrado em nível estadual pelo público e pela crítica, concorria aos prêmios do Festival da STEP.

São Leopoldo retornou ao Festival, mas agora o grupo era outro. O Teatro de Equipe trouxe a peça *Barco Sem Pescador*, de Alejandro Casona, dirigido por Lauro

J. Dick. Vale lembrar que, três anos antes, no segundo festival, esteve presente o Grupo Teatral do Centro Acadêmico Balduino Rambo, da Faculdade de Filosofia de São Leopoldo, da Unisinos.

Porto Alegre fez-se representar, a seguir, com o Grupo de Teatro Independente, sob a direção do célebre Jairo de Andrade. Apresentou, no 23, *Soraia Posto 2* (1963), de Pedro Bloch. Este foi o grupo que fundou o Teatro de Arena de Porto Alegre, no ano de 1967, importante companhia, de resistência durante os anos de chumbo.

Dia 25, o Festival recebeu outro inédito grupo pelotense, Grupo de Teatro em Afirmação. Arriscaram-se eles com dramaturgia própria. Adaptaram um poema de Vinícius de Moraes, *O Dia da Criação*, batizando o espetáculo de *Um Homem no Sábado*. Um grupo de características diferenciadas, sem a figura de um diretor, colocava o próprio grupo como responsável pela função, aderindo à direção coletiva. O elenco contava com cinco integrantes, sendo eles, Ester Bendjoya, Nara Kaiserman, Sônia Beatriz Nunes da Costa, Frederico Dias da Cruz e Rubens Rotta Pereira.

Dia 26, outro grupo novo de Pelotas apresentou-se no Festival. O Teatro Novo 3 B, veio com uma peça de autoria dos próprios diretores. *Súplica de um Mundo Novo* foi escrito por Walter Braga (também ator do espetáculo) e João Alberto Soares. Completavam o elenco Anaizi E. Santo, Dause Alves, Iraci Alba, Lúcia Helena Gadret, Nórís dos Santos e Ildo Chiattoni. O Teatro dos Gatos-Pelados marcou presença no dia 27, apresentando a peça de A. J. Cronin *Os Deuses Riem* (1940). A direção era de José Luiz Mendonça. E o elenco não era pequeno, nele estavam Denise Nogueira, Jane Mary Duarte, Neli Vera Hömeck, Ruth Rosinha, Vera Maria Rilckes, Gilnei Fróes, Jorge Roberto Salomão, José Anselmo Rodrigues, Nataniel Soares e Mauro Soares, que estreava no teatro. Mauro, entrevistado neste trabalho, é ator em Porto Alegre e completa nesse ano, 50 anos de carreira, tendo atuado em diversos espetáculos e recebido, em Porto Alegre, dois Prêmios Açorianos.

Para fechar a rodada de apresentações do quinto festival, a cidade de Porto Alegre apresentou seu último grupo, o Teatro Saci, que trouxe *Pedro Mico* (1957), de Antônio Callado. O diretor foi Amaral Filho.

A capital levou a melhor nas premiações desse ano. O espetáculo vencedor foi *Três Comédias de Qorpo - Santo*, apresentada pelo grupo Clube de Cultura. Com

a mesma peça, Antônio Carlos de Sena ganhou o prêmio de melhor direção. O prêmio de melhor ator foi para Pedro Freire Júnior, da peça *Toda Donzela tem um Pai Que é Uma Fera*, do Grupo Presença de Santa Maria. A melhor atriz foi novamente Maria Amélia Ávila, pela bela atuação na peça *Romersholm* e, pela mesma peça, José Luiz Mendonça levou o prêmio de melhor ator coadjuvante. *Três Comédias de Qorpo Santo* levou mais dois prêmios, consagrando-se no quinto festival. Mila Cibelli recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante. A cenoplastia, elaborada pelo grupo, também foi premiada.

O júri foi composto por Heloísa de Assumpção Nascimento, Laura de Castro Lopes, Gilda Costa Pereira Duval, Alberto Rodrigues de Souza, Irmão Edgar Hengemüle, Henrique Luiz dos Santos e Antônio Franqueira Moreira.

Foi a primeira vez que um grupo de fora de Pelotas venceu o Festival da STEP. Nos festivais que se seguiram, os prêmios de melhor espetáculo foram todos concedidos a grupos visitantes, como veremos.

1967

O VI Festival de Teatro de Pelotas foi realizado mais uma vez no Teatro do Colégio Gonzaga. Com várias apresentações, o evento durou dezessete dias, de 21 de outubro a 5 de novembro de 1967.

Concorriam no total onze espetáculos, sendo quatro de Pelotas e sete de outros municípios gaúchos. Os artistas de Pelotas não só perdiam espaço, mas também perdiam o estímulo de participar, já que os grupos de fora ganhavam hospedagem e alimentação, e aos grupos locais não era oferecido nenhuma espécie de auxílio. Gradativamente, os visitantes passaram a dominar o Festival.

No dia 21 de outubro apresentou-se o Grupo Tabará da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, da Unisinos. O mesmo grupo que participou do festival de 1963, voltava com *Joana D'Arc Entre as Chamas* (1939), de Paul Claudel. A direção era de Eduardo Welch.

O Teatro Escola de Pelotas, presente em todos os festivais, desde a primeira edição, trouxe no dia 22 o espetáculo *Ionesco! (A Menina Casadoira, O Mestre e o Novo Inquilino)*, de Eugène Ionesco, com direção de Ruy Antunes. No elenco estavam José Luiz Mendonça, Suely Fossati, L. C. Corrêa da Silva, Helena Ortiz, Maria da Graça, Damião Porto e Francisco Voser.

A terceira peça, no dia 24, produzida pelo Grupo União, de Porto Alegre, foi *Protesto*, do autor-ator Niwton Pereira.

O Grupo Odontoarte, composto de professores e alunos da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio Grande do Sul, de Pelotas, apresentou a seguir a peça *A Balaiada*, de José Luiz Sacco da Nova Cruz. Assim como em várias produções ao longo dos festivais, essa montagem além de escrita, era dirigida por Nova Cruz.

No dia 26, apresentou-se o Grupo de Quartanistas do Colégio Pelotense, (o mesmo que, em 1965, apresentara *As Máscaras*, de Menotti Del Picchia), agora trazendo *O Macaco da Vizinha*, de Joaquim Manuel de Macedo. A direção era de uma das figuras mais premiadas do Festival até então, L. C. Corrêa da Silva. No elenco estavam Cléia Bandeira, Nadi Oliveira, José Renato Benites, Mauro Soares, Nataniel Soares e Nelci Soares Gonzáles.

Retornou também o Grupo Presença, de Santa Maria. Agora trazia uma dramaturgia conhecida no festival *O Diário de Anne Frank* (1947), de Frances

Goodrich e Albert Hackett. Em 1965, a mesma peça foi apresentada pelo Teatro dos Gatos-Pelados, sob a direção de Angenor Gomes. O Grupo Presença, dirigido por Pedro Freire Júnior, contava com um elenco de dez pessoas, incluindo o próprio Freire, no papel de Otto Frank, pai de Anne.

J. Carlos Caldasso também voltou ao festival, novamente dirigindo o Grupo de Teatro do SESC, com a peça de Albert Camus, *Os Justos*. Em 1963 o Teatro do SESC apresentara *A Pequena Lua de Prata e o Médico e a Morte* e, em 1965, *O Caso dos Dez Negrinhos*.

Dia 31 Pelotas conheceu um inédito musical, *Bira e Conceição*, de Walter Júnior. Comandando o Teatro dos Gatos-Pelados, estava o diretor Luiz Marasco Cavalheiro Leite. O elenco estava composto por pessoas que se tornariam famosas, como o grande pintor Luiz Carlos Mello da Costa e seu irmão Fernando Mello da Costa, cenógrafo de renome internacional.

O Grupo de Teatro Independente, de Porto Alegre, apresentou, no dia 1º de novembro, *O Santo Inquérito* (1966), de Dias Gomes. A direção era de Jairo de Andrade, um dos símbolos da resistência do teatro gaúcho durante a ditadura, conforme mencionado anteriormente. Formado no Departamento de Artes Dramáticas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estava na linha de frente do grupo GTI, contando ainda com Maria Helena D'Amore, Antônio Carlos Castilhos, Francisco Aron, Jorge Rodrigues, J. Pereira, Moura Neto W. Moura Lima no elenco dessa peça.

Após uma pausa, o festival retornou no dia 4 de novembro. Um grupo vindo de Cachoeira do Sul – RS apresentou a peça *Morre um Gato na China* (1951), de Pedro Bloch. O grupo Tescas teve a direção de Maria Rita.

O espetáculo porto-alegrense apresentado no dia seguinte, no encerramento do Festival, era dirigido por Maria Helena Lopes, uma das mais respeitadas e premiadas diretoras de teatro do Rio Grande do Sul. A produção era *Dona Rosita, a Solteira ou a Linguagem das Flores* (1935), de Federico García Lorca, pelo Centro de Arte Dramática da Faculdade de Filosofia (que futuramente viria a ser o Departamento de Artes Dramáticas – DAD da UFRGS). O espetáculo *Dona Rosita, A Solteira ou a Linguagem das Flores* foi encenado por treze atores. Maria Helena tornou-se uma das mais importantes professoras do DAD.

Nesse ano o festival contou com o ator e crítico Claudio Heemann no júri, além do Padre Aldo Lorenzoni, de Antônio Franqueira Moreira, Sérgio José Abreu

Neves. Arabela Rotta Chiarelli, Helóisa Assumpção Nascimento e Livia Martins Falcão.

O prêmio de melhor espetáculo foi para a peça de Porto Alegre, *Dona Rosita, a Solteira*. A melhor direção foi para Pedro Freire Júnior, por *O Diário de Anne Frank*. O prêmio de melhor ator ficou para o Teatro Escola, com a atuação de José Luiz Mendonça na peça *Ionesco!*. O prêmio de melhor atriz foi atribuído Maria Helena D'Amore, por *O Santo Inquérito*, que também levou o prêmio de melhor ator coadjuvante, para Francisco Aron. O espetáculo *Dona Rosita, a Solteira*, encenada pelo CAD, mereceu mais dois prêmios, sendo eles o de melhor atriz coadjuvante destinado a Vaniá Brown e o de melhor cenoplastia.

A participação dos grupos pelotenses, como vimos, diminuía a cada festival. O espaço tomado pelos grupos vindos de outras cidades já era bem maior nesse Festival de 1967, e nos próximos continuaria aumentando. Antônio Franqueira Moreira colocava todo seu empenho no objetivo de internacionalizar o Festival da STEP, que receberia argentinos e uruguaios já na edição seguinte.

1968

O Festival de 1968, sem dúvida, veio para marcar o cenário cultural brasileiro. Nesse ano, além dos grupos de países vizinhos, vários estados do Brasil compareceram para concorrer. Ao invés de inscrições livres, houve uma seleção prévia dos grupos. Além desse caráter seletivo, o Festival tornou-se internacional.

No início era apenas um diploma, depois os premiados passaram a receber o Troféu Bertolt Brecht, uma efígie em bronze do grande dramaturgo e encenador alemão. O troféu era obra do escultor pelotense Antônio Caringi, celebrizado pela criação do monumento ao Laçador, localizado em Porto Alegre, verdadeiro símbolo do Rio Grande do Sul, entre outros.

Algo grandioso acontecia na cidade, inclusive a presença de convidados ilustres, como o Embaixador Paschoal Carlos Magno, Aron Menda, Delegado Regional da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e Bruno Kiefer, músico renomado. Essas informações chegavam ao público através dos jornais da cidade e do Estado.

Comparado aos outros anos, não houve nenhum compromisso nesse festival com um dos princípios da STEP, que era apoiar a produção local. Apenas o Teatro Escola foi selecionado e pôde subir ao palco. Os grupos locais foram deixados de lado, para dar espaço aos de fora. Peças jamais vistas em outras partes do Brasil, peças proibidas pela repressão militar, vindas da Argentina e do Uruguai, foram apresentadas no VII Festival. A sétima edição abriu as portas para todo Brasil, recebendo até um grupo de Pernambuco.

Com duração de quatorze dias, o festival aconteceu de 3 a 17 de novembro. Contando com quatorze apresentações, pelo número e grupos, supomos que havia uma grande produção. Abrindo o evento, no dia 3, no palco do Teatro Gonzaga, o Grupo Presença, de Santa Maria, apresentou a peça *A Guerra Mais ou Menos Santa* (1965), de Mário Brasini. A direção era do já premiado Pedro Freire Júnior, melhor direção de 1967 com a peça *O Diário de Anne Frank*.

A segunda peça a apresentar-se, no dia 4, foi a produção do Teatro Novo de Porto Alegre, com texto e direção de Ronald Radde, *João e Maria nas Trevas* (1968). Radde, um dos nomes mais importantes do teatro gaúcho, deixou-nos recentemente, falecendo em 26 de abril de 2016.

Um outro grupo vindo de Santa Maria, o Teatro Universitário, apresentou, no

dia 5, a sua montagem do proibido *Arena Conta Zumbi* (1965), de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal.

No dia 6, subiu ao palco outro espetáculo de Porto Alegre. O Coletivo de Teatro Nacional apresentou *Água Furtada 386*, de Paulo Ubiratan Campos de Carvalho, que além de dirigir, atuava na peça.

No dia 8, depois de um dia sem apresentações, a primeira peça internacional a apresentar-se, desde a criação do festival STEP, foi *El Espantoso Regreso de Drácula* (1968), de Roberto Habegger, que também dirigia o grupo. No jornal, as reportagens eram extensas e empolgadas, relatando a vinda do grupo Amadores Argentinos, de Buenos Aires. Um contato direto com o fazer teatral do exterior, um enriquecimento para produções pelotenses, uma troca de cultura inigualável. Habegger frequentou os palcos pelotenses até os anos 1980. Segundo informa o *Diccionario Directores y Escenógrafos del Teatro Argentino* (1990), Habegger lançou sua carreira profissional no Brasil em 1968. Ou seja, no VII Festival da STEP.

J. Carlos Caldasso retornou a Pelotas com o Grupo de Teatro SESC, então com a peça de Alfred de Musset, *O Castiçal* (1834), encenada no dia 9 por Ellen Nara, Shyrlei Fontoura, Henrique Spier, J. Carlos Caldasso, Luís Cyro, Ricardo Santi, Roger Pinto e U. Lucca.

Sob direção de Marcos Wainberg, o TABARÁ (Teatro Acadêmico Balduino Rambo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), outro grupo conhecido dos Festivais, apresentou no dia 10 *...Mas Livrai-nos do Mal* (1968), de Jairo Lima.

No dia 11, mais um grupo internacional, agora de Montevideu, Uruguai. O grupo Institución Cultural Juventud, apresentou aos pelotenses *Mala Iaya* (1911), de Ernesto Herra e *El Desalojo* (1906), de Florencio Sánchez.

E veio de São Paulo o espetáculo do dia 12, com três peças curtas: *O Canto do Cisne*, *Os Malefícios do Fumo*, ambas de Anton Tchecov e *Amor por Anexins*, de Arthur Azevedo. A direção era de Ermínio Furlan, que também participava do elenco, com Santos de Souza e Clemente Viscaino.

Da distante Recife veio o Grupo do Colégio Estadual de Pernambuco, que apresentou, no dia 13, *A Pena e a Lei* (1959), de Ariano Suassuna.

No dia 14, foi a vez do Grupo do Teatro Independente, de Porto Alegre, apresentar-se com a peça de Bráulio Pedroso, *O Fardão*, dirigida por Miguel Grant. Do elenco participavam Araci Esteves, famosa atriz gaúcha, o próprio Grant, além de Maria da Graça Nunes (futura professora do DAD da UFRGS), Rubem Clodoaldo e

Sérgio Roberto.

A única representação pelotense no Festival ficou a cargo do Teatro Escola de Pelotas. No dia 15, com a direção de Ruy Antunes, um dos fundadores da STEP e figura importantíssima no cenário cultural local, o TEP apresentou *Quando Despertamos de Entre os Mortos* (1899), de Henrik Ibsen. No elenco estavam artistas importantes e muito citados neste trabalho, por suas atuações e prêmios ao longo dos festivais: Angenor Gomes, L.C. Corrêa da Silva, Maria Amélia Ávila, Miguel Guimarães e Terezinha Hallal. Completava o elenco Iria Machado.

No dia 16 apresentou-se o último grupo estrangeiro. O Grupo 12 – Institución Teatral Independente veio da cidade de Sarandí Grande, Uruguai. A peça, *Ceremonia por un Negro Asesinado* (1966), de Fernando Arrabal foi dirigida por Homero González Torterolo, que também atuava na peça. O elenco incluía ainda Yamandú Vidart, Eufemio Leiva, Ana Suárez e Ariel Morena.

Vindo de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, o grupo Teatro do Estudante contava com um elenco de nada menos que cinquenta pessoas. A peça era *Morte e Vida Severina* (1954), de João Cabral de Melo Neto, dirigida por Milton Carlos Baggio.

O júri estava constituído pelo embaixador Paschoal Carlos Magno (Presidente), Aron Menda (Secretário), Annemarie Rilling da Nova Cruz, Antônio Franqueira Moreira, Cecy da Nova Cruz Sacco, Gilda Costa Pereira Duval, Heloisa Assumpção Nascimento, Henrique Luiz Costa dos Santos e Joaquim José de Assumpção Osório.

A maioria dos prêmios foram destinados a grupos internacionais. A produção pelotense ficava pra trás, já não sendo páreo para competir com o que vinha de fora. Como melhor espetáculo venceu *El Espantoso Regreso de Drácula*, encenada pelos Amadores Argentinos. O prêmio de melhor direção foi para Homero González Torterolo, do Uruguai, pela peça *Ceremonia por un Negro Asesinado*. Erminio Furlan, do Teatro Casarão, de São Paulo, ganhou o prêmio de melhor ator. O prêmio de melhor atriz ficou com Araci Esteves, pela atuação na peça *O Fardão*. O melhor ator coadjuvante foi Yamandú Vidart, da peça *Ceremonia por un Negro Asesinado*. Como melhor atriz coadjuvante ganhou Elsa Batter, por *El Espantoso Regreso de Drácula*, do grupo Amadores Argentinos. E, para completar o sucesso feito pelos grupos de fora, o Grupo 12, da cidade de Sarandí Grande, Uruguai, levou o prêmio de melhor cenoplastia, com a peça *Ceremonia por un Negro Asesinado*.

1969

Com proporções maiores que a edição de 1968, o VIII Festival de Teatro de Pelotas mudou o local de sua realização. O lugar escolhido para o evento foi o Theatro Sete de Abril, a casa de espetáculos mais tradicional da cidade.

Anunciou-se como participante do júri o então jornalista e escritor Antônio Hohlfeldt, que mais tarde faria carreira como professor universitário e político. Entre os dias 3 e 17 de novembro, aconteceram quinze apresentações, dos mais variados locais do Brasil. Vieram, como no anterior, grupos da Argentina e Uruguai. Mais uma vez a plateia de Pelotas poderia presenciar um grande acontecimento teatral. Pelotas contou novamente com um único participante, o grupo Odontoarte, que agora estava vinculado a Universidade Federal de Pelotas, que foi criada nesse ano.

Em 1969 foram entregues os prêmios Brecht para os vencedores do ano anterior, já que os troféus não haviam sido confeccionados a tempo.

Dia 3 de novembro, Roberto Habegger, dirigindo os Artistas Argentinos Independientes, abriu o Festival com a peça de sua autoria *Una Pasión Arrabalera* (1969).

Também retornou a Pelotas Erminio Furlan, dirigindo, com Benedito Lara, o Teatro de Comédia, de São Paulo. No ano anterior, Ermínio dirigira o Teatro Casarão, também de São Paulo. O TC apresentou, no dia 4, duas peças: *Zoo Story* (1958) e *O Urso* (1888), de Edward Albee e Anton Tchecov, respectivamente. No elenco estavam Wilson R. Dos Santos, Santos de Souza, Nara P. Pereira e o próprio Ermínio Furlan.

Com a ausência da maioria dos grupos locais, inclusive do prestigioso Teatro Escola de Pelotas, a responsabilidade de representar a cidade no Festival ficou por conta do Odontoarte, no dia 5. José Luiz Sacco da Nova Cruz escreveu e dirigiu a peça *A Herança*, com um elenco composto por Eurico Sacco, Iria Machado, Luiz Alfredo de Boer, Salomé Rodrigues e Cláudio Fernando Morales.

Após um dia intervalo, o Festival recebeu, em 7 de novembro, outro grupo estrangeiro, proveniente da cidade de Treinta y Tres, Uruguai. O Teatro Experimental de Treinta y Tres apresentou duas peças: *La Cantante Calva* (1950), de Eugène Ionesco e *La Calesita Rebelde*, de Mauricio Rosencof. A direção era de Carlos Gallardo, que também integrava o elenco de sete atores.

No dia 8, a Escola de Teatro Leopoldo Fróes, de Santa Maria, trouxe as peças

Pic-nic no Front (1952), de Fernando Arrabal e *História do Zoológico* (1958) - trata-se da mesma *Zoo Story*, assistida dias antes com um grupo paulista, de Edward Albee. Na direção estava Edmundo Cardoso.

No dia seguinte, 9, houve apresentações em dois turnos. Na parte da tarde, apresentou-se O Teatro Infantil de Marionetes, de Porto Alegre, com as peças *A Bela Adormecida e Saci e o Boi Barroso*. A direção era do premiado Antonio Carlos de Sena.

No turno na noite, o palco do Sete de Abril recebeu o Teatro Dirceu de Mattos, de Brasília. Dirceu de Mattos e Yonne Storni encenaram a peça de Pedro Bloch, *Os Inimigos não Mandam Flores* (1951).

A Institución Cultural Juventud, de Montevideu, que em 1968 apresentara *Mala laya e El Desalojo*, encenou no dia 11 a peça *Sempronio* (1924), de Agustín Cuzzani. O grupo era dirigido por Pedro Perdomo, contando ainda com a sua participação no elenco, ao lado de Miguel Ángel Perdomo, Maria Ana Chenlo, Maria Elena Pineda, Júlio Cesar Mieres, Pedro Perdomo, Roque R. Mattos e Eduardo Garcia.

Dia 12 veio de São Paulo o Teatro Juvenil Leda Sylvia, apresentando a peça *Sorocabana, Seis e Quarenta e Cinco*, escrita por Leda Sylvia Szoenalewicz, e também por ela dirigida.

A Argentina veio no dia 13 com mais um espetáculo. O Teatro Altos de Florida apresentou a peça *Amorfo 70*, de Guillermo Gentile. O diretor era Gerald Huillier, e no elenco estavam Hector Mariol, Miguel Ángel Paludi e Juan Carlos Puppo.

No dia 14 apresentou-se um grupo da Guanabara, Rio de Janeiro. Amanda Castro apresentou um monólogo, *As Mãos de Eurídice* (1950), de Pedro Bloch.

Na sequência do festival, apresentaram-se dois grupos de Santa Catarina. Dia 15 apresentou-se a cidade de Florianópolis, também com o espetáculo *As Mãos de Eurídice*. Dia 16, no turno da tarde, apresentou-se o segundo grupo catarinense, de Blumenau, com a famosa peça infantil de Maria Clara Machado, *Pluft, o Fantasminha* (1955).

A apresentação do turno da noite, no mesmo dia, ficou a cargo de um grupo mineiro. O Teatro Equipe, de Belo Horizonte, mostrou a peça *A Noite dos Assassinos*, de José Triana, com direção de Cesar Bicalho.

E, no encerramento do Festival, no dia 17, o Grupo 12 Institución Teatral Independiente, de Sarandí Grande (Uruguai), dirigido por Homero González

Tortero, premiado no ano anterior com *Ceremonia por un Negro Asesinado*, apresentou sua montagem do texto de Harold Pinter *El Amante* (1962).

A premiação foi bem distribuída entre os grupos. Mas Pelotas, mais uma vez, nada recebeu. No júri estavam Carmen Carpena Moreira, Heloisa Assumpção Nascimento, Livia Martins Falcão, Antônio Franqueira Moreira, Henrique Luiz da Costa dos Santos, Joaquim José de Assumpção Osório, Pedro Henrique Rodrigues, Sérgio José Abreu Neves e Roberto Horácio Burnett.

Após um desentendimento com Antônio Franqueira Moreira, Antônio Hohlfeldt deixou a cidade de Pelotas, sendo substituído por Carmem Carpena Moreira no júri. Segundo relatos, o desentendimento aconteceu por causa de uma matéria sobre o Festival, escrita por Hohlfeldt e publicada no jornal *Correio do Povo*, que não foi bem recebida por Moreira, mostrando, assim, o caráter autoritário e controlador do organizador.

Como melhor espetáculo foi escolhida a peça *Amorfo 70*, do Teatro Altos de Florida, Bueno Aires. O prêmio de melhor direção também ficou para um grupo argentino, buenairense. Ganhou Roberto Habegger, por sua direção de *Una Pasión Arrabalera*. Nesse ano, o uruguaio Tortero ganhou o prêmio de melhor ator, por seu desempenho na peça *El Amante*. O prêmio de melhor atriz foi para Yonne Storni, do grupo brasiliense, que encenou *Os Inimigos não Mandam Flores*. O prêmio de melhor ator coadjuvante foi para Juan Carlos Puppo, da peça *Amorfo 70*. A melhor atriz coadjuvante foi Marta Olivia, da peça *A noite dos Assassinos*, encenado pelo Teatro de Equipe de Minas Gerais. E o último prêmio, de cenoplastia, ficou para o Grupo 12. A desvantagem dos grupos brasileiros ficou evidenciada pelo resultado final da premiação.

A participação de militares no Festival era um fato novo, mas não estranho na época. O General Manuel José Corrêa de Lacerda era o Presidente de Honra do Festival, e foi por delegação dele que Antônio Franqueira anunciou a premiação do júri. Ao lado do prefeito da cidade, Francisco Louzada Alves da Fonseca, participava da entrega dos troféus Bertolt Brecht o Coronel Oliveiros Lana de Paula, comandante do Regimento Tuiuti, que viria a ser um dos membros do júri no IX Festival.

1970

Esse foi um ano complicado, prenúncio do fim que não tardaria a vir. Em 1970, os anúncios sobre o Festival da STEP no *Diário Popular* foram muitos. Antônio Franqueira Moreira esperava, talvez, apoiadores para realização do evento.

Contando com o sucesso dos eventos anteriores, a STEP pretendia fazer algo maior ainda, com grupos de várias regiões. O primeiro anúncio feito no jornal, foi em outubro, anunciando a abertura do festival no dia 17 de novembro.

Em novembro, Moreira torna a anunciar nos jornais, mas dessa vez procurando apoiadores. Provavelmente o dinheiro ainda não era suficiente para realizar algo:

Sr. Antônio Franqueira Moreira na fase de esperar verbas para a realização do Festival Internacional de TEATRO, em Pelotas, de 17 do corrente em diante, e promoção da STEP – da qual é um líder entusiasta. (*Diário Popular*, novembro de 1970)

Na cidade, as movimentações culturais promovidas pela Sociedade continuavam. Antônio fez aniversário numa terça, e na quinta, dia 5 de novembro, o jornal *Diário Popular* dava seus parabéns e também anunciava um espetáculo: “Vamos ao Teatro? Hoje tem espetáculo com Milton Carneiro e elenco carioca no Sete de Abril, às 20:30hs, em promoção da STEP. É uma comédia 'prá frentex' de Ziraldo” (*Diário Popular*, 5 de novembro de 1970). O empenho de Moreira era forte, a sociedade nunca parava de promover cultura, um dos seus objetivos principais.

A notícia ainda circulava na cidade. No dia 7 de novembro saiu nova notícia na coluna social do jornal. Nas “últimas” do *Encontro Marcado* (coluna social) estava escrito: “Dia 17 – no Teatro Sete de Abril inicia o Festival Internacional de Teatro, e promoção da STEP” (*Diário Popular*, 07 de novembro de 1970). Em entrevista com Sérgio Abreu Neves, tratando sobre a questão da contabilidade, pois ele era o tesoureiro, afirmou não passar nenhuma contabilidade pela tesouraria. Ou seja, não havia efetiva participação dos membros da Sociedade na sua gestão. Isso indica o fato de Antônio Franqueira Moreira tomar conta de todos os gastos. E, como a iniciativa privada só auxiliava modestamente, e a Prefeitura apoiava a STEP, mas não lhe destinava verbas, é quase certo que a maior parte dos recursos necessários era disposta por Moreira.

Se fazia da STEP o que o Moreira queria que se fizesse. E ele precisava formar uma diretoria; ele me convidou para ser

tesoureiro. Eu aceitei o cargo, mas eu lhe confesso que jamais passou pra minha mão qualquer importância de dinheiro né. Documentação... Isso tudo era ele que movimentava, era ele que pagava conta, era ele que arranjava dinheiro, ele que patrocinava. Então eu apenas dei o meu nome, mas não tive atividade nenhuma, assim, preponderante e nem efetiva, como tesoureiro dessa entidade. (Sérgio Abreu Neves)

Uma semana antes da realização do festival, saiu um novo anúncio no *Diário Popular*. Algo que ainda não havia acontecido: o adiamento do evento. Provavelmente estava acontecendo por falta de verbas. E a notícia era curta, não falava muita coisa, não dava detalhes. Permanece até hoje a dúvida sobre o que aconteceu: “O Festival de Teatro ficou transferido de 17 de novembro para 11 de dezembro.” (*Diário Popular*. 10 de novembro de 1970)

Os dias passavam, notícias saíam. Dia 17 de novembro, a coluna social anunciava novamente movimentações do Festival. Dizia-se no texto que o Festival contava com vinte e sete grupos amadores escritos. Destes, dezesseis grupos somente subiriam aos palcos com suas peças. E a seleção também contava com a participação da Censura Federal. Algo, pelo visto, que não afetava muito a região. Diversas peças proibidas vinham apresentar-se aqui em Pelotas na época da censura. Nenhum veto foi dado à STEP, em toda sua existência. Pelo menos, não há quaisquer indícios sobre esse fato. Tudo indica que o Sr. Antônio Franqueira Moreira mantinha boas relações com os militares, ganhando assim, de forma deveras estranha, a liberdade para elaborar, apresentar e montar o Festival como quisesse.

As peças já haviam sido escolhidas, agora eram divulgadas com enorme pompa. Em grande destaque estava a peça *Argentina 30 Dineros*, de Ana Rivas. O espetáculo estava marcado para o dia 13.

O festival duraria até o dia 22. Do nosso país, viriam grupos de Brasília, Belo Horizonte, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também viria um grupo do Paraguai.

A última notícia saiu num domingo, dia 22 de novembro. Uma foto de Carmem Carpena Moreira, mulher de Antônio Franqueira Moreira, falando sobre sua participação na liderança do evento. Depois disso, nada, nenhuma declaração ou explicação. Nenhum comentário acerca do ocorrido, simplesmente não houve festival algum. A imprensa silenciou. Afinal, ainda havia o tricampeonato da Seleção canarinho a comemorar na retrospectiva de 1970.

1971

Esse foi o último ano da STEP, dos festivais de teatro e de muitos eventos promovidos em Pelotas. Mas o Festival de 1971, batizado de IX Festival internacional de Teatro do Brasil, teve um brilho especial. Podemos dizer que foi um fechamento de ouro, dado pelo Sr. Moreira, contando com a mesma pompa dos últimos festivais, grupos de vários estados do Brasil e do exterior apresentaram-se, encerrando o ciclo dos Festivais da Sociedade de Teatro de Pelotas.

Novamente o local das apresentações foi o palco do Theatro Sete de Abril. Dia 1º de outubro, mais cedo que o costumeiro, aconteceu a abertura do evento, que se prolongou até o dia 15 do mesmo mês. O único grupo de Pelotas que se apresentou à seleção e acabou participando foi o Odontoarte. Segundo Valter Sobreiro, o Teatro dos Gatos-Pelados e o Teatro Escola haviam decidido não mais se apresentar, em protesto ao descaso da STEP com os artistas locais. O Sr. Moreira convidou Ruy Antunes para participar do júri, e insistiu com Nova Cruz para que inscrevesse seu grupo.

Assim, o grupo Odontoarte abriu o evento, com a peça *Está Lá Fora um Inspetor* (1945), do inglês de J. B. Priestley. José Luiz Sacco da Nova Cruz era o diretor e um dos principais atores do elenco, composto por Luiz Alfredo de Boer, Maria Marcela Cruz Dias, Tanis Silva, Mário Renato Ribeiro, Joaquim da Costa Neto e a atriz do TEP Maria Amélia Ávila.

No dia 3, foi apresentada uma peça já prometida no ano de 1970. A montagem de *30 Dineros*, de Ana Rivas, fora anunciada no *Diário Popular*, numa grande reportagem falando sobre o espetáculo que seria apresentado em 1970. O grupo responsável pela montagem vinha de Buenos Aires. A Cooperativa Teatral Río de La Plata era dirigido por Juver Salcedo. O elenco era composto por apenas três homens, Natálio Hoxman, Rodolfo Machado e Saul Jarlip. Esse era apenas um, dos três grupos vindos da Argentina, todos da capital do país.

O Rio de Janeiro também retornou com dois grupos da Guanabara. Pela primeira vez, aqui, apresentou o Grupo Teatro Solar, com a peça *O Assalto* (1969), de José Vicente. A direção era de Wladimir José. No elenco estavam Enzo Loschiavo e José Silva.

Veio agora o segundo grupo da Argentina, apresentando-se nos dias 5 e 6. *El Biombo*, de Jorgelina Lanusse, foi encenado pelo Pequeno Grupo de Teatro de

Repertorio (PGTR), com direção de Constantino Juri e interpretações de Alicia Lanusse e Roberto Fiore.

Na sequência, apresentaram-se dois grupos uruguaios, dirigidos por Torterolo. No dia 8, *O Protocolo* (1862), de Machado de Assis e *La Morsa* (1899), de Luigi Pirandello, pelo Grupo de Teatro do Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño. De grande participação nos festivais e também muitas premiações, Homero González Torterolo também apresentou-se, no dia 10, com o Grupo 12 – Institución Teatral Independiente, de Sarandí Grande, com a peça *Final de Partida* (1957), de Samuel Beckett. No ano de 1969, Torterolo ganhara o prêmio de melhor ator na peça *El Amante*.

Dia 11 foi a vez de São Paulo participar, com o Teatro Universitário da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo. Seu elenco era composto por alunos da escola. O responsável pela direção foi Jorge Liered Jaess, que também escrevera o texto encenado: *Parque Post Meridum*.

No dia 12, o Grupo Laboratorio de Teatro de Buenos Aires trouxe uma peça de Ricardo Monti, um dos maiores lutadores contra a ditadura militar argentina. A luta de Monti foi reconhecida no ano de 2010, sendo a ele concedido o *Prêmio Clarín*. Pelotas viu *Una Noche con el Señor Magnus y sus Hijos* (1970), dirigida por Hubert Copello. No elenco estavam Raúl Manso, Alberto Sosa, Graciela Castellanos, Carlos Catalano, Justo Sosa, Adolfo Bianeiotto e Alberto Sosa. Buenos Aires trouxe possibilidades inimagináveis para a época. O Sr. Moreira realmente era um grande articulador, capaz de trazer grupos apresentando dramaturgias consideradas subversivas, como essa. E isso tudo com a participação de autoridades militares no júri e nas solenidades do Festival, nos fazendo reafirmar a opinião dada, sobre os fortes indícios de relação de amizade mantida entre o Sr. Moreira e os militares.

O segundo grupo vindo da Guanabara apresentou-se no dia 13. Também um espetáculo bastante forte, de um autor insatisfeito com o cenário teatral brasileiro e conhecido opositor da ditadura, Plínio Marcos. *Dois Perdidos Numa Noite Suja* (1966) foi dirigida por Roberto de Brito. O Grupo Cacilda Becker também apresentava uma peça de grande importância.

No penúltimo dia, o já conhecido autor/diretor argentino Roberto Habegger, ganhador do prêmio de melhor direção de 1969 com *Una Pasión Arrabalera*, trouxe o Grupo Laboratorio de Teatro de Buenos Aires. A nova criação de Habegger era *Perdón Por Mi Pasado*, uma sátira ao melodrama que empolgou a plateia do

Festival.

E, para fechar o evento, o grupo de Brasília, composto por Yonne Storni e Dirceu de Mattos, retornou a Pelotas para apresentar *A Reforma*, escrita e dirigida por Dirceu.

O júri do último festival foi composto pelo Coronel Oliveiros Lana de Paula (comandante do Regimento Tuiuti, de Pelotas), Antônio Franqueira Moreira e Carmen Carpena Moreira (pela STEP) e, como convidados, Aron Menda (Delegado Regional da SBAT), Antonina Zulema D'Ávila Paixão, Noemi de Assumpção Osório Caringi, Carlos Alberto Motta, Padre Olavo Gasperin e Ruy Brasil Barbedo Antunes (ex-integrante da STEP e diretor do Teatro Escola).

Na premiação de 1971, algo inusitado aconteceu. *Una Noche com el Señor Magnus y sus Hijos*, encenação do Grupo Laboratorio de Buenos Aires, foi o grande vencedor, como melhor espetáculo. Mas, devido à alta qualidade das peças apresentadas, o júri resolveu conceder um prêmio especial de segundo lugar, que resultou num empate entre *30 Dineros* e *Final de Partida*. O prêmio de melhor direção ficou com Hubert Copello, por *Una Noche com el Señor Magnus y sus Hijos*. Os prêmios de melhor ator e melhor atriz ficaram para Roberto Fiore e Alicia Lanusse, ambos da peça *El Biombo*. Raúl Manso venceu como melhor ator coadjuvante, em *Una Noche com el Señor Magnus y sus Hijos*. Como melhor atriz coadjuvante ganhou Noemi Montfort, da peça *Perdón por mi Pasado*, encenada pelo Grupo Laboratório de Teatro de Buenos Aires. Finalmente, o prêmio de cenoplastia foi concedido ao Grupo Laboratorio de Teatro de Buenos Aires, quarto prêmio para *Una Noche con el Señor Magnus Y sus Hijos*.

Também presente no IX Festival, vindo especialmente do Rio de Janeiro, o Diretor do Serviço Nacional de Teatro (SNT), Felinto Rodrigues Neto, discursou no encerramento, com rasgados elogios à STEP e promessa de apoio financeiro ao Festival.

Ainda não se sabia, mas aquele era o derradeiro momento de glória da Sociedade de Teatro de Pelotas. A STEP encerrou suas atividades no ano seguinte, e o teatro de Pelotas também entrou em decadência. Com as dificuldades de uma censura obrigatória centralizada em Brasília, os grupos locais deixaram de produzir regularmente.

Considerações finais: a STEP do Sr. Moreira

Criada como uma associação de pessoas dedicadas à arte e à cultura, a Sociedade de Teatro de Pelotas acabou servindo à expressão de uma individualidade, fugindo, desse modo, ao seu modelo inicial. Enfeixando todo o poder decisório em suas mãos, o Sr. Antônio Franqueira Moreira transformou a STEP em instrumento de sua vontade e de seus interesses pessoais.

Para o bem e para o mal, o Sr. Moreira realizou uma série de eventos culturais que serviram à sua promoção, mas também beneficiaram a comunidade em que viveu.

Além dos festivais de teatro, objeto do presente estudo, a STEP do Sr. Moreira promoveu e/ou apoiou mostras de cinema (basicamente de filmes europeus, todos inéditos), espetáculos de fora da cidade, alguns deles excepcionais, como *Arena Conta Zumbi*, com o Teatro de Arena de São Paulo, ou *Electra*, do Grupo Decisão, com a grande atriz Glauce Rocha dirigida por Antônio Abujamra, em 1965. Com o apoio da STEP, Pelotas pode ver artistas do porte de Cacilda Becker (*Oscar* em 1963), Maria Della Costa (*Armadilha para um Homem Só*, em 1963), ou Marília Pêra (*Onde Canta o Sabiá* em 1966). Enfim, as iniciativas da Sociedade foram em prol de trazer a Pelotas o que de melhor se fazia no Brasil, algo que, de certa forma, eximia o poder público de exercer seu papel na cultura.

Não se tem notícias de que esse mesmo poder público tenha alcançado à STEP algum recurso financeiro para os Festivais, cuja importância (e abrangência) crescia a cada edição. O que se sabe, ao certo, é que a municipalidade oficializou algumas edições do Festival, e que as autoridades prestigiavam o evento, pelo menos discursando nas aberturas e encerramentos.

Segundo o Sr. Sérgio Neves afirma, em sua entrevista, toda a movimentação financeira da STEP era feita de modo exclusivo pelo Sr. Moreira, que arcava praticamente sozinho com as enormes despesas dos Festivais. É verdade que empresas da cidade o apoiavam parcialmente. Mas os grupos de fora muitas vezes numerosos, recebiam hospedagem e alimentação durante os dias em que permanecessem em Pelotas. O transporte de pessoas e material de cena geravam mais custos. Mesmo que cedidos por empréstimo, as salas de espetáculo também tinham que arcar com gastos de manutenção. Nem sempre, ao que se sabe, havia venda de ingressos para os espetáculos. Ainda assim, o valor desses ingressos era

muito baixo porque a intenção da STEP era atrair o maior número possível de espectadores.

Enfim, uma das hipóteses mais viáveis para o término dos Festivais é a falência da empresa do Sr. Moreira, que não mais dispunha de recursos para continuar a bancar o evento. Além disso, como relata o Sr. Neves, após o festival de 1971 ele adoeceu gravemente. Como a STEP dependia unicamente de suas decisões, não houve ninguém que assumisse a entidade, que foi encerrada logo.

Há que considerar também que o endurecimento do regime militar em relação às artes em geral, e ao teatro em particular, seria extremamente difícil outra pessoa, que não o Sr. Moreira, tentar dar continuidade aos Festivais, justamente por esta boa relação que ele mantinha com os militares.

Em sua gestão, o Sr. Moreira soube bem contornar todos os problemas de desconfiança do regime, convidando as autoridades militares a participar dos eventos sociais que corriam paralelamente às apresentações de teatro, e mesmo a integrar o júri.

Tanto que, ao que se sabe, nenhuma peça do Festival teve quaisquer problemas de censura. Inclusive o troféu dado aos premiados era uma efígie do grande dramaturgo alemão Bertolt Brecht, autor com ideias aliadas ao comunismo. A criação do prêmio era um trabalho do famoso escultor Antônio Caringi, o que lhe garantia respeitabilidade.

Com a saída de cena do Sr. Moreira, desceu o pano sobre os Festivais de Teatro da STEP, que dele dependiam exclusivamente.

A Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP) foi criada numa época em que a cidade, que já tinha larga tradição cultural, experimentava uma fase de expansão na área da cultura e das artes, na euforia das comemorações do seu sesquicentenário. No âmbito do teatro, a população estudantil ocupava-se em produzir, com a criação do Teatro Universitário e do Teatro dos Secundaristas. A esses jovens uniam-se os tradicionais Teatro Escola e Teatro dos Bancários. Circulavam novas ideias, espetáculos nacionais visitavam Pelotas.

Nesse ambiente propício criou-se a STEP, que no mesmo ano realizou dois festivais, logrando êxito no seu objetivo.

A partir do ano seguinte, com o sucesso ainda mais amplo do Festival, circunstâncias fizeram com que se integrasse a Sociedade um elemento novo, o Sr. Antônio Franqueira Moreira.

Por motivos de ordem pessoal, talvez porque seu projeto fosse ascender social e intelectualmente, já que era um bem-sucedido empresário, o Sr. Moreira agiu no sentido de tomar para si o poder decisório da STEP, em caráter exclusivo.

Assim, no mesmo ano em que o país sofreu um golpe militar, o Sr. Moreira passou a comandar a STEP e a fazê-la prosperar, não só na realização dos Festivais, como também promovendo espetáculos importantes e mostras de cinema.

Os festivais da STEP foram crescendo em sua abrangência, atraindo grupos de todo o Brasil, e também do Uruguai e da Argentina.

Com isso, os grupos de Pelotas foram desatendidos quanto ao objetivo inicial da sociedade de apoiar a sua produção. E, por serem mostras competitivas, os Festivais mostraram ao longo do tempo o quanto era desfavorável para Pelotas a comparação de sua produção teatral com a de outras cidades do país e, principalmente, do exterior.

Examinemos os prêmios de melhor espetáculo, por exemplo. De 1962 a 1965, os vencedores foram grupos de Pelotas; em 1966 e 1967, grupos de Porto Alegre; de 1968 a 1971, grupos de Buenos Aires. Prêmios de melhor direção: de 1962 a 1964, venceram diretores de Pelotas; em 1965 e 1966, de Porto Alegre; em 1967, de Santa Maria; em 1968, de Sarandí Grande, Uruguai; em 1969 e 1971, diretores de Buenos Aires.

Segundo o depoimento de Valter Sobreiro Junior, a participação dos grupos pelotenses foi diminuindo até sumir, praticamente. O que é explicável, já que faltava apoio à produção local.

Pode-se dizer que o Festival da STEP deixou de ser um festival *de* Pelotas para ser um Festival *em* Pelotas. Isso, entretanto, não desmerece o legado da Sociedade gerida pelo Sr. Moreira.

Tanto os artistas quanto o público foram beneficiados pelo intercâmbio proporcionado pelos festivais, que lhes permitiu assistir a trabalhos teatrais de alta qualidade e, como já mencionamos, livres de qualquer interferência da censura.

E, embora nem todos os artistas premiados tivessem seguido carreira, alguns deles tiveram sucesso posterior, graças à oportunidade que lhes deu o Festival. Exemplos: o próprio Sobreiro, que admite isso em seu depoimento, bem como o ator Mauro Soares e o diretor e cenógrafo Fernando Mello da Costa.

Não cremos que este trabalho esgote o assunto. Ainda há fatos a investigar, pessoas a serem entrevistadas, documentos a pesquisar. Temos a certeza, porém,

de que demos um passo importante no resgate dos Festivais de Teatro da STEP, um resgate necessário, já que essa iniciativa pioneira estava condenada a um imerecido esquecimento.

Referências

- ARNS, Paulo Evaristo. ***Brasil: nunca mais***. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BUENO, Eduardo. ***Brasil: uma história***. São Paulo: Ática, 2003
- DIÁRIO POPULAR***. Pelotas, 1962-1971.
- GUILLÉN, Mario García. ***Falando de Teareo***. São Paulo: Loyola, 1978.
- LERINA, Roger. ***Mauro Soares, a luz no protagonista***. Porto Alegre: Porto Alegre em cena, 2015.
- LEVI, Clóvis. ***Teatro brasileiro, um panorama do século XX***. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.
- LIMA, Perla Zayas de. ***Diccionario de directores y escenógrafos del teatro Argentino***. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1990.
- MAGALHÃES, Mario Osório. ***Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul***. Pelotas: UFPEL/Livraria Mundial, 1993.
- MICHALSKI, Yan. ***O teatro sob pressão***. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- PEIXOTO, Fernando. ***Um teatro fora do eixo***. São Paulo: Hucitec, 1993.
- PRADO, Décio de Almeida. ***O teatro brasileiro moderno***. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PRATES, Eliane Zanella. ***Do Corpo Cênico ao Teatro Escola***. Pelotas: Educat, 2005.
- REVERBEL, Carlos. ***Um capitão da Guarda Nacional***. Porto Alegre: UCS/Martins Livreiro, 1981.
- GUINSBURG, J.; PATRIOTA, Rosângela. ***Teatro brasileiro: ideias de uma história***. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ROUBINE, Jean-Jacques. ***A linguagem da encenação teatral***. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- RUBIRA, Luis (Org.). ***Almanaque do bicentenário de Pelotas***. Vol.2. Pelotas: Gaia, 2014.
- SANTOS, Klécio. ***O teatro do imperador***. Pelotas: Libretos, 2012.

Apêndices

I FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: TEATRO DA ESCOLA TÉCNICA (IF-SUL)

PERÍODO: 08 A 13 DE JULHO DE 1962

08/07/1962	ESPETÁCULO	AMOR DE DOM PERLIMPLIM COM BELISA EM SEU JARDIM
	AUTOR	Federico García Lorca
	GRUPO	Teatro-Estúdio
	CIDADE	Pelotas- RS
	DIRETOR	Paulo Machado
	ELENCO	Paulo Machado, Vera Salcedo, Maria Cristina (Therezinha Hallal), Maria Elena Costa
10/07/1962	ESPETÁCULO	O PEGA-FOGO
	AUTOR	Jules Renard
	GRUPO	Teatro Universitário de Pelotas (TUP)
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Nadir Carvalho
	ELENCO	Roberto Gigante, Nadir Carvalho, Geraldo Faria, Maria Helena Oliveira
11/07/1962	ESPETÁCULO	O CANTO DO CISNE e O HOMEM DA FLOR NA BOCA
	AUTORES	Anton Tchekov e Luigi Pirandello
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	L. C. Corrêa da Silva
	ELENCO	L. C. Corrêa da Silva, Jota Pinho, Angenor Gomes
12/07/1962	ESPETÁCULO	O ESTIGMA DA CRUZ
	AUTOR	Eugene O'Neill
	GRUPO	Teatro dos Secundaristas – TESP
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Justino Silva
	ELENCO	Não informado (Nanci Rota Azevedo aparece na premiação)
13/07/1962	ESPETÁCULO	TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
	AUTOR	Agatha Christie
	GRUPO	Teatro dos Bancários
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	João Soares (Jotares)

	ELENCO	Máximo Bergeres, Sueli Fossatti, José Luiz Mendonça, Cândida Isabel Rocha, Ana Maria Mendonça, Castelar Braz, Milton Maciel, Sérgio Neves, N. N., Gilberto Braga e figurantes
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	O Pega-Fogo (TUP)
	MELHOR DIREÇÃO	L. C. Corrêa da Silva (TEP)
	MELHOR ATOR	L. C. Corrêa da Silva (O Canto do Cisne)
	MELHOR ATRIZ	Nadir Carvalho (O Pega-Fogo)
	MELHOR ATOR COADJUVANTE	José Luiz Mendonça (Testemunha de Acusação)
	MELHOR ATRIZ COADJUVANTE	Nanci Rota Azevedo (O Estigma da Cruz)
	MELHOR CENOGRAFIA	Aldyr Garcia Schlee (O Pega-Fogo)
	PREMIO ESPECIAL DO JÚRI	Roberto Gigante (pela atuação em O Pega-Fogo)
JÚRI		Noêmia Echenique Magalhães, Gizela Soares Dias da Costa, Iolette Pinto Bandeira, Adail Bento Costa, Paulo Germano Petrucci.
OBS.		a) Na primeira edição, o Festival foi denominado SEMANA DO TEATRO AMADOR. b) A peça vencedora, O PEGA-FOGO, foi reapresentada no Theatro Sete de Abril, no dia 02/08/1962, encerrando o evento.

FESTIVAL DO AUTOR PELOTENSE

LOCAL: TEATRO DA ESCOLA TÉCNICA (IF-SUL)

PERÍODO: 20 A 28 DE DEZEMBRO DE 1962

20/12/1962	ESPETÁCULO	ÓRFÃOS DE PAIS VIVOS
	AUTORES	Luiz Carlos Irigoyen e Paulo Ribeiro
	GRUPO	Sociedade Artística
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Luiz Carlos Irigoyen
	ELENCO	Jorge Requião, Paulo Ribeiro, Erminio Montone, Luís Roberto Real, Gil Duarte Teixeira, Luiz Carlos Irigoyen.
22/12/1962	ESPETÁCULO	RELÂMPAGO
	AUTORES	Angenor Gomes e Jota Pinho
	GRUPO	Teatro Universitário – TUP
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Angenor Gomes
	ELENCO	Angenor Gomes, Ivanosca dos Santos, IoletteBandeira, L. C. Corrêa da Silva, Jota Pinho.
28/12/1962	ESPETÁCULO	TRAÍÇÃO DA LINHAGEM
	AUTOR	Alvacyr Faria Collares
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	L. C. Corrêa da Silva
	ELENCO	Jota Pinho, Iolette Bandeira, Angenor Gomes.
PREMIAÇÃO		Não informada.
JÚRI		Ruy Brasil Barbedo Antunes, Sérgio Abreu Neves, Gilberto Marchese Adures, Aldyr Garcia Schlee, Roberto Gigante.
OBS.		No encerramento do evento e da temporada, a STEP agradeceu à Escola Técnica (pelo empréstimo do teatro) e ao Círculo Operário (pela cedência de seu espaço para ensaios dos grupos).

II FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: THEATRO SETE DE ABRIL

PERÍODO: 02 A 08 DE OUTUBRO DE 1963

02/10/1963	ESPETÁCULO	AMOR ARDENTE
	AUTOR	John Steinbeck
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	L.C. Corrêa da Silva
	ELENCO	Tati Couto, L. C. Corrêa da Silva, Jota Pinho e Angenor Gomes
03/10/1963	ESPETÁCULO	TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
	AUTOR	Agatha Christie
	GRUPO	Grupo Teatral do Centro Acadêmico Balduino Rambo, da Faculdade de Filosofia
	CIDADE	São Leopoldo - RS
	DIRETOR	Hilário Dick
	ELENCO	Walquíria Machado, Victor L. Becker. J. A. Baldissera, Flávio Elias Rodrigues, Marisa Rick, Nery Malheiros Menezes, J. Marcelinho Poersch, Maria Helena Machado, João Daudt, Miriam Gernhardt, Sebald Schuch, Carmen Appollo, Edgar Strieder.
04/10/1963	ESPETÁCULO	O INFELIZ JOVEM REI
	AUTOR	Walter Júnior
	GRUPO	Grupo Experimental de Teatro
	CIDADE	Pelotas - RS
	DIRETOR	Justino Silva
	ELENCO	Roberto Gigante, Hilda Regina Albantes, Terezinha Hallal, Paulo Machado, Nancy Rota Azevedo, José Luís Mendonça, Francisco Voser, Antônio Carlos Pereira, Antônio Antonacci.
05/10/1963	ESPETÁCULO	A PEQUENA LUA DE PRATA e O MÉDICO E A MORTE
	AUTORES	Baar e Stevens e Heltai e Jones
	GRUPO	Teatro do Serviço Social do Comércio de Porto Alegre (Teatro do SESC)
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	J. Carlos Caldasso
	ELENCO	Rudolf Steiner, J. Carlos Caldasso, Eri Steinke, David Camargo.

05/10/1963	ESPETÁCULO	A CAMISOLA DO ANJO
	AUTORES	Pedro Bloch e Darci Evangelista
	GRUPO	Teatro do Serviço Social do Comércio de Porto Alegre (Teatro do SESC)
	CIDADE	Porto Alegre
	DIRETOR	J. Carlos Caldasso
	ELENCO	Fernando Cabrera, Margarida Linera, Rosa Martins
06/10/1963	ESPETÁCULO	O NOVIÇO
	AUTOR	Martins Pena
	GRUPO	Nosso Teatro
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Edson Nequete
	ELENCO	Não informado
06/10/1963	ESPETÁCULO	DESFILE DE COMÉDIAS (PEDIDO DE CASAMENTO, MARIDO EM VERANEIO e MONÓLOGO DO FUMO)
	AUTOR	Anton Tchecov
	GRUPO	Nosso Teatro
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Murilo Fernandes
	ELENCO	Marcela Moranti, Nilton Romano, Murilo Fernandes, Paolo di Nardo
08/10/1963	ESPETÁCULO	NÓS, AS TESTEMUNHAS
	AUTOR	Eduardo Campos
	GRUPO	Teatro Cinco de Setembro
	CIDADE	Porto Alegre
	DIRETOR	César Magno
	ELENCO	César Magno, Lidia Ilzuk, Aron Menda, Nadir Costa, Lia Corrêa, Nestor Bandeira
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	O Infeliz Jovem Rei (Grupo Experimental de Teatro)
	MELHOR DIREÇÃO	Justino Silva (O Infeliz Jovem Rei)
	MELHOR ATOR	Roberto Gigante (O Infeliz Jovem Rei)
	MELHOR ATRIZ	Lidia Ilzuk (Nós, as Testemunhas)
	MELHOR ATOR COADJUVANTE	Angenor Gomes (Amor Ardente)
	MELHOR ATRIZ COADJUVANTE	Terezinha Hallal (O Infeliz Jovem Rei)
	MELHOR CENOGRAFIA	Walter Júnior (O Infeliz Jovem Rei)
	PREMIO ESPECIAL DO JÚRI	Walter Júnior (pelo texto de O Infeliz Jovem Rei)
	JURI	Benette Casareto Motta, Gizela Soares Dias da Costa,

		Noêmia Echenique Magalhães, Ruy Brasil Barbedo Antunes, Joaquim José Assumpção Osório e Antônio Franqueira Moreira.
--	--	---

III FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: TEATRO DO COLÉGIO GONZAGA

PERÍODO: 08 A 18 DE NOVEMBRO DE 1964

08/11/1964	ESPETÁCULO	MEU ÚLTIMO NATAL
	AUTOR	Amaral Gurgel
	GRUPO	Grupo Teatral Rodolfo Mayer
	CIDADE	Porto Alegre –RS
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
09/11/1964	ESPETÁCULO	O RELÂMPAGO
	AUTOR	Angenor Gomes e Jota Pinho
	GRUPO	Teatro do Colégio S. Margarida
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Angenor Gomes
	ELENCO	Luiz Mário Kramer Costa, Roberto Bacchieri, Lauro Petrarca, Gastón Pereira Lima, Marco Antônio Rotta, Maria Gládis Kratz, Luiza Fossati
10/11/1964	ESPETÁCULO	DEUS
	AUTOR	Renato Viana
	GRUPO	O Ribalta
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Augusto Biglia
	ELENCO	Augusto Biglia, Adir Loch, Lourdes Figueiredo, Lina Silva, Ondina Oliveira, Valquíria Figueiredo, Cimirvan de Souza, Ilton Faton, Maria Teresa, Demétrio Barros
11/11/1964	ESPETÁCULO	NOSSA CIDADE
	AUTOR	Thorton Wilder
	GRUPO	Teatro dos Gatos-Pelados
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Angenor Gomes
	ELENCO	Antonio Henrique Nogueira, Djalma Bastos, Marta Bianchi Rocha, Miguel Guimarães, Marisa Kirst, Maria Amélia Ávila, Alejandro Silva, Paulo Luiz Gonçalves, Cláudio M. Lopes, João José Fonseca, Gilnei Fróes, Maria da Graça Corrêa da Silva, Kledir Ramil, Nair Pereira, José Antonio e figurantes
12/11/1964*	ESPETÁCULO	À MARGEM DA VIDA
	AUTOR	Tennessee Williams
	GRUPO	Clã
	CIDADE	Pelotas – RS

	DIRETOR	Jones Pereira
	ELENCO	Jones Pereira, Lina Ballio, Lenir Garcia, Laerth Pedrosa Jr.
		*Peça transferida para 17/11
14/11/1964	ESPETÁCULO	LEILÃO DE FELICIDADE
	AUTOR	Paulo Orlando
	GRUPO	Grupo dos Dezesesseis
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Guido Pacífico
	ELENCO	Nestor Fulgiotti, Nira Farjan, Lorena Maria, Reinaldo Daude, Maximiliano Weissheimer, Inah Rita, Walmir Giordani, Iris Laporta, Atos Pinheiro
15/11/1964	ESPETÁCULO	O CAÇADOR DE BORBOLETAS
	AUTOR	Maria Clara Machado
	GRUPO	Grupo de Teatro Infantil N. S. Aparecida
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Não Informado
	ELENCO	Não informado
15/11/1964	ESPETÁCULO	UMA MULHER EM TRÊS ATOS
	AUTOR	Millôr Fernandes
	GRUPO	Teatro de Arte
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado (Maria do Horto aparece na premiação)
17/11/1964		À MARGEM DA VIDA
PREMIAÇÃO	MELHOR	Nossa Cidade (TGP)
	ESPETÁCULO	
	MELHOR	Angenor Gomes (Nossa Cidade)
	DIREÇÃO	
	MELHOR ATOR	Antônio Henrique Nogueira (Nossa Cidade)
	MELHOR ATRIZ	Maria do Horto (Uma Mulher em Três Atos)
	MELHOR ATOR	Miguel Guimarães (Nossa Cidade)
	COADJUVANTE	
	MELHOR ATRIZ	Marisa Kirst (Nossa Cidade)
	COADJUVANTE	
	MELHOR	Leilão de Felicidade (Grupo dos Dezesesseis)
	CENOPLASTIA	
	PREMIO	O Caçador de Borboletas, Grupo de Teatro Infantil N. S.
	ESPECIAL DO	Aparecida
	JÚRI	
JÚRI		Gilda Duval, Nadir Galotti Carvalho, Noemi Osório Caringi, Antônio Franqueira Moreira, Geraldo Vieira Faria, João Carlos Gastal, Wilson Alves Chagas
OBS.		A peça vencedora NOSSA CIDADE foi reapresentada

		no Theatro Sete de Abril em 16/12/1964, encerrando o evento.
--	--	--

IV FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: TEATRO DO COLÉGIO GONZAGA

PERÍODO: 13 A 21 DE NOVEMBRO DE 1965

13/11/1965	ESPETÁCULO	A BARONESA
	AUTOR	Josué Montello
	GRUPO	Novo Teatro
	CIDADE	S. Vitória do Palmar – RS
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
15/11/1965	ESPETÁCULO	A VIAGEM
	AUTOR	Ruy Antunes
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Ruy Antunes
	ELENCO	Iolette Bandeira, Roberto Gigante, Gladys Lemos, Marisa Kirst, José Luiz Mendonça, Jorge Requião, Nancy Azevedo, Angenor Gomes
16/11/1965*	ESPETÁCULO	TERRA NOVA
	AUTOR	O Grupo
	GRUPO	Arena 8
	CIDADE	Pelotas - RS
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
	OBSERVAÇÃO	* O espetáculo foi transferido para o dia 21/11
17/11/1965	ESPETÁCULO	O DIÁRIO DE ANNE FRANK
	AUTOR	Frances Goodrich e Albert Hackett
	GRUPO	Teatro dos Gatos Pelados
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Angenor Gomes
	ELENCO	Não informado
18/11/1965	ESPETÁCULO	AS MÁSCARAS
	AUTOR	Menotti Del Pichia
	GRUPO	Grupo dos Quartanistas do Colégio Pelotense
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
19/11/1965	ESPETÁCULO	LONGA JORNADA PARA DENTRO DA NOITE
	AUTOR	Eugene O'Neill
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Angenor Gomes
	ELENCO	Angenor Gomes, L.C. Corrêa da Silva, José Luiz Mendonça, Maria Amélia Avila, Gladys Lemos

20/11/1965	ESPETÁCULO	O CASO DOS DEZ NEGRINHOS
	AUTOR	Agatha Christie
	GRUPO	Grupo Teatral do SESC
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	J. Carlos Caldasso
	ELENCO	Não informado (Betty Barbosa aparece na premiação)
21/11/1965	ESPETÁCULO	CIÚME
	AUTOR	Louis Verneuil
	GRUPO	Grupo Ribalta
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
PREMIAÇÃO	MELHOR	A Viagem (TEP)
	ESPETÁCULO	
	MELHOR	J. Carlos Caldasso (O Caso dos Dez Negrinhos)
	DIREÇÃO	
	MELHOR ATOR	Roberto Gigante (A Viagem)
	MELHOR ATRIZ	Maria Amélia Avila (Longa Jornada Para Dentro da Noite)
	MELHOR ATOR	José Luiz Mendonça (Longa Jornada Para dentro da Noite)
	COADJUVANTE	
	MELHOR ATRIZ	Betty Barbosa (O Caso dos Dez Negrinhos)
	COADJUVANTE	
JÚRI	MELHOR	A Viagem - Cenário de Walter Júnior (TEP)
	CENOPLASTIA	
	PREMIOS ESPECIAIS DO JÚRI	Ator – L.C. Corrêa da Silva (Longa Jornada Para Dentro da Noite) Atriz – Iolette Bandeira (A Viagem) Atriz Coadjuvante – Nancy Azevedo (A Viagem).
JÚRI		Heloisa de Assumpção do Nascimento, Lúbia Zilberknopp, Cândida Izabel da Rocha, Paulo Germano Petrucci, Roberto Horácio Burnett, Mário Ferreira de Medeiros, Antônio Franqueira Moreira.

V FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: TEATRO DO COLÉGIO GONZAGA

PERÍODO: 15 A 28 DE OUTUBRO DE 1966

15/10/1966	ESPETÁCULO	ROSMERSHOLM
	AUTOR	Henrik Ibsen
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Ruy Antunes
	ELENCO	Maria Amélia Avila, Terezinha Hallal, Angenor Gomes, José Luiz Mendonça, Miguel Guimarães
16/10/1966	ESPETÁCULO	TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
	AUTOR	Gláucio Gil
	GRUPO	Grupo Presença
	CIDADE	Santa Maria – RS
	DIRETOR	Pedro Freire Júnior
	ELENCO	Bernadette Kurtz, Maria Isabel Brenner, Carlos Renato Melo, João Carlos Jorgens, Pedro Freire Júnior
18/10/1966	ESPETÁCULO	ESTÓRIAS (JOÃO DA SILVA, ONDE ESTOU e EU E MINHA ROSA)
	AUTOR	Álvaro Franklin
	GRUPO	Álvaro Franklin
	CIDADE	Pelotas - RS
	DIRETOR	Álvaro Franklin
	ELENCO	Álvaro Franklin
19/10/1966	ESPETÁCULO	MORTOS SEM SEPULTURA
	AUTOR	Jean-Paul Sartre
	GRUPO	Teatro da Agronomia
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Paulo Ribeiro
	ELENCO	Marisa Oliveira, Alaor Tarouco, Anselmo Hess, Léo Del Duca, Manuel Luiz Osório Neto, Orlando Oliveira Corrêa, Oswaldo Pitol, Paulo Roberto Caldeira, Zeferino Sacheti e figurantes.
21/10/1966	ESPETÁCULO	TRÊS COMÉDIAS DE QORPO-SANTO (AS RELAÇÕES NATURAIS, EU SOU VIDA; EU NÃO SOU MORTE e MATHEUS E MATHEUSA)
	AUTOR	Qorpo-Santo
	GRUPO	Teatro do Clube de Cultura
	CIDADE	Porto Alegre - RS
	DIRETOR	Antônio Carlos de Sena
	ELENCO	Aparecida Dutra, Mila Cibelli, Rachel Marcovici, Regina

		Vianna, Antônio Carlos de Sena, José Gonçalves, Vania Brown, Marcos Schames, Oswaldo Ávila e Marcos Wainberg.
22/10/1966	ESPETÁCULO	BARCO SEM PESCADOR
	AUTOR	Alejandro Casona
	GRUPO	Teatro De Equipe
	CIDADE	São Leopoldo – RS
	DIRETOR	Lauro J. Dick
	ELENCO	Ana Maria Paranhos Luz, Ingrid Elene Marx, Ivete Werlang, Miracy Moura, Nina Rosa Walker Róig, João Colombo Filho, José A. Baldissera, José Gressler, Luiz Carlos Torres Araújo, Tarcísio Flores.
23/10/1966	ESPETÁCULO	SORAIA POSTO 2
	AUTOR	Pedro Bloch
	GRUPO	Grupo de Teatro Independente
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Jairo de Andrade
	ELENCO	Alba Rosa dos Santos, Araci Esteves, Helena D'Amore, Cândia Vargas, Hamilton Braga, Mário Xavier
25/10/1966	ESPETÁCULO	O HOMEM NO SÁBADO
	AUTOR	O Grupo (adaptação do poema de Vinícios de Moraes “O dia da criação”)
	GRUPO	Grupo de Teatro em Afirmação
	CIDADE	Pelotas - RS
	DIRETOR	O Grupo
	ELENCO	Ester Bendjoya, Nara Kaiserman, Sônia Beatriz Nunes da Costa, Frederico Dias da Cruz, Rubens Rotta Pereira.
26/10/1966	ESPETÁCULO	SÚPLICA DE UM NOVO MUNDO
	AUTOR	Walter Braga e João Alberto Soares
	GRUPO	Teatro Novo 3 B
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Walter Braga e João Alberto Soares
	ELENCO	Anaizi E. Santo, Dause Alves, Iraci Alba, Lúcia Helena Gadret, Nórís dos Santos, Ildo Chiattoni, Walter Braga
27/10/1966	ESPETÁCULO	OS DEUSES RIEM
	AUTOR	A. J. Cronin
	GRUPO	Teatro dos Gatos Pelados
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	José Luiz Mendonça.
	ELENCO	Denise Nogueira, Jane Mary Duarte, Neli Vera Hömeck, Ruth Rosinha, Vera Maria Rilckes, Gilnei Fróes, Jorge Roberto Salomão, José Anselmo Rodrigues, Mauro Soares, Nataniel Soares

28/10/1966	ESPETÁCULO	PEDRO MICO
	AUTOR	Antônio Callado
	GRUPO	Teatro Saci
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Amaral Filho
	ELENCO	Bianca Duarte, Eni Neves, Airton Marques, José Telles, Luiz Carlos Lopes, Nelson da Silva, Jair Pereira
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	3 Comédias de Qorpo-Santo (Clube de Cultura)
	MELHOR DIREÇÃO	Antônio Carlos de Sena (3 Comédias de Qorpo-Santo)
	MELHOR ATOR	Pedro Freire Júnior (Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera)
	MELHOR ATRIZ	Maria Amélia Ávila (Rosmersholm)
	MELHOR ATOR	José Luiz Mendonça (Rosmersholm)
	COADJUVANTE	
	MELHOR ATRIZ	Mila Cibelli (3 Comédias de Qorpo-Santo)
	COADJUVANTE	
	MELHOR CENOPLASTIA	Clube de Cultura (3 Comédias de Qorpo-Santo)
	PREMIO ESPECIAL DO JÚRI	Não concedido
JÚRI		Heloísa de Assumpção Nascimento, Laura de Castro Lopes, Gilda Costa Pereira Duval, Alberto Rodrigues de Souza, Irmão Edgar Hengemüle, Henrique Luiz dos Santos, Antônio Franqueira Moreira.

VI FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: TEATRO DO COLÉGIO GONZAGA

PERÍODO: 21 DE OUTUBRO A 05 DE NOVEMBRO DE 1967

21/10/1967	ESPETÁCULO	JOANA D'ARC ENTRE AS CHAMAS
	AUTOR	Paul Claudel
	GRUPO	Grupo Tabara (Fac. de Filosofia, Ciências e Letras)
	CIDADE	S. Leopoldo – RS
	DIRETOR	Eduardo Welch
	ELENCO	Ingrid Helene Marx, Sílvia Hoppe, Carlos Beutler. J. A. Baldissera, João Edmundo Bohn Neto, Marcos Vinicius Saul, Paulo F. Saul, Arlete Fritzen, Edila Sartori, Luci Bridi, Miraci Moura, Solange Seidel
22/10/1967	ESPETÁCULO	IONESCO! (A MENINA CASADOIRA, O MESTRE e O NOVO INQUILINO)
	AUTOR	Eugène Ionesco
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Ruy Antunes
	ELENCO	José Luiz Mendonça, Suely Fossati, L. C. Corrêa da Silva, Helena Ortiz, Maria da Graça, Damião Porto, Francisco Voser
24/10	ESPETÁCULO	PROTESTO
	AUTOR	Niwtton Pereira
	GRUPO	Grupo Opinião
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Niwtton Luiz
	ELENCO	Iria Stefenn, Maria Ferreira, Marly Meyer, Júlio Martins, Niwtton Luiz, Rev. Sidney Roiz
25/10/1967	ESPETÁCULO	A BALAIADA
	AUTOR	José Luiz S. da Nova Cruz
	GRUPO	Odontoarte
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	José Luiz S. da Nova Cruz
	ELENCO	Aldiva Lúcio, Iria Guimarães Machado, Alcebíades Barbosa, Carlos Alberto Dionello, Daltro Paiva, Fernando Pedreira, Gilson Souza, Homero Blois Karam
26/10/1967	ESPETÁCULO	O Macaco da Vizinha
	AUTOR	Joaquim Manoel de Macedo
	GRUPO	Grupo de Quartanistas do Colégio Pelotense
	CIDADE	Pelotas – RS

	DIRETOR	L. C. Corrêa da Silva
	ELENCO	Cléia Bandeira, Nadi Oliveira, José Renato Benites, Mauro Luz Soares, Nataniel Silva Soares, Nelci Soares Gonzáles
28/10/1967	ESPETÁCULO	O DIÁRIO DE ANNE FRANK
	AUTOR	Frances Goodrich e Albert Hackett
	GRUPO	Grupo Presença
	CIDADE	Santa Maria – RS
	DIRETOR	Pedro Freire Júnior
	ELENCO	Ana Maria Gaiger, Bernadette Kurtz, Ivanir Spezia, Ivanize Spezia, Maria Isabel Brenner, Benjamin Moro, Gilson Sebastiany, João Carlos Jorgens, João Júlio Dittmar, Pedro Freire Júnior
29/10/1967	ESPETÁCULO	OS JUSTOS
	AUTOR	Albert Camus
	GRUPO	Grupo de Teatro do SESC
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	J. Carlos Caldasso
	ELENCO	Cléa Dastis, Shirley Fontoura, Dirceu Gomes, Gilson de Sousa, Joemy Garcia, Otávio Mendes, Pedro Machado, Ricardo Santos Utinguassú Lucas
31/10/1967	ESPETÁCULO	BIRA E CONCEIÇÃO
	AUTOR	Walter Júnior
	GRUPO	Teatro dos Gatos Pelados
	CIDADE	Pelotas-RS
	DIRETOR	José Luiz Marasco Cavalheiro Leite
	ELENCO	Maria Helena Zabaleta, Marisa Borges D'Ávila, Francisco de Paula Peixoto, Luiz Carlos Mello Costa, Anita Silveira, Edileuza Fernandes, Eva Leonor Neves, Maria Conceição Portella, Antônio Carlos Augustin, Dilencar Martins, Fernando Mello Costa, Mario René Fernandes
01/11/1967	ESPETÁCULO	O SANTO INQUÉRITO
	AUTOR	Dias Gomes
	GRUPO	Grupo de Teatro Independente
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Jairo de Andrade
	ELENCO	Maria Helena D'Amore, Antônio Carlos Castilhos, Francisco Aron, Jorge Rodrigues, J. Pereira, Moura Neto W. Moura Lima
04/11/1967	ESPETÁCULO	MORRE UM GATO NA CHINA
	AUTOR	Pedro Bloch
	GRUPO	Tescas

	CIDADE	Cachoeira do Sul – RS
	DIRETOR	Maria Rita
	ELENCO	Clarice Melchiors, Milton Hugo Rodolf, Sérgio Antonio Carlos
05/11/1967	ESPETÁCULO	DONA ROSITA, A SOLTEIRA OU A LINGUAGEM DAS FLORES
	AUTOR	Federico García Lorca
	GRUPO	Centro de Arte Dramática da Faculdade de Filosofia
	CIDADE	Porto Alegre - RS
	DIRETOR	Maria Helena Lopes
	ELENCO	Cecília Nisenblat, Ida Celina Silveira, Irene Brietzke, Maria da Graça Nunes, Maria Luiza Martini, Nelci Terezinha Fraga, Valquíria Peña, Vaniá Brown, Alberto de los Santos, Célio Trigo Alvarez, Francisco Antonio Bassols, Luiz Francisco Fabretti, Luiz Roberto Damasceno
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	Dona Rosita, a Solteira (CAD)
	MELHOR DIREÇÃO	Pedro Freire Júnior (O Diário de Anne Frank)
	MELHOR ATOR	José Luiz Mendonça (Ionesco!)
	MELHOR ATRIZ	Maria Helena D'Amore (O Santo Inquérito)
	MELHOR ATOR COADJUVANTE	Francisco Aron (O Santo Inquérito)
	MELHOR ATRIZ COADJUVANTE	Vaniá Brown (Dona Rosita, a Solteira)
	MELHOR CENOPLASTIA	CAD (Dona Rosita, a Solteira)
	PREMIO ESPECIAL DO JÚRI	Não concedido
JÚRI		Pe. Aldo Lorenzoni, Antônio Franqueira Moreira, Arabela Rota Chiarelli, Cláudio Heemann, Heloísa Assumpção Nascimento, Livia Martins Falcão, Sérgio José Abreu Neves.

VII FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: TEATRO DO COLÉGIO GONZAGA

PERÍODO: 03 A 17 DE NOVEMBRO DE 1968

03/11/1968	ESPETÁCULO	A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA
	AUTOR	Mário Brasini
	GRUPO	Grupo Presença
	CIDADE	Santa Maria – RS
	DIRETOR	Pedro Freire Júnior
	ELENCO	Bernadete Kurt, Mirta Barboza, Sayonara Cunha, Zelly Quintana, Alberto Robson, Airton Medeiros, Antonio Sartorius, J. Carlos Jorgen, João Júlio Dittner, Renato Mello, Renato Sbrissa.
04/11/1968	ESPETÁCULO	JOÃO E MARIA NAS TREVAS
	AUTOR	Ronald Radde
	GRUPO	Grupo Teatro Novo de Petrópolis
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Ronald Radde
	ELENCO	Argilaine Prado, Argita Prado, Cláudio Ortiz, David Camargo, Jurandir Aliatti.
05/11/1968	ESPETÁCULO	ARENA CONTA ZUMBI
	AUTOR	Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal
	GRUPO	Teatro Universitário
	CIDADE	Santa Maria – RS
	DIRETOR	Não consta
	ELENCO	Não consta
06/11/1968	ESPETÁCULO	ÁGUA FURTADA 386
	AUTOR	Paulo Ubiratã Campos de Carvalho
	GRUPO	Coletivo de Teatro Nacional
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Paulo Biratã Campos de Carvalho
	ELENCO	Ivone Pelenz, Nilda G. Sessim, Tania Neis, Edart Gondolf, Gilberto Barzot e Paulo U.C. de Carvalho.
08/11/1968	ESPETÁCULO	EL ESPANTOSO REGRESO DE DRÁCULA
	AUTOR	Roberto Habegger
	GRUPO	Amadores Argentinos
	CIDADE	Buenos Aires - Argentina
	DIRETOR	Roberto Habegger
	ELENCO	Hogo Bab Quintela, Maria Esther Mattaño, Dora Lis, Elsa Batter, Maria Cristina Gatto, Kela Márquez, Alberto Drago, Carlos Paonessa
09/11/1968	ESPETÁCULO	O CASTIÇAL

	AUTOR	Alfred de Musset
	GRUPO	Grupo de Teatro do SESC
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	J. Carlos Caldasso
	ELENCO	Ellen Nara, Shyrlei Fontoura, Henrique Spier, J. Carlos Caldasso, Luís Cyro, Ricardo Santi, Roger Pinto e U. Lucca.
10/11/1968	ESPETÁCULO	...MAS LIVRAI-NOS DO MAL
	AUTOR	Jairo Lima
	GRUPO	TABARA - Teatro Acadêmico Balduino Rambo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
	CIDADE	São Leopoldo - RS
	DIRETOR	Marcos Wainberg
	ELENCO	Edila Maria, Irene, Maria Aparecida, Shirley, Sueli, Telma Maria, Vera, Darney, Jaime, João Edmundo, José Alberto, Macus Vinícius, Paulo Fernando, Sidney, Tomaz, Valfrido
11/11/1968	ESPETÁCULO	MALA IAYA e EL DESALOJO
	AUTOR	Ernesto Herrera e Florencio Sánchez
	GRUPO	Institución Cultural Juventud
	CIDADE	Montevideu – Uruguai
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
12/11/1968	ESPETÁCULO	O CANTO DO CISNE, OS MALEFÍCIOS DO FUMO e AMOR POR ANEXINS
	AUTORES	Anton Tchecov e Arthur Azevedo
	GRUPO	Teatro Casarão
	CIDADE	São Paulo - SP
	DIRETOR	Ermínio Furlan
	ELENCO	Ermínio Furlan, Santos de Souza, Clemente Viscaino
13/11/1968	ESPETÁCULO	A PENA E A LEI
	AUTOR	Ariano Suassuna
	GRUPO	Grupo de Teatro do Colégio Estadual de Pernambuco
	CIDADE	Recife – PE
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
14/11/1968	ESPETÁCULO	O FARDÃO
	AUTOR	Bráulio Pedroso
	GRUPO	Grupo de Teatro Independente
	CIDADE	Porto Alegre - RS
	DIRETOR	Miguel Grant
	ELENCO	Miguel Grant, Rubem Clodoaldo, Araci Estêves, Maria da Graça, Graça Nunes, Sérgio Roberto
15/11/1968	ESPETÁCULO	QUANDO DESPERTAMOS DE ENTRE OS MORTOS
	AUTOR	Henrik Ibsen
	GRUPO	Teatro Escola de Pelotas

	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	Ruy Antunes
	ELENCO	Angenor Gomes, Maria Amélia Avila, Iria Machado, L.C. Corrêa da Silva, Miguel Guimarães, Terezinha Hallal
16/11/1968	ESPETÁCULO	CEREMONIA POR UN NEGRO ASESINADO
	AUTOR	Fernando Arrabal
	GRUPO	Grupo 12 - Institución Teatral Independente
	CIDADE	Sarandi Grande - Uruguai
	DIRETOR	Homero González Torterolo
	ELENCO	Yamandú Vidart, Homero González Torterolo, Eufemio Leiva, Ana Suárez, Ariel Morena
17/11/1968	ESPETÁCULO	MORTE E VIDA SEVERINA
	AUTOR	João Cabral de Melo Neto
	GRUPO	Teatro do Estudante
	CIDADE	Bom Jesus – RS
	DIRETOR	Milton Carlos Baggio
	ELENCO	Cássio Lisboa, Francisco Dutra Becher, Luiz Hortêncio Dutra, Elizeu Lisboa, Ana Fagundes, Ceres Torres, Edelmi Varela, Eronildes Santos, Flávia Ferreira, Heigly Becher, Ilca Santos, Jussara T. Sousa, Jussara Zuanazzi, Marlene Velho, Maria Nisia Almeida, Margarete Dutra, Noaba Golin, Rosangela Zambelli, Sallete Dutra, Vera Regina Velho, Zenaide Suzim, Zilma Vieira, Antônio Edenir Concollato, Luiz Antônio Dutra, Clóvis Santos, Geraldo Zuanazzi, Zenon Torres, Éverton Dutra, Luiz Alberto Finger, Beatriz Borges, Dagmar Suzim, Eronda Varela, Elaine Grazziotin, Giselda Barcellos, Ivonilde Abreu, Ivone Rocha, Jussara Marcantonio, Maristela Mazzado, Margarida Carniel, Maria Helena Aver, Nelsia Vieira, Neuza Silveira, Salete Fonseca, Terezinha Dutra, Vânia Finger, Zuleide Búrigo, Avelina Zuanazzi, Raul Rossi, Dario E. Zambelli, José Nilson Soares.
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	El Espantoso Regreso de Drácula (Amadores Argentinos)
	MELHOR DIREÇÃO	Homero González Torterolo (Ceremonia por un Negro Asesinado)
	MELHOR ATOR	Erminio Furlan (Malefícios do Fumo e O Canto do Cisne)
	MELHOR ATRIZ	Araci Estêves (O Fardão)

	MELHOR ATOR	Yamandú Vidart (Ceremonia por un Negro Asesinado)
	COADJUVANTE	
	MELHOR ATRIZ	Elsa Batter (El Espantoso Regreso de Drácula)
	COADJUVANTE	
	MELHOR	Grupo 12 (Ceremonia por un Negro Asesinado)
	CENOPLASTIA	
	PREMIO	Não concedido
	ESPECIAL DO JÚRI	
JÚRI		Paschoal Carlos Magno (Presidente), Aron Menda (Secretário), Annemarie Rilling da Nova Cruz, Antônio Franqueira Moreira, Cecy da Nova Cruz Sacco, Gilda Costa Pereira Duval, Heloisa Assumpção Nascimento, Henrique Luiz Costa dos Santos e Joaquim José de Assumpção Osório.
OBS:		Na sétima edição, o Festival tornou-se internacional.

VIII FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: THEATRO SETE DE ABRIL

PERÍODO: 03 A 17 DE NOVEMBRO DE 1969

03/11/1969	ESPETÁCULO	UNA PASIÓN ARRABALERA
	AUTOR	Roberto Habegger
	GRUPO	Artistas Argentinos Independientes
	CIDADE	Buenos Aires – Argentina
	DIRETOR	Roberto Habegger
	ELENCO	Mila Martelli, Maria Esther Danelli, Lidia Arenas, Susana Corrente, Carmem Platero, Maria Elena Mobi, Vanina Vanini, Victorio Berni, Enrique Vitelli, Mariano Guillot, Jorje Rulli e Mario Labarden.
04/11/69	ESPETÁCULO	ZOO STORY e O URSO
	AUTORES	Edward Albee e Anton Tchecov
	GRUPO	Teatro de Comédia
	CIDADE	São Paulo - SP
	DIRETORES	Benedito Lara e Erminio Furlan
	ELENCO	Wilson R. Dos Santos, Santos de Souza, Nara P. Pereira, Erminio Furlan
05/11/1969	ESPETÁCULO	A HERANÇA
	AUTOR	J. Nova Cruz
	GRUPO	Grupo: Odontoarte
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	J. Nova Cruz
	ELENCO	Eurico Sacco, Iria Machado, Luiz Alfredo de Boer, Salomé Rodrigues e Cláudio Fernando Morales
07/11/1969	ESPETÁCULO	LA CANTANTE CALVA e LA CALESITA REBELDE
	AUTORES	Eugène Ionesco e Mauricio Rosencof
	GRUPO	Teatro Experimental de Treinta y Tres
	CIDADE	Trinta y Tres – Uruguai
	DIRETOR	Carlos Gallardo
	ELENCO	Esther Caravia, Ramón Romero, Estela Quiroga, Hugo Mieres, Luz Castro, Carlos Gallardo.
08/11/1969	ESPETÁCULO	PIC-NIC NO FRONT e HISTÓRIA DO ZOOLÓGICO
	AUTORES	Fernando Arrabal e Edward Albee
	GRUPO	Escola de Teatro Leopoldo Fróes
	CIDADE	Santa Maria – RS
	DIRETOR	Edmundo Cardoso
	ELENCO	Luiz Hostyn, Horst Pippold, João Teixeira Porto, Edna Cardoso, Cylon do Canto, Nelson Costa
09/11/1969	ESPETÁCULO	A BELA ADORMECIDA e SACI E O BOI BARROSO

Turno da Tarde	AUTOR	Não consta
	GRUPO	Teatro Infantil de Marionetes
	CIDADE	Porto Alegre – RS
	DIRETOR	Antonio Carlos de Sena
	ELENCO	Não consta
09/11/1969	ESPETÁCULO	OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
Turno da Noite	AUTOR	Pedro Bloch
	GRUPO	Teatro Dirceu de Mattos
	CIDADE	Brasília – DF
	DIRETOR	Dirceu de Mattos
	ELENCO	Yonne Storni, Dirceu de Mattos
11/11/1969	ESPETÁCULO	SEMPRONIO
	AUTOR	Agustín Cuzzani
	GRUPO	Institución Cultural Juventud
	CIDADE	Montevideu – Uruguai
	DIRETOR	Pedro Perdomo
	ELENCO	Miguel Angel Perdomo, Maria Ana Chenlo, Maria Elena Pineda, Júlio Cesar Mieres, Pedro Perdomo, Roque R. Mattos, Eduardo Garcia.
12/11/1969	ESPETÁCULO	SOROCABANA, SEIS E QUARENTA E CINCO
	AUTOR	Leda Sylvia Szoenalewicz
	GRUPO	Teatro Juvenil Leda Sylvia
	CIDADE	São Paulo
	DIRETOR	Leda Sylvia Szoenalewicz
	ELENCO	Não consta
13/11/1969	ESPETÁCULO	AMORFO 70
	AUTOR	Guillermo Gentile
	GRUPO	Teatro Altos de Florida
	CIDADE	Buenos Aires – Argentina
	DIRETOR	Gerald Huillier
	ELENCO	Hector Mariol, Miguel Angel Paludi, Juan Carlos Puppo
14/11/1969	ESPETÁCULO	AS MÃOS DE EURÍDICE
	AUTOR	Pedro Bloch
	GRUPO	Não informado
	CIDADE	Rio de Janeiro - GB
	DIRETOR	Armando Castro
	ELENCO	Armando Castro
15/11/1969	ESPETÁCULO	AS MÃOS DE EURÍDICE
	AUTOR	Pedro Bloch
	GRUPO	Não informado
	CIDADE	Florianópolis – SC
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado
16/11/1969	ESPETÁCULO	PLUFT, O FANTASMINHA
Turno da Tarde	AUTOR	Maria Clara Machado
	GRUPO	Não informado
	CIDADE	Blumenau – SC
	DIRETOR	Não informado
	ELENCO	Não informado

16/11/1969 Turno da Noite	ESPETÁCULO	A NOITE DOS ASSASSINOS
	AUTOR	José Triana
	GRUPO	Teatro Equipe de Minas Gerais
	CIDADE	Belo Horizonte – MG
	DIRETOR	Paulo Cesar Bicalho
	ELENCO	Não informado
17/11/1969	ESPETÁCULO	EL AMANTE
	AUTOR	Harold Pinter
	GRUPO	Grupo 12 Institución Teatral Independiente
	CIDADE	Sarandi Grande – Uruguai
	DIRETOR	Homero González Torterolo
	ELENCO	Ana Suárez, Homero González Torterolo, Mario Battistoni
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	Amorfo 70 (Teatro Altos de Florida)
	MELHOR DIREÇÃO	Roberto Habegger (Una Pasión Arrabalera)
	MELHOR ATOR	Homero González Torterolo (El Amante)
	MELHOR ATRIZ	Yonne Storni (Os Inimigos não Mandam Flores)
	MELHOR ATOR COADJUVANTE	Juan Carlos Puppo (Amorfo 70)
	MELHOR ATRIZ COADJUVANTE	Marta Olivia (A Noite dos Assassinos)
	MELHOR CENOPLASTIA	Grupo 12 (El Amante)
	PREMIO ESPECIAL DO JÚRI	Não concedido
JÚRI		Carmen Carpena Moreira, Heloisa Assumpção Nascimento, Livia Martins Falcão, Antônio Franqueira Moreira, Henrique Luiz da Costa dos Santos, Joaquim José de Assumpção Osório, Pedro Henrique Rodrigues, Sérgio José Abreu Neves, Roberto Horácio Burnett* *Antônio Hohlfeldt, que começou o Festival no júri, foi substituído por Carmen Carpena Moreira
OBS:		Na oitava edição, o Festival teve a denominação de VIII Festival Internacional de Teatro de Pelotas.

IX FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

LOCAL: THEATRO SETE DE ABRIL

PERÍODO: 1º a 15 DE OUTUBRO DE 1971

01/10/1971	ESPETÁCULO	ESTÁ LÁ FORA UM INSPETOR
	AUTOR	J. B. Priestley
	GRUPO	Odontoarte
	CIDADE	Pelotas – RS
	DIRETOR	José Luiz S. da Nova Cruz
	ELENCO	Luiz Alfredo de Boer, Maria Marcela Cruz Dias, Tanis Silva, Mário Renato Ribeiro, Joaquim da Costa Neto, Maria Amélia Avila, José Luiz S. da Nova Cruz
03/10/1971	ESPETÁCULO	30 DINEROS
	AUTOR	Ana Rivas
	GRUPO	Cooperativa Teatral Rio de la Plata
	CIDADE	Buenos Aires – Argentina
	DIRETOR	Juver Salcedo
	ELENCO	Natálio Hoxman, Rodolfo Machado, Saul Jarlip
04/10/1971	ESPETÁCULO	O ASSALTO
	AUTOR	José Vicente
	GRUPO	Grupo Teatro Solar
	CIDADE	Rio de Janeiro - GB
	DIRETOR	Wladimir José
	ELENCO	Enzo Loschiavo, José Silva
05/10/1971 reapresentada no dia 06	ESPETÁCULO	EL BIOMBO
	AUTOR	Jorgelina Lanusse
	GRUPO	Pequeno Grupo de Teatro de Repertorio (PGTR)
	CIDADE	Buenos Aires – Argentina
	DIRETOR	Alicia Lanusse, Roberto Fiore
	ELENCO	Constantino Juri
06/10/1971	ESPETÁCULO	O PROTOCOLO e LA MORSA
	AUTORES	Machado de Assis e Luigi Pirandello
	GRUPO	Grupo de Teatro do Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño
	CIDADE	Montevideu - Uruguai
	DIRETOR	Homero González Torterolo
	ELENCO	Não informado
10/10/1971	ESPETÁCULO	FINAL DE PARTIDA
	AUTOR	Samuel Beckett
	GRUPO	Grupo 12 – Institución Teatral Independiente
	CIDADE	Sarandí Grande - Uruguai
	DIRETOR	Homero González Torterolo
	ELENCO	Não informado
11/10/1971	ESPETÁCULO	PARQUE POST MERIDIUM
	AUTOR	Jorge Liered Jaess
	GRUPO	Teatro Universitário da Escola de Comunicação e Artes

		da Universidade de São Paulo
	CIDADE	São Paulo - SP
	DIRETOR	Jorge Liered Jaess
	ELENCO	Alunos da Escola
12/10/1971	ESPETÁCULO	UNA NOCHE CON EL SEÑOR MAGNUS Y SUS HIJOS
	AUTOR	Ricardo Monti
	GRUPO	Grupo Laboratorio de Teatro de Buenos Aires
	CIDADE	Buenos Aires – Argentina
	DIRETOR	Hubert Copello
	ELENCO	Raul Manso, Alberto Sosa, Graciela Castellanos, Carlos Catalano, Justo Sosa, Adolfo Bianeiotto e Alberto Sosa
13/10/1971	ESPETÁCULO	DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA
	AUTOR	Plínio Marcos
	GRUPO	Grupo Cacilda Becker
	CIDADE	Guanabara – RJ
	DIRETOR	Roberto de Brito
	ELENCO	Claudiomar Carvalhal, Lúcio Gentil. Elenco de apoio, Angela Couto, Rose Chauvière, Carlos Adier, Eduardo Wagner, Joel Senna
14/10/1971	ESPETÁCULO	PERDÓN POR MI PASADO
	AUTOR	Roberto Habegger
	GRUPO	Grupo Laboratório de Teatro de Buenos Aires
	CIDADE	Buenos Aires – Argentina
	DIRETOR	Roberto Habegger
	ELENCO	Não informado (o nome de Noemi Montfort aparece na premiação)
15/10/1971	ESPETÁCULO	A REFORMA
	AUTOR	Dirceu de Mattos
	GRUPO	Teatro Dirceu de Mattos
	CIDADE	Brasília – DF
	DIRETOR	Dirceu de Mattos
	ELENCO	Yonne Storni, Dirceu de Mattos
PREMIAÇÃO	MELHOR ESPETÁCULO	Una Noche com el Señor Magnus y sus Hijos (Grupo Laboratorio de Buenos Aires - Argentina) Segundo Lugar: Empate entre 30 Dineros (Cooperativa Teatral Río de la Plata) e Final de Partida (Grupo 12 - Uruguai)
	MELHOR DIREÇÃO	Hubert Copello (Una Noche con el Señor Magnus y sus Hijos)
	MELHOR ATOR	Roberto Fiore (El Biombo)
	MELHOR ATRIZ	Alicia Lanusse (El Biombo)
	MELHOR ATOR COADJUVANTE	Raúl Manso (Una Noche com el Señor Magnus y sus Hijos)
	MELHOR ATRIZ	Noemi Montfort (Perdón por mi Pasado)

	COADJUVANTE MELHOR CENOPLASTIA PREMIO ESPECIAL DO JÚRI	Grupo Laboratorio de Teatro de Buenos Aires (Una Noche com el Señor Magnus y sus Hijos) Substituído pelo segundo lugar dado na categoria de Melhor Espetáculo
JÚRI		Carmen Carpena Moreira, Coronel Oliveiros Lana de Paula e Antônio Franqueira Moreira (pela STEP) e, como convidados, Aron Menda (delegado da SBAT), Antonina Zulema D'Ávila Paixão, Noemi de Assumpção Osório Caringi, Carlos Alberto Motta, Padre Olavo Gasperin, Ruy Brasil Barbedo Antunes
OBS:		Na última edição, o Festival foi denominado IX Festival Internacional de Teatro do Brasil.

(A - Tabela dos Festivais)

ENTREVISTA COM MAURO SOARES

Bernardo Perini Pavelacki: Primeiro, o seu nome?

Mauro Sorares: Mauro Soares.

B.P.: Formação?

M.S.: A minha formação: eu sou formado em Direito e Filosofia.

B.P.: Então, eu gostaria de saber, sobre a sua participação no festival da STEP, que foi no ano de 66 né? Então, eu gostaria que o senhor relatasse um pouquinho sobre a peça e como é que funcionava o festival também.

M.S.: A peça que eu estreei foi, chamava-se *Os Deuses Riem*, do escritor escocês chamado A. J. Chronin. A peça se passava num hospital, e eu era bem jovem, e fazia o médico mais velho do hospital e a peça estreou nesse festival, foi em 1966, no festival da STEP.

B.P.: Uma das coisas que é importante eu saber, como é, os recursos pra viagem e tudo mais, estadia?

M.S.: Os recursos, quem, quem patrocinava o festival, naquela época não tinha esses projetos de patrocínio, leis LIC, Rouanet, essas coisas, nada. Era um, era uma pessoa lá de Pelotas, o Antônio Franqueira Moreira, que ele patrocinava com os próprios recursos o festival. Ele pagava hospedagem pros atores, aluguel do teatro e trazia grupos e foi, e eu até já falei isso em uma outra ocasião, num, num livro, tipo uma biografia que fizeram minha. Eu falei que o festival da STEP foi um precursor desse festival que acontece em Porto Alegre, que é o Porto Alegre em Cena, que traz espetáculos de fora do país, que traz espetáculos de São Paulo, do Rio. Isso já acontecia em Pelotas na década de 60, 70. O festival durou até 1971, foi a última edição dele. E vinham espetáculos de São Paulo, do Rio, do Uruguai, da Argentina, de todo o Rio Grande do Sul. De Santa Maria, tinha o Grupo Presença, que era um grupo muito forte. O da escola de teatro aqui de Porto Alegre, do DAD, sempre se apresentava lá também. Também os grupos mais significativos de Pelotas se apresentavam lá.

B.P.: Vocês foram premiados com a peça?

M.S.: Não, não. O espetáculo era, foi esse espetáculo que eu estreei lá, com direção, até o diretor já é morto, José Luiz Mendonça. O espetáculo era, foi um espetáculo bem frágil, assim, bem frágil. Porque era um espetáculo realista e as pessoas na verdade não tinham a idade dos personagens. Era o que se chama,

assim, de num teatrão assim, sabe. Tipo, um teatrão, melodrama. Então o espetáculo pecou muito, assim, na produção, sabe, assim, ele tinha um aspecto mais estudantil do que, do que amador.

B.P.: Você falou do Antônio Franqueira Moreira. Lembra mais ou menos dele, como é que ele era?

M.S.: Eu me lembro. Ele era, ele não era muito alto, assim, ele era gordo, usava uns óculos, fumava um charuto e era uma pessoa muito temperamental, digamos assim. Muito temperamental, assim, é. Teve vários atritos com vários atores, vários diretores que se apresentaram no festival e... E ele chegou a quase a ser uma pessoa, além dessa coisa que ele tinha com o teatro de promover o festival e tudo, e não só o festival, ele levava durante o ano espetáculos que se apresentavam aqui em Porto Alegre, ou do Rio que vinham a Porto Alegre, ele levava lá. Não só durante o festival, ele levava. Mas ele tinha um gênio bastante, bastante difícil, assim né, bastante complicado, assim.

B.P.: Pois é. E o reflexo, por exemplo, na época, desse festival, que acontecia lá em Pelotas, em relação ao Rio Grande do Sul, Brasil. Como é que era esse diálogo?

M.S.: Olha, era um festival, assim, como é que eu vou te dizer, ele acontecia, eram basicamente as apresentações dos grupos e só. Não, não, ainda não era muito divulgado essa coisa, assim, de ter uma oficina, de ter palestra, de ter isso, de ter aquilo. Era mais uma mostra mesmo, assim, dos espetáculos, né. Cada dia se apresentava um. Ele não tinha um caráter muito de, de troca entre os grupos, de, uma coisa mais didática, assim, algum diretor mais famoso, mais, que desse uma oficina. O que nem se falava em oficina naquela época, nem nada. Então o espetáculo ele basicamente era uma amostra dos espetáculos, assim. Ele não tinha um caráter didático, digamos assim, nem de aprimoramento, assim. As pessoas se aprimoravam porque viam os espetáculos, tinham um panorama do que acontecia no Rio Grande do Sul e na Argentina, no Uruguai e alguns do Brasil. Esse era o valor do, básico do festival né. E como acontecimento, assim, porque era uma coisa que movimentava, movimentava a cidade, assim. Ele tinha uma, uma abrangência muito grande na cidade, ele era bem, bastante aguardado na cidade esse festival.

B.P.: Na época você morava em Pelotas?

M.S.: Morava em Pelotas, eu estudava lá ainda, estudava lá ainda. Eu estudava no... porque desse grupo que eu fiz parte, foi do grupo que eu comecei a fazer teatro no Colégio Pelotense.

B.P.: Como era o nome do grupo mesmo?

M.S.: Grupo Teatro dos Gatos Pelados. Eu fiz esse. E depois no ano seguinte eu fiz o *Macaco da Vizinha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Mas aí eu estava na quarta série ginásial, então foi uma coisa da associação dos formando do ginásio que fizeram. Foi em 67, eu acho que foi no mesmo ano que aconteceu *Bira e Conceição* também. Que aí *Bira e Conceição*, que era de autoria e direção do Valter, sim, que foi representando o Colégio Pelotense. O nosso *Macaco da Vizinha* foi um espetáculo bem mais cuidado, bem mais elaborado, com direção do Luiz Carlos Corrêa da Silva, que era um ator bastante conhecido e um diretor. E ele era professor de matemática do Colégio Pelotense.

B.P.: O que poderia ter levado ao fim dos festivais? Será que era por, pelo Antônio Franqueira Moreira não dispor mais desses recursos?

M.S.: Eu acho que sim. Eu acho de 71 já foi mais, assim. Houve espetáculos bons também, ele aconteceu no Theatro Sete de Abril. Mas eu acho que foi aí que começou a, eu acho que as finanças do Moreira, eu acho, começaram a decair, eu acho que já não conseguia mais, mais manter o festival naquele nível que ele mantinha antes. Agora, o que eu me lembro, assim, de todo festival, o que eu que foi mais, assim, apoteótico, foi o de 68. 68 foi um festival muito, muito bom, inclusive com a presença do Embaixador Paschoal Carlos Magno, que era presidente do júri, e tal, e ficou durante todo festival lá. Então eu acho o festival de 68, acho que foi o que mais...

B.P.: Sim, inclusive, no júri, estava também Aron Menda né?

M.S.: A, o Aron Menda, que ele era diretor da SBAT aqui.

B.P.: Isso, então, muito obrigado!

M.S.: E de lá pra cá correram 50 anos.

B.P.: 50 anos. É um bom tempo!

M.S.: É um bom tempo!

B.P.: Então tá, muito obrigado, viu.

M.S.: Eu que agradeço.

(B – Entrevista com Mauro Soares)

ENTREVISTA COM ANTÔNIO HENRIQUE NOGUEIRA

Bernardo Perini Pavelacki: Eu vou fazer a pergunta; no caso né, qual a sua formação?

Antônio Henrique Nogueira: A minha formação, é:::, acadêmica são duas; Engenharia Elétrica e Filosofia.

B.P.: Aqui em Pelotas, o senhor deu aula na Universidade F/Católica e na Federal?

A.H.: Inicialmente eu dei aula na Universidade Católica, depois só fiquei dando aula na Universidade Federal. No departamento de arquitetura e no departamento de filosofia.

B.P.: O senhor se aposentou nessa função ou...?

A.H.: Sim, eu me aposentei/me aposentei em 2007, e atualmente só tenho atividades em engenharia. A filosofia fica ali na minha sala, pras minhas leituras, minhas reflexões e escrita.

O que eu posso dizer é q/é isto: hã::, do lado do::, da escola, no caso o Pelotense, tinha um núcleo forte de teatro. Isso é o que eu posso dizer. Então eu entrei nesse grupo forte, porque tava no Pelotense e porq/pela aproximação com a::, com o Anjenor e/e vários alunos ali, também foram selecionados. Então o/o colégio tinha muita atividade, né.

A, um/um outro que t/ acho que tá/também tem algum envolvimento com o teatro:: pela literatura, o Aldyr Schlee também participou, acho, que desses teatros, ou pelo menos do:: do::, das passeatas também, porque ele:: estudou muitos anos no Pelotense também. O Aldyr Schlee!

B.P.: Mas, engraçado, porque eu achei que, nessa época, o comércio, incentivasse, né, o teatro. Pelo fato de ser algo q/f/favorecece a cultura e...

A.H.: Tu sabe que é/é/é, tu tá pensando numa sociedade:: pequena, que todo mundo tem a ver com todo mundo. Não, eu acho que Pelotas não é assim que fun/funciona. A, são acontecimentos que são:::, tá acontecendo o comércio, tá acontecendo outra coisa e tá acontecendo a parte((palma)), a parte de teatro, a parte de música. -Não existe essa integração no ângulo, é só, a integração é no tempo, tá acontecendo as coisas no tempo. Mas::: se eventualmente, uma coisa tá envolvida com outra, é porque alguém está/pertence a dois lugares. Ao mesmo tempo, né((Risadas e palma)). É o caso de pertencer a/ser professor do colégio e/e existir a STEP, né. Mas:: não/não/não pensa isso aqui uma sociedade pequena, toda

organizada e articulada. E/o/o digamos, o jornal cumpre um papel é:, de próprio veículo, né, que se nutre das ã/das notícias para devolver ist/iu () o seu comércio. Isso é uma coisa que acontece. Haa:: e nesse processo todo se estabelece, aquilo q/tu pode chamar de uma cultura. As pessoas lêem o que está acontecendo, é::sabe q/pode ir ao teatro.

A maioria desse/desses()/dessas peças, os ingressos eram gratuitos. Eram gratuitos, ou um valor muito pequeno. Eu me lembro que não, não era/não era um, vamos dizer assim, não visava lucro. É((barulho)), talvez essa questão dos patrocínios tem a ver com premiação. Mas o que que era a premiação? Era um diploma((palma)).

B.P.: Não havia premiação em dinheiro para os grupos?

A.H.: Não. Pelo menos na nossa época ninguém recebeu dinheiro nenhum.

Até interessante né, porque é/eu tava há pouco/antes, eu tava vendo no YouTube, a peça Nos/Nossa Cidade, lembrando a nossa forma de apresentar e normalmente... Eu já vi vários é:: atores é:: é/né/não tsc((estalo de dedo)), já vi outras peças em:: é, norte americanas apresentando, é:: O cenário, tudo mais, as falas... e... eu diria que a/a... digamos, a direção d/dessa peça, não deixou nada a desejar com o que eu vi na/no YouTube.

B.P.: Interessante.

A.H.: Acho que a ba/direção muito bem feita, digamos assim, o trabalho não, n/é grupo amador mas na/não era um grupo amador assim que... que não havia uma preocupação com a altura da voz, com a interpretação mesmo, né. Então acho que... quem dirigia, tinha uma boa noção de teatro.

B.P.: Bom, fazendo suposições né, claro (que tu já me deste uma), informações sobre isso, mas, essa/essa/essa noção teatral, ela::: havia porque Pelotas, em si, recebia muitos grupos, ou...?

A.H.: De certa forma, havia muito material sobre teatro, muitas peças. Principalmente hã:, essas que foram encenadas aqui, do/do Ibsen, né. Então se discutia, havia grupo de discussão.

A época era de uma intelecção, assim, enorme. Muito mais intelecção. Eu/inda, eu atribuo que o centro é:: a/a França, né, muito mais do que a Itália né, na época.

B.P.: Hã::, pra mim é importante também, saber o que se vivia naquela época lá. Por que que havia tantos grupos, né. Essa efervescência. O que que motivou a isso? E também como é que foi acolhida essa ideia da STEP na cidade?

A.H.: Bom, eu da minha parte, posso dizer que, eu era estudante do Colégio

Pelotense. E:: o Colégio Pelotense era uma referência de formação, né. Então, os professores que estavam lá, que tinham essa, essa, esse interesse, é, interesse pelo cinema. Principalmente o cinema francês e o cinema italiano da época. E ao mesmo tempo isso, digamos, se traduzia numa, digamos, na possibilidade do teatro, não, não no cinema. Na época esse pessoal não tinha cinema.

Eu sei que, no caso eu fui aluno do Antônio Anjenor Porto Gomes, que era envolvido com teatro, escreveu peças e também dirigiu, foi ator.

Então, tinha o Teatro dos Gatos Pelados. Então, esse era o Teatro dos Gatos Pelados. Então, os alunos, de uma certa forma, tinham essa atividade extra: extra:: curricular.

Isso era um grupo que acabava, digamos, jovens ca/cum capacidade de memorização, de: aceitar esse/esse/esse trabalho. E os ensaios eram feitos a noite, no próprio colégio. Então eu sei que, é: em 64 teve esta peça, eu participei. Em 65 é:, seria então feita a::, digamos assim, a:: o ensaio e apresentação da peça O Diário de Anne Frank, em que eu não entrei no, digamos assim, na/os, nos testes iniciais. Fiquei fora, não quis participar. Não sei/não posso dizer que motivo foi, mas acabei participando, porque o rapaz, o colega que ia representar o Otto Frank, pai de Anne Frank, veio a ter Hepatite. Aí o Anjenor perguntou se eu não queria fazer o papel. Então, entrei um mês depois e fomos, fomos até o fim. Então a gente dividia a/as atividades de escola com atividades de ensaio. Se formava uma turma, era uma atividade interessante. Então, eu posso dizer que eu não tinha:: uma vivência direta no teatro, mas o teatro a partir do colégio. O Santa Margarida também tinha:: grupos de teatro, e tinha grupos independentes. O próprio Anjenor participava de outros gruposs, que não era só Teatro dos Gatos Pelados. E hoje, se eu citar alguns desses::: personagens, ou pessoas né, que/que trabalharam, já morreram. O próprio Antônio Franqueira Moreira, que era/foi presidente do/do da STEP, José Luiz Mendonça que foi ator, também já faleceu. O:: o Ruy Antunes. O Ruy Barbedo Antunes, que foi reitor da universidade, na época, também, pertencia a esse grupo de discussão, também veio a falecer, por um acidente. Alguns desses atores, colegas atores, também já faleceram. E:, mas as fotos, pelo menos, dá pra identificar algumas dessas pessoas (que tu) possas entrar em contato. Então são registros fotográficos, registro (de) documentos. A, o próprio Miguel, que trabalhou nessa peça, ele tem, o:, manu/ digamos assim, o material que a gente usava, a peça mesmo, né. Então eles reproduziram a:: a peça, pra gente poder usar, em folha, em

folha de ofício. Miguel Guimarães. Então a única coisa que teria é isso, a própria peça.

B.P.: Pois é, nessa conversa, agora, me surgiu questões. O festival, eu notei que, no início dele, ele foi importante pra isso, porque ele acolheu várias peças da cidade. Mas através, depois, com a pesquisa, eu vi que ele foi tornando-se regional, nacional e internacional. E o espaço dos grupos pelotenses, né, acabou se perdendo. E:: eu gostaria de saber, também, um pouquinho mais sobre essa imagem, praticamente a figura principal da história, né, que é o Ant/Antônio Franqueira Moreira.

A.H.: Não, eu me lembro do Antônio Franqueira Moreira, as características dele. Ele não era, (digamos assim), não fazia parte do/desse grupo, mais de intelectuais. Mas ele teve o papel de se interessar pelo teatro. Ele era vaidoso, de ser o presidente da STEP. Mas ele não tinha esse perfil de intelectual. Era uma pessoa, de uma certa forma, vista como aquele que assumia a burocracia e se apresentava como presidente, né, um presidente de honra. Mas (ele não) tinha nenhuma identificação com direção de teatro, com produção de peças, ou como ator. Nada disso. Ele é um a/era uma figura, que todo mundo aceitava ali, parecia. Mas, por não ter esse perfil, eu sempre o via como, sem menosprezo né, como uma pessoa que não fazia parte do grupo. Ele cumpria a função, assumiu pra si, não sei como é que ele foi eleito presidente, eu se era/fica com esse/c/esse cargo. Eu não sei também que ônus tinha, é, esse cargo. Também não sei se ele arcava com os seus próprios recursos pra manter alguma coisa.

O que eu me lembro, também, é que, as custas da/da peça, primeiro, eram valores muito pequenos. É, não me lembro, assim, se o aluguel do teatro, o que que significava, ou se as pessoas, ou era p/gratuito. Eu sei que, não/não tinha envolvimento com dinheiro, as coisas eram muito simples. As roupas, cada um fazia a sua, o cenário era muito simples.

B.P.: O senhor foi premiado como melhor ator, no/é?

A.H.: Sim. É, teve sete prêmios a peça.

B.P.: Mas me conta um pouquinho, assim, como é que, socialmente assim, Pelota(s)?

A.H.: Não, não significava nada. O que que é aquilo ali? (Isso não). Talvez hoje, hoje se possa tirar proveito disso. Terminou a peça, eu continuava estudando, normal. Isso não representava nada (eu). Apenas uma direção muito bem feita, uma compreensão muito bem da direção, uma capacidade de memória: típica de uma/da

juventude. Porque meu papel era extenso, esse papel de narrador, ele é muito extenso, é muita memória. Eu (intervém) nos três atos e uma fala muito longa. E era memória. Então, diria assim, características pessoais, boa memória, uma boa direção. E é o trabalho em escola, um trabalho de grupo. Terminada aquilo ali, ninguém, tirou louvos nem nada. Não interessava. E nem fui seguir carreira de/de ator, porque, o que que era o padrão na época? É tu fazeres medicina, engenharia ou direito. Então era um é/era é/um episódio. Embora, aqui de Pelotas, saíram atores que tiveram sucesso lá no Rio, (e em) São Paulo.

ENTREVISTA DE ALDYR GARCIA SCHLEE

Bernardo Perini Pavelacki: O nome completo né?

Aldyr Garcia Schlee: Aldyr Garcia Schlee

B.P.: Qual a sua formação?

A.S.: É, sou bacharel em Ciências Jurídicas Sociais.

B.P.: Trabalha com arte também?

A.S.: Eu sou bacharel e sou doutor em Ciências Humanas pela Universidade do Rio Grande do Sul.

B.P.: A STEP, ela começou em 1962 né? Pelo que eu sei, o senhor começou já junto no envolvimento. E, bom, fale a vontade.

A.S.: Não, não. A lembrança que eu tenho é muito marcante, porque, ela tá, ela começa e se localiza numa sala da redação do Diário Popular. O Valter chega um dia na redação, leva o material a respeito da criação de uma entidade, aqui em Pelotas, que se dedicasse ao teatro, que se preocupasse com o teatro, é, em todos os sentidos. Na época, ele não chegou a definir tudo, mas eu entendi que era, não só para estimular o desenvolvimento do teatro aqui, como também para fazer intercâmbio com outras cidades. Então, não era só fazer, escrever, dirigir, que era uma coisa que logo depois ele (Valter Sobreiro) se atirou, e, mas também era fazer o intercâmbio com outro, o que levaria, necessariamente, a realizar um festival.

B.P.: Quem era Antônio Franqueira Moreira?

A.S.: O Moreira sempre foi um tipo exótico, né, um tipo fora de qualquer, é, possibilidade de se imaginar. Ele era um tipo que não correspondia a nenhum padrão que a gente pudesse estabelecer. Ele era um... um homem de negócios, tinha uma serraria, ou seja, uma madeireira né. Então ele, ele fornecia material para construção civil e tinha fama de ser rico, de ter dinheiro. Era um homem rico. Mas um estranho, uma figura de comportamento estranho. Então, quando a gente teve o primeiro contato com ele, assim, não foi no teatro, que ele chegou logo em seguida, depois. Ele era o homem que frequentava o Bavária, dentro dos limites do horário do Bavária, que fechava depois da meia-noite, mais tardar a uma hora. Meia noite eles pediam pro pessoal ir embora, e ele ficava lá [...]

(D – Entrevista com Aldyr Garcia Schlee)

ENTREVISTA COM SÉRGIO JOSÉ ABREU NEVES

Bernardo Perini Pavelacki: Bom, primeiramente, né, o seu nome.

Sérgio José Abreu Neves: É::, Sérgio José Abreu Neves. É::, eu estou com oitenta e dois anos, e::: sou pelotense. Nasci e me criei em Pelotas, sempre morei em Pelotas. E:::, (e teve) um/uma época, assim, na minha juventude, nos meus primeiros anos, em que eu participei dessa::, desse movimento cultural, teatral que tinha em Pelotas, né. E::: acompanhei, diversas vezes, né, os festivais de teatro que teve em Pelotas. Sempre organizados, patrocinados por Antônio Franqueira Moreira, que::, eu posso considerar até meu amigo. Não um amigo íntimo, mas amigo, pessoa da/da/do meu relacionamento. Hã::, com quem eu também, passei até a admirar, pela força de vontade dele, pela::/pelo dinamismo que ele tinha, pelo amor que ele tinha ao teatro. Hã::: o Moreira dedicou, acho que parte d/da vida dele, ao teatro em geral né. Hã:::, foi uma pessoa, assim, que embora não pudesse se dizer que era um intelectual, mas era um cara:: de muito boa formação, que:: entendia de teatro. E que contagiava todos nós também, com aquela satisfação que ele tinha, de poder estar patrocinando o festival de teatro, ele::: patrocinou aqui em Pelotas. A tal ponto que este festival começou, aqui:: hã::: na nossa cidade né. Chegou a ser um festival internacional. Ele trazia grupos do/do Uruguai, da/da Argentina, né. E trouxe também, assim, exponenciais da:: da/da política do país. Hã::: de representatividade também, em todas as/as áreas da cultura, que vinham a Pelotas para:: a convite do/do Antônio Moreira.

B.P.: E::: a participação do senhor na STEP, (assim, há) algum envolvimento, havia algum envolvimento, apenas como espectador? Apresentava peças? Participava de algum grupo? E:::/ou também participava da STEP?

S.J.: Não, eu iniciei, assim, alguma coisa na::/em teatro, quando eu era funcionário do Banco Do Brasil. Hã::: ((buzinas externas)), e de um amigo d/da (Candinha Rocha), que então trabalhava no Banco Sul Brasileiro, e que era amante de teatro. E ela, hã::, também organizou o Teatro Bancário em Pelotas, e ela me convidou pra/eu, pra fazer parte desse/desse grupo do Teatro Bancário, né. E::, e com isso, eu não sei se em função disso, eu também eu comecei a fazer um certo relac/um tempo depois, um certo relacionamento com o Moreira. E o Moreira, que me convidou para fazer parte da diretoria da STEP, que era Sociedade de Teatro de Pelotas, né. Hã::, mas sempre foi uma/uma sociedade assim, hã::: tsc, sem muito:: hã, sem muitos

detalhes, ara/u:, era uma sociedade, assim, ande o Moreira mandava e desmandava, né. Se fazia da STEP o que o Moreira queria que se fizesse. E ele precisava formar uma diretoria; ele me convidou para ser tesoureiro. Eu aceitei o cargo, mas hã:: eu lhe confesso que::: jamais passou pra minha mão qualquer importância de dinheiro né. Documentação... Isso tudo era ele que/que movimentava, era ele que/que pagava conta, era ele que arranjava dinheiro, ele que patrocinava. Então eu apenas, dei o meu nome, mas não/não tive atividade nenhuma, assim, preponderante e nem efetiva, hã, como tesoureiro da/dessa entidade.

B.P.: Pois é. E:, assim, pensando que::, na sequencia né, de 1962 até 1969, hã, houve um festival a cada ano. Depois:, em 1970, não houve. A/a, o festival foi anunciado no jornal, no Diário Popular, aparece. Depois de dezembro ele é totalmente esquecido, assim, não/não aparece realização né, e nenhuma informação a mais. Em 1971 sai mais um, hã, festival internacional, né. Consta nos dados. E:, o que poderia ter levado ao fim então, por que acabou? Assim, digamos::, uma possibilidade?

S.J.: Hã/hã, como eu disse, hã, todo movimento financeira, hã, quem fazia, era o Antônio Franqueira Moreira. E:::, ele gozava, assim, de uma certa::: fama de pessoa com:: com::, rica, vamos dizer assim, né. É porque, o pai dele, tinha uma serraria em Pelotas, chamada Serraria Reis, que era uma serraria muito importante. Hã:, e o Moreira do:::, o Antônio trabalhava junto com o pai, ou pelo menos hã:, hã, tirava o seu sustento dali, né. E o Moreira começou a patrocinar esses grupos pra virem a Pelotas, né. Hã:, eu acho que::, seguida que o pai faleceu, hã:::, as coisas começaram, talvez, a::: a apertar um pouco, né. Já não/não dispunha talvez de tanta não ha/a disponibilidade não era assim tão facilitada, como ele tinha antes, né. E com isso, também, começou a dificultar um pouco a realização dos festivais. E além disso, hã:, eu acredito que depois do último festival, eu não sei se no ano seguinte, uma coisa assim, o Moreira adoeceu. Ele foi vítima de uma doença, assim... E a partir dali::: não houve uma possibilidade de fazer, hã, nenhum festival. Mesmo porque, como ele assumia, hã:::, totalmente a responsabilidade de tudo, não havia ninguém, quando ele, quando ele adoeceu, não apareceu ninguém que quisesse continuar aquela atividade, né, da Sociedade de Teatro de Pelotas. E com isso:: a sociedade começou: ((buzina)) a definhar, (vamos dizer assim), até que:: moreu! (Não), não houve mais possibilidade de ressuscitar aquela... Mas a verdade

é que, há, a verdade tem que ser dita, que o Antônio Franqueira Moreira teve um::, uma/uma grande honra: de trazer para Pelotas esse movimento teatral, que até então, (pelo menos) naquela época em que eu::, eu/eu (existi) o que/eu/eu compartilhava né, há, não era uma atividade, assim, preponderante, tão forte. Ele que movimentou isso aí. Ele fez com que a juventude passasse a frequentar teatro, coisa que antes, há::, não, não existia. E com isso, também, houve um desabrochar muito grande, né, da arte cênica, né. E:: hoje a gente vê né, que qualquer, qualquer peça que se leva em Pelotas, os teatro estão lotados, né. A juventude participa, né. Há::, não sei se, (o próprio) senso estudantil, acadêmico de Pelotas, com as universidades que nós temos. Mas eu acho que a origem, a origem. (Não vou dizer) a origem total, mas há, grande incentivador da arte teatral em Pelotas, eu, eu dou essa::, esse::, essa honra a Antônio Franqueira Moreira.

DEPOIMENTO DE VALTER SOBREIRO JUNIOR

Meu nome completo é Valter Guaraci Sobreiro Junior. Comecei minha carreira no teatro como diretor e cenógrafo, aqui mesmo em Pelotas, em 1961. Usei o nome artístico Walter Júnior até 1970, depois passei a ser conhecido como Valter Sobreiro Junior.

Eu e Ruy Antunes criamos a Sociedade de Teatro de Pelotas (com a sigla STEP) em 1962. Tivemos uma reunião inicial em abril, num cenário bem pelotense, isto é, sofisticado e meio teatral: uma casa de chá servida por gueixas na rua Quinze, a duas quadras do Aquários. O nome do estabelecimento era Suzuki. Ruy e eu tínhamos idéias parecidas: criar uma entidade que congregasse os teatreiros da cidade e organizasse eventos na área cultural, com ênfase nas artes cênicas

O Ruy já tinha elaborado um estatuto, mas a abrangência da sociedade que ele imaginava era regional, então eu propus que fosse apenas local, o que não excluía o intercâmbio com grupos e associações de outras cidades.

Chegando a um acordo, vendemos a ideia pros nossos amigos artistas, que formaram o núcleo inicial da STEP, enquanto diretoria: Luiz Carlos Corrêa da Silva, Angenor Gomes, Joaquim Pinho, Aldyr Schlee. Um detalhe: o Ruy criou um Conselho Deliberativo, do qual era seria Presidente. Mas, além do Conselho Deliberativo, havia um Presidente da STEP, que representaria a sociedade, falaria em nome dela etc., tudo o que o Ruy detestava fazer. Ele era um homem de gabinete, então queria ao seu lado uma espécie de “Rainha da Inglaterra”, um cargo representativo, mas sem poder decisório. Então convidamos para Presidente o Joaquim Osório, que era um intelectual e também freqüentava a alta sociedade.

O primeiro evento da STEP foi a Semana do Teatro Amador, que depois passou a ser considerado o I Festival de Teatro de Pelotas. O L.C. e eu logo deixamos a diretoria, porque o que nos interessava mesmo era produzir espetáculos, ele no Teatro Escola e eu no Teatro Universitário. Faltou ocupar um cargo no Conselho, e convidaram o Fernando Freitas.

Em 1963 o cargo de Presidente ficou vago, porque o Joaquim Osório não quis mais, alegando falta de tempo. A turma da STEP reunia-se seguidamente no Bavária. Ali conhecemos o Antônio Franqueira Moreira, que era empresário e apreciava muito cinema e teatro. Ele topou fazer parte da STEP como Presidente. Mas o seu Moreira era um cara de temperamento forte, impositivo. Tinha suas

próprias ideias e não queria obedecer às deliberações do Conselho. Isso gerou tantas discussões que, cansados com a teimosia do Presidente, os membros do Conselho Deliberativo deixaram a STEP de uma única vez, perto do Natal de 63. Saíram o Ruy, o Schlee, o Pinho e o Freitas. O seu Moreira sentiu-se à vontade para fazer o que queria. Alterou os estatutos, ganhou poder absoluto e convidou uma nova diretoria, que apenas seguia o que ele determinava. Enfim, deu um golpe na STEP, alguns meses antes de os militares darem seu golpe no país.

Apesar de ser um homem empreendedor, muito inteligente e culto, o seu Moreira era de difícil convivência. Não vou entrar em detalhes, mas em 1968, no Rio de Janeiro, durante um festival, ele ameaçou me dar um tiro (sim, ele andava armado), porque cismou que meu grupo (do Colégio Pelotense) zombava dele nas apresentações.

De outra feita, em 1969, ele expulsou o Antonio Hohlfeldt do Festival porque não concordou com a matéria publicada pelo *Correio do Povo*, que, aliás, elogiava o evento da STEP.

Apesar de toda a truculência e de muitos inimigos que fez, é preciso reconhecer que o Antônio Franqueira Moreira realizou sozinho um evento que cresceu e se tornou internacional, quer dizer, ele fez por Pelotas o que governo nenhum fizera até então na área cultural. Ele sacrificou a vida pessoal, familiar, perdeu toda a fortuna bancando o Festival de Pelotas. Lamentavelmente, não teve o devido reconhecimento. Pelo contrário, fizeram questão de sepultar os Festivais da STEP. Tanto que, em 1985, o governo municipal, através da I dFundapel, dirigida pelo Pinho, criou o I Festival de Teatro de Pelotas, nos mesmos moldes dos antigos festivais, fazendo questão de manter o trabalho da STEP no esquecimento.

Hoje penso que o motivo de desprezarem os eventos da STEP tenha sido não só a antipatia pessoal pelo Moreira, mas o fato da imagem do Festival ser associada ao regime militar. Mas veja bem: o Sr. Antônio Franqueira Moreira conseguiu, naquela época, embora cercado de milicos, realizar um evento sem censura alguma, em que se apresentavam peças francamente esquerdistas, como o notável *Una noche con el Señor Magnus y sus Hijos*, que venceu como melhor espetáculo em 1971 e a que pudemos todos assistir no Sete de Abril. E mais: ele distribuía troféus com o busto de Bertolt Brecht, um teatrólogo genial e comunista! Na minha opinião, é preciso reabilitar a memória desse homem e de seus festivais.

O legado que ele deixou para a cultura de Pelotas é inquestionável. Quanto

ao apoio à produção dos grupos locais, é uma outra história. O Moreira realmente não prestigiava os artistas de Pelotas, tanto que a participação do teatro daqui nos Festivais da STEP foi diminuindo até praticamente desaparecer. Nos últimos festivais, houve até um boicote dos grupos pelotenses, só o Nova Cruz, com o seu Odontoarte, não aderiu.

Dos grupos premiados na época, só o Teatro Escola de Pelotas sobreviveu. Dos artistas, participantes, alguns não premiados fizeram carreira, como o Mauro Soares e o Fernando Mello da Costa. Eu ganhei, além dos prêmios, uma visibilidade que me valeu muito. Foi graças ao Festival da STEP que pude levar *Bira e Conceição* ao Festival Nacional de Teatro de Estudantes, no Rio de Janeiro e, ganhando um prêmio lá, tive condições de produzir aqui mesmo, mais adiante, peças de grande projeção.

Anexos

**SOCIEDADE
DE TEATRO
DE PELOTAS**

CAIXA POSTAL 440 - END. TELEGRÁFICO: STEPE

ALTERAÇÕES NOS ESTATUTOS DA STEP - SOCIEDADE DE TEATRO DE PELOTAS.

Aprovadas em reunião do Conselho Deliberativo da entidade, realizada em 18 de setembro de 1967.

- 1) - A alínea d, do artigo 3º, passa a ser a seguinte redação: "d - "Mantém cursos de arte dramática, gratuitos e franquçados a todos os interessados, visando ao aprimoramento de atores, autores e técnicos em teatro";
- 2) - O artigo 7º passa a ter a seguinte redação: "Art. 7º - Nenhum/pôste ou função exercida por membro da STEP será remunerado, sendo/proibida a distribuição de lucros, benificações ou vantagens a dirigentes, mantenedores, ou associados, sob nenhuma forma ou pretexto".
- 3) - O art. 58 passa a ter a seguinte redação: "Art. 58 - Em caso de dissolução da Sociedade, seu patrimônio será revertido a uma instituição filantrópica registrada no Conselho Nacional de Serviço Social."

Antônio Franqueira Moreira - Presidente.

RECONHEÇO as firmas de Antonio Franqueira Moreira, Clayr Lobo Rochefort, Alberto R.R. Rodrigues de Sousa, Sergio José Abreu Neves, Carmen Carpena Moreira, e Gilda Costa Pereira Duval, por semelhança, do que dou fé. Em testemunho da verdade.

Peletas, 22 de setembro de 1967.

Clayr Lobo Rochefort - Presidente do Conselho Deliberativo.

Alberto R.R. Rodrigues de Sousa - Conselheiro de Secretaria.

Sergio José Abreu Neves - Conselheiro de Tesouraria.

Carmen Carpena Moreira - Conselheiro de Intercâmbio.

Gilda Costa Pereira Duval - Conselheira de Patrimônio.

**TERCEIRO TABELIONATO
OSCAR ARAÚJO
TABELIAO**

Rua 15 Novembro, 609
Fone 59-88

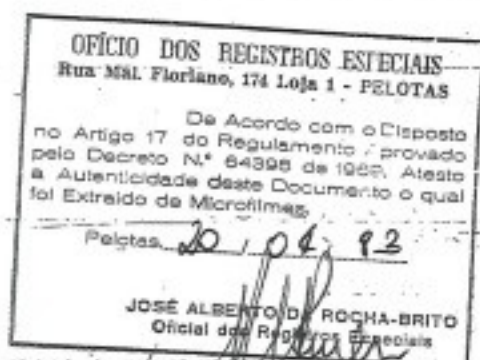
PELOTAS - R.D. SUL

(A - Estatutos, com alterações, da Sociedade de Teatro de Pelotas (Acervo: Prof. Dr. Marcos Villela Pereira)

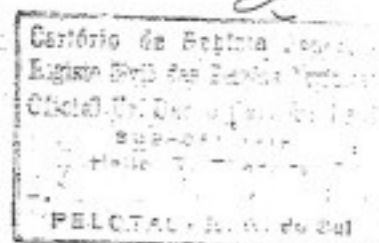
Registrada no dia 22 de Setembro de
1967, para publicação e arquivamento.
Inscrita na coluna de Anotações do
Registro Primário à p. 227, vol.
o n.º 60495685 do livro "H" -
n.º 3 de Registro de Transações.

Cross. -

Setor 22 de setembro de 1967.
O Chefe do Registro
Expositivo e Arquivo dos Juizados
Quais os Juizados - J.



NORIS RIBAS LEAL PINHO
Ajudante



ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE TEATRO DE PELOTAS - (STEP)

CAPÍTULO I

DA NATUREZA E FINS

- Art. 1º - A SOCIEDADE DE TEATRO DE PELOTAS é uma entidade civil, de duração indeterminada, e terá sede e fóro na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.
- Art. 2º - A SOCIEDADE DE TEATRO DE PELOTAS usará a sigla "STEP".
- Art. 3º - A STEP tem como finalidades:
- a) - Difusão da arte em geral, e da arte teatral em particular.
 - b) - A organização e o apoio à organização de grupos teatrais, amadores ou profissionais.
 - c) - A construção de teatros, destinados à encenação de obras teatrais de mérito.
 - d) - A organização de cursos de arte dramática, visando ao aprimoramento de atores, autores e técnicos em teatro.
 - e) - A organização de bibliotecas.
 - f) - O intercâmbio com as entidades congêneres, do país ou do exterior, bem como com outras entidades artísticas-culturais.
 - g) - O intercâmbio com os organismos oficiais e autárquicos, no tocante à arte em geral.
 - h) - A promoção de certames e festivais de teatro, bem como outras promoções que visem à difusão da cultura.
- Art. 4º - Compete à STEP:
- a) - Praticar todos os atos julgados necessários para a consecução de suas finalidades.
 - b) - Fazer-se representar nas reuniões, conclaves ou festivais de arte teatral ou das demais artes.
 - c) - Celebrar acordos, convênios ou contratos com entidades oficiais, autárquicas ou particulares, sobre assuntos de arte.
 - d) - Apresentar a seus sócios e às entidades, de modo geral, com que se tenha ligado por acordo, convênio ou contrato, relatórios anuais de suas atividades.
 - e) - Cumprir e fazer cumprir os presentes Estatutos.
- Art. 5º - É vedado à STEP:
- a) - Exercer qualquer atividade político-partidária, bem como assumir posição favorável à discriminação racial, ou manifestar-se em matéria religiosa, ou, por estes motivos, estabelecer distinção entre seus sócios.
 - b) - Cercear, direta ou indiretamente, a regular manifestação e defesa das idéias de seus membros.

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO DA "STEP"

- Art. 6º - A "STEP" é composta dos seguintes órgãos:
- a) - Congresso Deliberativo. Assembleia Geral
 - b) - Conselho Deliberativo.
 - c) - Organismos Técnicos.
 - d) - Presidência.

- Art. 7º - Nenhum posto ou função exercido por membro da "STEP" será remunerado.

- a) - Indicar as diretrizes da "STEP".
- b) - Revogar as decisões do Conselho Deliberativo ou dos Organismos Técnicos, exceto aquelas que forem, segundo o disposto nos presentes Estatutos, de exclusiva competência destes.
- c) - Alterar no todo ou em parte, os presentes Estatutos, mediante as normas nele expressas.
- d) - Julgar as faltas do Presidente, dos membros do Conselho Deliberativo, dos membros dos Organismos Técnicos e dos Sócios em geral.
- e) - Interpretar estes Estatutos e resolver sobre os casos omissos.

Art. 9º - O Congresso Deliberativo compõe-se de :

- a) - O Presidente da "STEP".
- b) - Os membros do Conselho Deliberativo.
- c) - Os Representantes das entidades filiadas à "STEP".
- d) - Os representantes das entidades oficiais, autárquicas ou particulares que, mediante convênio com a "STEP", por cláusula expressa, tenham obtido o direito de tomar parte nas sessões do Congresso Deliberativo.

Art. 10º - O Congresso reunir-se-á por convocação do Presidente da "STEP" a ~~por~~ requerimento do Conselho Deliberativo em sessão a que estejam presentes 4/5 de seus membros, a requerimento de 2/3 das entidades filiadas à "STEP" ou, ainda, por abaixo assinado de 2/3 dos Sócios da "STEP".

§ 1º - Em reunião extraordinária, convocada com antecedência mínima de ~~três~~ dias, não serão discutidos assuntos outros que os constantes da convocação.

§ 2º - As reuniões ordinárias deverão ser convocadas com antecedência mínima de ~~dois~~ dias.

§ 3º - Quando a reunião extraordinária do Congresso não for provocada pelo Presidente da "STEP", deverão constar, no requerimento dirigido ao Presidente, os assuntos que farão parte da Ordem do Dia.

§ 4º - O Congresso será convocado através de editais, ou verbalmente, pelo Presidente da "STEP" ou pelo Presidente do Conselho.

§ 5º - Recusando-se o Presidente da "STEP" ou o Presidente do Conselho a fazer a convocação, esta poderá ser feita por qualquer membro do Conselho.

§ 6º - O Congresso funciona independentemente de "quorum".

§ 7º - O Congresso reunir-se-á sob a presidência do Presidente da "STEP", salvo se tiver a finalidade de julgar uma falta sua.

Seção II

DO CONSELHO DELIBERATIVO

Art. 11 - O Conselho Deliberativo é composto de cinco membros, eleitos em votação direta e universal, na primeira quinzena de maio, bi-anualmente, pelos Sócios da "STEP", reunidos em Assembléia.

Art. 12 - Compete ao Conselho:

- a) - Discutir os assuntos de interesse da "STEP".
- b) - Tomar resoluções, encaminhando-as, se for o caso, para os Organismos Técnicos e para o Presidente, a fim de que sejam executadas, com aprovação do Congresso.
- c) - Provocar o comparecimento do Presidente, ou dos membros dos Organismos Técnicos, para obter informes precisos quanto à gestão e estado dos negócios a seu cargo.
- d) - Nomear Comissões especializadas, temporárias ou permanentes.
- e) - Criar novos Organismos Técnicos.

- Art. 13 - Compete ao Presidente do Conselho:
- Convocar e presidir as reuniões do Conselho.
 - Substituir interinamente o Presidente da "STEP" nos ~~seus~~ seus impedimentos não maiores de trinta dias e durante o período de eleições para Presidência.
- Art. 14 - O Conselho Deliberativo reunirá-se, ordinariamente, uma vez por mês e, extraordinariamente, por convocação de seu Presidente.
- § 1º - Em reuniões extraordinárias só poderão entrar em debate os assuntos constantes da convocação.
- § 2º - As reuniões do Conselho poderão ser efetuadas conjuntamente com as do Congresso Deliberativo.

Seção III
DOS ORGANISMOS TÉCNICOS

- + Art. 15 - A STEP é composta dos seguintes Organismos Técnicos, além dos que possam vir a ser criados:
- Secretaria.
 - Tesouraria.
 - Departamento de Intercâmbio.
 - Departamento de Patrimônio.
- Art. 16 - Cada um destes quatro Organismos será dirigido por um membro do Conselho Deliberativo.
- § único - O Presidente do Conselho Deliberativo não poderá ter a seu cargo nenhum Organismo Técnico.
- Art. 17 - Os Conselheiros poderão nomear outros membros para os seus Organismos Técnicos, até o número de ~~dois~~ ^{três}, que serão de sua livre escolha e nomeação, dentro do quadro de associados da STEP.
- Art. 18 - Os membros dos Organismos Técnicos poderão ser, livremente, destituídos de seus cargos pelo Conselheiro respectivo.
- § único - Em casos excepcionais e por decisão simples do Congresso, o Presidente da STEP poderá provocar a destituição de membros dos Organismos Técnicos, comunicando aos Conselheiros competentes sua decisão, para que estes a executem.
- Art. 19 - Compete ao Conselheiro de Secretaria:
- Atender com zelo o expediente da STEP.
 - Anunciar dia, hora, local e ordem do Dia das reuniões da STEP.
 - Encarregar-se de toda correspondência da STEP.
 - Protocolizar e ~~manter~~ arquivar a correspondência, livros de atas e de resoluções e outros congêneres da STEP.
 - A lavratura das atas das reuniões da STEP.
- Art. 20 - Compete ao Conselheiro de Tesouraria:
- Receber, em nome da STEP, as verbas, doações, contribuições, legados e quaisquer quantias a ela destinadas ou atribuídas.
 - Manter em dia a escrituração financeira da STEP e prestar todos os esclarecimentos solicitados pelo Presidente ou pelo Conselho.
 - Solver todos os débitos da STEP, mediante autorização do Presidente.
 - Depositar, no estabelecimento bancário indicado pelo Presidente, as quantias que não sejam destinadas a pronto pagamento.
 - Assinar, juntamente com o Presidente, cheques e outros documentos que envolvam despesas para a STEP.
 - Apresentar, mensalmente, balancete financeiro ao Presidente e ao Conselho.
- Art. 21 - Compete ao Conselheiro do Departamento de Intercâmbio:
- Manter intercâmbio com as ~~entidades~~ entidades congêneres.
 - Participar de Congressos, conferências, conclaves ou reuniões, representando a "STEP", juntamente com o Presidente, ou, em sua ausência, em seu lugar.
 - Promover a vinda, autorizada pelo Presidente, de conjuntos

- Art. 22 - Compete ao Conselheiro do Departamento de Patrimônio:
- a) - Ter sob sua guarda e ~~exercer~~ controle direto os bens materiais da STEP.
 - b) - Inspeccionar e tratar, de modo geral, das obras da STEP.
 - c) - Organizar a biblioteca da STEP.
- Art. 23 - Todas as atividades atribuídas aos Conselheiros dos Organismos Técnicos poderão ser executadas pelos membros de cada Organismo, mas a responsabilidade de tais atos será solidária entre o executor e o Conselheiro do Organismo Técnico.
- Art. 24 - Se forem criados novos Organismos Técnicos, o Conselho indicará, para chefia-los, dentre sócios da STEP, Diretores, os quais poderão indicar, livremente, os componentes de seus Organismos Técnicos, até um número de ~~dois~~, desde que sejam sócios da STEP.
- Art. 25 - Aos Diretores assim indicados caberá a responsabilidade solidária com os executores dos atos que estejam a seu cargo.

CAPÍTULO III

DO PRESIDENTE DA STEP

- Art. 26 - O Presidente da STEP é eleito em votação direta e universal, na primeira quinzena de maio, bianualmente, pelos sócios da STEP, reunidos em Assembleia.
- § 1º - Assiste ao Presidente da STEP o direito de vetar as resoluções do Congresso Deliberativo que, a seu ver, atentem contra os interesses da Sociedade; cabendo, entretanto, ao Congresso Deliberativo a faculdade de rejeitar o veto, por unanimidade, em reunião na qual não poderá votar o Presidente da STEP.
- § 2º - O Presidente da STEP poderá ser demitido por decisão unânime do Congresso Deliberativo, em reunião especialmente convocada, na qual não terá direito a voto.
- Art. 27 - O Presidente da STEP é substituído, nos seus impedimentos, por tempo não superior a 30 dias, pelo Presidente do Conselho.
- Art. 28 - Se o impedimento for superior a 30 dias, o Conselho Deliberativo se reunirá e, por votação, indicará um de seus membros para presidir a STEP, por prazo não superior a 60 dias.
- Art. 29 - Nos impedimentos definitivos do Presidente, ou superiores a 60 dias, o Presidente do Conselho convocará novas eleições.
- Art. 30 - Quando o Presidente do Conselho substituir o Presidente da STEP, o Conselho indicará para a sua Presidência um de seus membros, que acumulará esta função com a de Conselheiro.
- Art. 31 - Compete ao Presidente da STEP:
- a) - Representar a STEP em juízo ou fora dele, podendo ~~delegar~~ delegar esta função a um dos membros do Conselho.
 - b) - Convocar o Congresso da STEP, num prazo máximo de 3 dias após a proclamação dos resultados das eleições.
 - c) - Convocar o Congresso Deliberativo ou o Conselho, quando julgar necessário.
 - d) - Assinar os documentos da STEP sempre que se fizer necessário.
 - e) - Dar posse a seu substituto legal.
 - f) - Prestar ao Congresso e ao Conselho todos os informes e explicações referentes à sua gestão, espontaneamente ou quando convocado para tal.
 - g) - Contratar companhias, grupos teatrais ou quaisquer conjuntos artísticos, ouvido, previamente, o Conselheiro do Departamento de Intercâmbio.
 - h) - Assinar convênios, acordos ou contratos com entidades oficiais, autárquicas ou particulares.

CAPÍTULO IV

DAS ENTIDADES FILIADAS

- Art. 32 - Os grupos teatrais, amadores ou profissionais, mediante requerimento, dirigido ao Presidente da STEP, poderão se filiar à STEP, havendo concordância do Congresso Deliberativo.

- desfavoravelmente, por maioria simples de votos.
- Art. 34 -- Pelo voto de 4/5 dos membros do Congresso poderá ser cancelada a filiação de qualquer entidade.
- Art. 35 - Os grupos teatrais filiados à STEP poderão ter auxílio financeiro, de acordo com as possibilidades da mesma, e a juízo do Congresso Deliberativo.
- Art. 36 - As entidades filiadas à STEP não poderão fazer parte de outras ~~em~~ organizações congêneres com sede na mesma cidade.

CAPÍTULO V

DOS SÓCIOS (artistas?)

- Art. 37 - A STEP é formada por sócios, distribuídos nas seguintes categorias:
- Sócios fundadores.
 - Sócios efetivos.
 - Sócios correspondentes.
- § 1º - Sócios fundadores são aqueles que, filiados à STEP posteriormente ou não, estiveram presentes à reunião de fundação.
- § 2º - Sócios efetivos são todos os que, não sendo fundadores, integrem efetivamente os quadros associativos da entidade.
- § 3º - Sócios correspondentes são os que, residindo fora de Pelotas, ingressam na STEP mediante convite do Congresso Deliberativo, salvo os sócios fundadores.
- Art. 38 - O ingresso na STEP estará condicionado à aprovação do Congresso Deliberativo.
- Art. 39 - Para o ingresso na STEP os candidatos deverão dirigir requerimento ao Presidente da STEP, ou assinar proposta.
- § 1º - O Presidente da STEP levará ao conhecimento do Congresso os requerimentos ou as propostas, para apreciação.
- § 2º - O Congresso deliberará, em cada caso, por maioria simples de votos e, se pedida por um de seus membros, em votação secreta.
- § 3º - O Congresso, por maioria simples de votos, poderá enviar convites a pessoas que não residam em Pelotas, para que se filiem à STEP, como sócios correspondentes, os quais serão tidos como tais desde o recebimento, pela STEP, da aceitação.
- Art. 40 - A STEP, através do Departamento de Tesouraria, organizará um fichário de todos os sócios.
- Art. 41. - Os sócios contribuirão, mensalmente, para os cofres da STEP, salvo os correspondentes, com a quantia que for determinada pelo Congresso Deliberativo.

CAPÍTULO VI

DOS DIREITOS E DEVERES DOS SÓCIOS

- Art. 42- Os sócios da STEP a si se impõem os seguintes deveres:
- Cumprir os presentes Estatutos e exigir seu cumprimento.
 - Acatar e respeitar as decisões dos órgãos da STEP.
- Art. 43 - Ficam assegurados aos sócios da STEP os seguintes direitos:
- Todos são iguais perante estes Estatutos.
 - Todos poderão votar e ser-votados para qualquer posto, ressalvadas as restrições expressas, constantes destes Estatutos.
 - Nenhuma punição será cabível se o imputado não houver sido previamente identificado da falta que lhe é atribuída.
 - Todos poderão gozar, igualmente, dos benefícios concedidos pela STEP, de acordo com suas resoluções.
 - Todos poderão participar das reuniões dos órgãos da STEP, como assistentes, não tendo, porém, direito a voto.

CAPÍTULO VII

DAS FALTAS E DAS PENALIDADES

- Art. 44 - São faltas os atos dos sócios da STEP que atentarem contra o disposto nos presentes Estatutos e, especialmente contra:
- A existência da STEP.
 - O livre-exercício dos órgãos da STEP.
 - A probidade na administração.

Art. 45 - Qualquer sócio é competente para denunciar a existência de falta, e a denúncia obrigará ao órgão competente o exame da questão, dentro de 5 dias, no máximo, contados do recebimento daquela.

Art. 46 - As penalidades serão graduadas de conformidade com a gravidade da falta cometida, a ~~existência~~ critério do Congresso Deliberativo.

Art. 47 - As penalidades admitidas são:

a) - Censura sigilosa.

b) - Censura pública.

c) - Expulsão.

Art. 48 - As penalidades previstas no artigo anterior, alíneas "b" e "c", quando aplicadas ao Presidente da STEP, aos Conselheiros ou aos membros dos Organismos Técnicos, redundam, de imediato, em sua destituição do cargo ou posto.

CAPÍTULO VIII

DOS MANDATOS

Art. 49 - O mandato do Presidente da STEP, dos Conselheiros e dos membros dos Organismos Técnicos, será de 2 anos.

Art. 50 - O Presidente, os Conselheiros e os membros dos Organismos Técnicos poderão ser reeleitos.

CAPÍTULO IX

DAS ELEIÇÕES

Art. 51 - Na primeira quinzena de maio, bianualmente, por convocação do Presidente da STEP, ou de quem o estiver substituindo, serão realizadas eleições para a Presidência da STEP e para o Conselho Deliberativo, votando todos os sócios, reunidos em Assembléia.

§ único - Em reunião prévia do Congresso Deliberativo, ~~serão~~ serão estudados os nomes a serem apresentados à Assembléia, cabendo ao Presidente da STEP, ao Presidente do Conselho e aos demais Conselheiros, o direito de voto aos nomes que não preencherem as condições adequadas para a função; podendo o voto ser rejeitado por maioria de 4/5 do Congresso Deliberativo.

Art. 52 - Em toda e qualquer eleição da STEP, após a apuração dos votos, serão considerados empossados os eleitos.

CAPÍTULO X

DAS INELEGIBILIDADES

Art. 53 - São inelegíveis para a Presidência da STEP e para o Conselho Deliberativo:

a) - Os que não forem brasileiros natos ou naturalizados.

b) - Os que tiverem sofrido as penalidades constantes do artigo 4º

c) - Os sócios correspondentes.

CAPÍTULO XI

DOS RECURSOS FINANCEIROS

Art. 54 - A receita da STEP constituir-se-á de:

a) - Contribuições dos sócios.

b) - Subvenções e auxílios.

c) - Receitas auferidas nos espetáculos realizados pela STEP.

d) - Doações e legados.

e) - Receitas diversas.

CAPÍTULO XII

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 55 - Estes Estatutos só podem ser modificados, no todo ou em parte, em reunião do Congresso, convocada especialmente para tal.

Art. 56 - Para reforma dos Estatutos exige-se o voto de 4/5 dos presentes à reunião do Congresso.

Art. 57 - A dissolução da STEP somente será efetivada após 2 votações, com intervalo de 7 dias, pela maioria de 4/5 dos membros efetivos do Congresso, em sessões extraordinárias, especialmente convocadas para tal fim.

Art. 58 - Em caso de dissolução o patrimônio da STEP terá destino a ser determinado em Assembleia Geral Extraordinária.

Art. 59 - Os sócios não respondem solidária e subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela Sociedade.

Pelotas, 23 de Fevereiro de 1964.

Antonio Francisco Moreira
Antonio Francisco Moreira
Presidente da STEP

Brasileiro, casado, comerciante, domiciliado nesta cidade,
à Rua Almirante Barroso, 728

José Ilton Schlee
..... Conselheiro da Secretaria
Brasileiro, solteiro, bancário.

Dr. Sérgio José Abreu Neves
Dr. Sérgio José Abreu Neves
Conselheiro de Tesouraria
Brasileiro, casado, advogado e bancário.

CO as firmas *Antonio*
Francisco
Moreira e Dr.
Suza Tr. Abreu Neves Dou fé
Pelotas, 23 de fev de 1964
Em testemunha da verdade.

DR. BENTO V. J. DE
TABELION
PELOTAS

JOSE LUIS F. DE
AJUDANTE SUO

Cartão de Registro Especial
Registro das Pessoas Jurídicas
Oficial Dr. Bento Barboza Leal
J. V. DE
PELOTAS, 23 de fev de 1964

APRESENTADO no dia 19 de março de 1964, para Inscrição.-INSCRITO sob o número de ordem 685 a fls.227 do Livro A número três (3) de Registro de Sociedades - Cíveis.-

Pelotas, 19 de março de 1964.

.....
 Oficial do Registro Especial
 e Civil das Pessoas Jurídicas

(Na 1ª Via paga o selo de arquivamento na importância de Cr\$.225,00, em estampilhas/estaduais, inclusive taxas adicionais).---

Cartório de Registro Especial
 Registro Civil das Pessoas Jurídicas
 Oficial Dr. Decio Barbosa Leal
 SUB-OFICIAIS
 Helio T. Pereira
 J. I. Silveira da Mota JOR.
 PELOTAS - R. G. do Sul

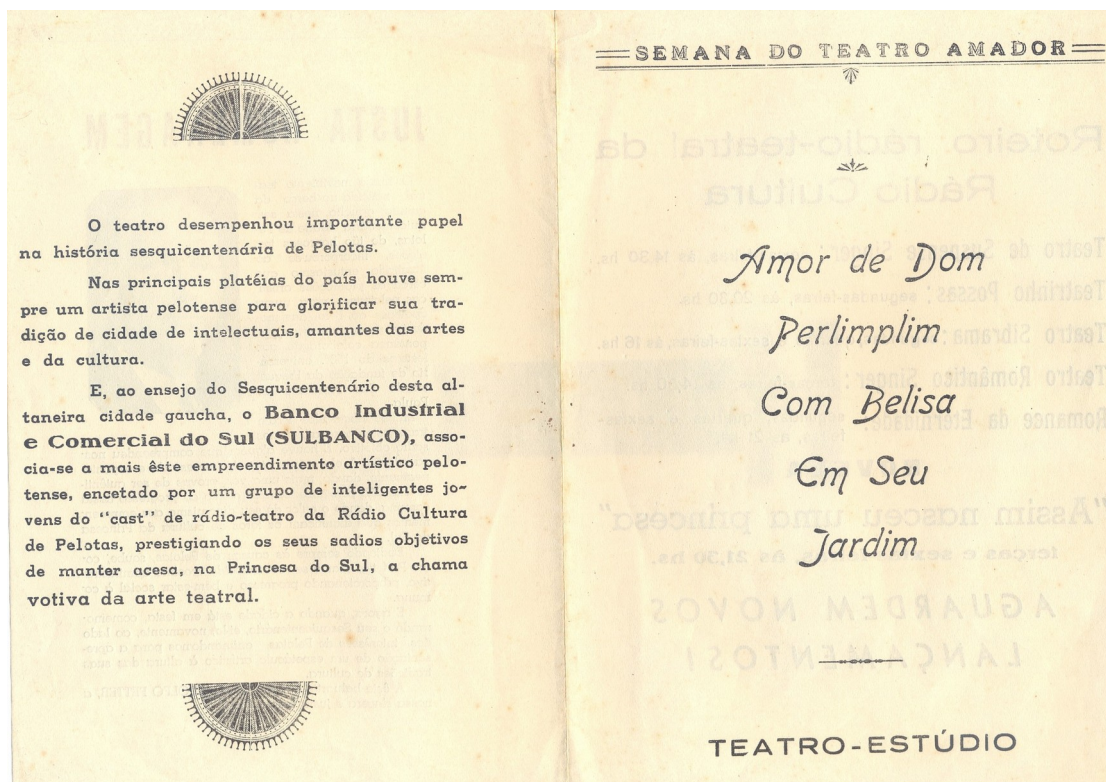
OFÍCIO DOS REGISTROS ESPECIAIS
 Rua Mal. Floriano, 124 Loja 1 - PELOTAS

De acordo com o Disposto
 no Artigo 17 do Regulamento Aprovado
 pelo Decreto N.º 64396 de 1960, Atesto
 a Autenticidade deste Documento o qual
 foi Extraído de Microfilmes.

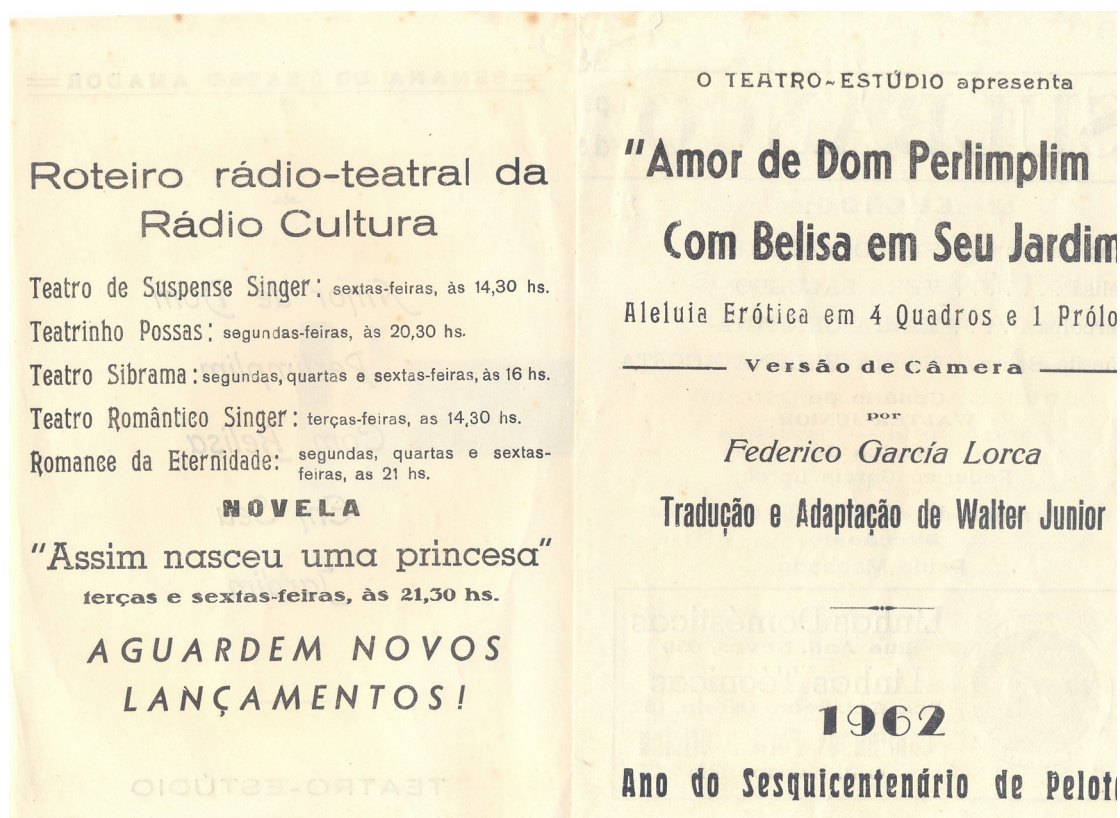
Pelotas 20 / 04 / 83

JOSE ALBERTO DA ROCHA-BRITO
 Oficial dos Registros Especiais

NORIS RIBAS LEAL PINHO
 Ajudante



(B - Programa de apresentação da peça "Amor de Dom Perlimplim com Belisa em Seu Jardim!" (I Festival da STEP – Semana do Teatro Amador) (Acervo: Valter Sobreiro Junior)



(B2)

SULBANCO prestigia as atividades artísticas de Pelotas sesquicentenária

ELENCO:

Dom Perlimplim PAULO MACHADO
 Belisa VERA SALCEDO
 Marcolpa MARIA CRISTINA
 Mãe de Belisa.. MARIA HELENA ACOSTA

Cenário de
 WALTER JUNIOR

Música de
 Federico García Lorea

Arranjos de ROMEU TAGNIN

Direção de
 Paulo Machado

Maquilagem — Fausto
 Figurinos — Beatriz Vieira
 Sonoplastia — Cláudio Padilha
 Iluminação — Nadir Avila
 Carpintaria -- Winter & Cia.
 Montagem — Tufy Salomão
 Contra-Regra — Ivan Aune

Com este espetáculo o TEATRO-ESTÚDIO participa da SEMANA DO TEATRO AMADOR, promoção da SOCIEDADE DE TEATRO DE PELOTAS (STEP), em homenagem aos 150 anos da Cidade — Princesa.



Linhas Domésticas
 Rua And. Neves, 659

Linhas Técnicas
 Pça. Cel. Pedro Osório, 152

Caminhões Ford e Oficina
 Gal. Osório, 1063

Cia. de Seguros Marítimos e Terrestres
"PELOTENSE"

Opera nos ramos de Incêndio, Transportes Marítimos, Ferroviários, Rodoviários e Aéreos.

Rua General Osório, 725 - Fones: 1093-1094
PELOTAS — R. G. S.

(B3)

Colaboram na realização deste espetáculo:

SULBANCO
 Lojas Escosteguy
 Lions Club de Pelotas
 Adolfo Fetter

Casa Paris
 Diário Popular
 Rádio Cultura de Pelotas
 Casas Procópio

Sátiro Carricone
 Fac. de Odontologia de Pelotas
 Alfaiataria Porto
 Cerâmica Pelotense S/A

Ataliba Lopes
 Izaltino Barbosa
 Elias João Bainy
 Romeu Tagnin

Atelier "La Femme"
 Casa das Meias
 Wilson Louzada da Silva
 L. C. Corrêa da Silva

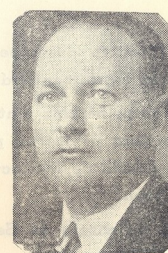
— Caminhões, Camionetas e Tratores —

FORD

em **BERTOLDIS/A** — onde você sempre obtém mais — 15 de Novembro, 515
 Novo revendedor Ford em Pelotas

JUSTA HOMENAGEM

O nosso movimento teatral, nascido no berço da cultura gaúcha, nesta sesquicentenária cidade de Pelotas, de tão honrosas tradições, incorporou-se ao frustado entusiasmo que cerca as promoções artísticas pelotenses, para, numa apoteose ao Belo, dar modesta, porém sincera e espontânea colaboração aos festejos do 150º aniversário de fundação da Freguesia de São Francisco de Paula.



Muitos obstáculos foram transpostos para atingirmos sadio objetivo. E houve alguém que compreendeu nossa missão. A ela se associou desinteressada e espontaneamente, dando, mais uma vez, provas de ser autêntico cidadão pelotense, sempre atento ao progresso desta comuna, dando o calor de seu dinamismo aos empreendimentos que dignificam os foros de cultura da Princesa do Sul.

Dedicado sempre às causas de Pelotas, soube, como Prefeito, usar o seu reconhecido tirocínio administrativo, proporcionando progresso e bem-estar social à comuna.

E agora, quando a cidade está em festa, comemorando o seu Sesquicentenário, ei-lo, novamente, ao lado dos interesses de Pelotas, animando-nos para a apresentação de um espetáculo artístico à altura das suas tradições de cultura.

À este baluarte, que se chama ADOLFO FETTER, a nossa sincera e justa homenagem.

(B4)

Teatro *Universitário de Pelotas*

APRESENTA :

relâmpago

**DOIS ATOS DE ANGENOR
GOMES E JOTA PINHO**

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)

DIANA. Ivanosca dos Santos
ROBERTO: Angenor Gomes
PROFESSOR: L. C. Corrêa da Silva
LÍDICE: Iolette Bandeira
ARMANDO: José Luiz Mendonça
DIPLOMATA: Jota Pinho ★

Direção: Angenor Gomes
Cenários: Herton de Leon
Iluminação: Paulo Luiz Bojunga
Contra-Regra: Mário Jorge
Sonoplastia: ★

O O. U. P. agradece ao "Centro Escola de Pelotas" e ao "Centro dos Bancários", que cederam seus atores Jota Pinho, Angenor Gomes, L. C. Corrêa da Silva e José Luiz Mendonça para a realização desta peça.

- Leia a recomendação do verso !

1964

(C - Programa da peça "Relâmpago" (Festival do Autor Pelotense) (Acervo: Marlene Mascarenhas Mendonça)

Após a realização deste espetáculo, visite o

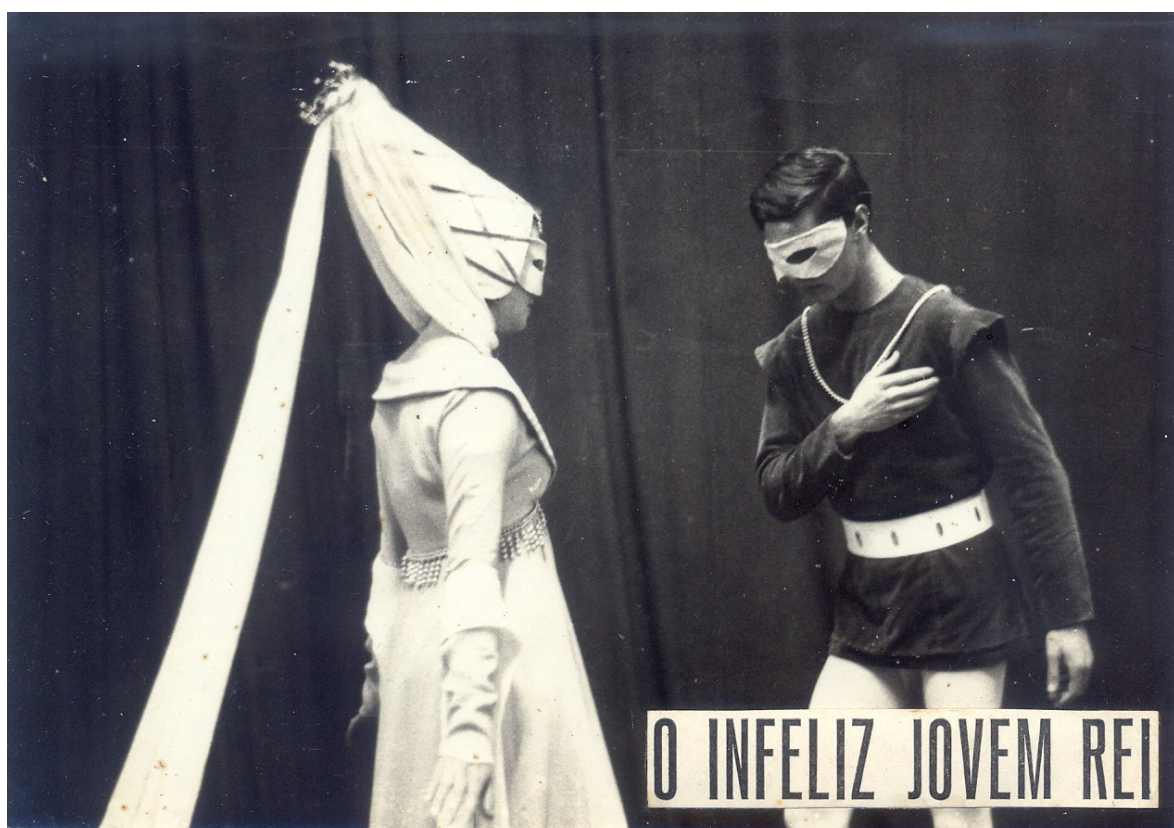
SUZUKI

★ **BAR**
★ **RESTAURANTE**
★ **CASA DE CHÁ**

Repousante Ambiente Oriental
Música em HI-FI = Pratos a La Minuta

RUA 15 DE NOVEMBRO, 716 = FONE 3256

(C2)



(D - Fotos da peça "O Infeliz Jovem Rei" (Acervo: Valter Sobreiro Junior)



(D2)



(E - Diplomas de premiação de Walter Júnior (II Festival) (Acervo: Valter Sobreiro Junior)



(E2)



(F - Fotos da premiação de “Nossa Cidade” (III Festival) (Acervo: Antonio Henrique Nogueira).



(F2)



(G - Diploma de premiação de Melhor Cenoplastia (IV Festival) (Acervo: Valter Sobreiro Junior)



Nancy Azevedo e Roberto Gigante numa cena de "A Viagem".

"A Viagem" 6a. Feira No Teatro Leopoldina

Impossibilitados por problemas de tempo de estrear, a peça "A Viagem", na próxima terça-feira no Teatro Leopoldina — a montagem mais premiada no recente Festival de Teatro em Pelotas, será apresentada ao público somente na terça-feira próxima. "A Viagem", de autoria de Ruy Antunes, é, nas palavras do autor, o drama do homem atual, que busca ao mesmo tempo a vivência, a compreensão do mundo que o cerca. O universo de Ricardo é o antagonismo fundamental do mundo das emoções e dos sentimentos e o mundo do entendimento. Como sentir, sem entender, e o entendimento não acarreta, inevitavelmente, a impossibilidade de usufruir de sentir?.

Eis a proposição que Ruy Antunes faz ao espectador e que poderá ser respondida, logo após a apreciação de seu trabalho. "A Viagem" é o primeiro espetáculo totalmente gaúcho que sobe à cena no Teatro Leopoldina, tendo desde o autor até os figurinistas formado por elementos de Pelotas que arrebatarem no IV Festival de Teatro os prêmios de Melhor espetáculo; Melhor ator: Roberto Gigante; Menção honrosa para atriz: Iollete Bandeira; Menção honrosa para ator coadjuvante: Nancy Azevedo.

"A Montagem" terá brevíssima temporada no Teatro Leopoldina, sendo logo após, substituída pelo musical "Teu Cabelo Não Nega", de Carlos Machado.

(H - Notícia sobre apresentação da peça "A Viagem" em Porto Alegre (*Folha da Tarde*, s/data)

O PRIMEIRO FESTIVAL DE TEATRO

Foi justamente neste palco da Escola Técnica Federal, em 1962, que Pelotas assistiu ao primeiro festival de teatro realizado na cidade, por iniciativa da então recém-criada Sociedade de Teatro de Pelotas (STEP).

Neste espaço foram reunidos vários grupos amadores, que representaram o que de mais expressivo se fazia na época: textos de O'Neill, Tchekov, Pirandello, García Lorca, entre outros.

Ao final, restou o sabor da confraternização e, o que é mais importante, estimulou-se a produção local de espetáculos teatrais.

A STEP realizou outros nove festivais de teatro, cada vez mais concorridos, com a participação adicional de grupos vindos de outras cidades, de outros estados e, nas últimas edições do certame, também do exterior.

Era inegável que o evento crescera em importância e que a vida cultural de Pelotas se enriquecera e dinamizara. Só que, no rastro de uma política equivocada, esquecendo-se de que o Festival de Teatro de uma cidade só tem sentido se essa cidade faz teatro, a STEP marginalizou os grupos locais, deixando de incentivar seu trabalho.

O X Festival Internacional de Pelotas, datado de 1971, encerrou uma fase tão brilhante quanto conturbada das artes cênicas pelotenses.

Ademais, vivia-se no país um momento histórico extremamente difícil. O desestímulo crescente à produção cultural atingia violentamente o teatro, que enfrentava obstáculos de toda a ordem, precedidos pela ação de uma Censura asfixiante.

Não é por acaso que, com o advento da Nova República, se inicia um outro ciclo de festivais de teatro em Pelotas, promovido, desta vez, pela Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo.

Este Festival de Teatro de Pelotas deveria, a rigor, ser o décimo-primeiro, e os defensores dessa numeração têm dirigido não poucas críticas à FUNDAPEL, que, aliás, fornecendo bons argumentos aos seus contrários, fazia colocar, há pouco, na frente de um dos casarões históricos da Praça Coronel Pedro Osório, uma faixa com os dizeres "Uma cidade sem memória é uma árvore sem raiz".

Mas, evidentemente, não se trata de esquecimento. Todos nós, brasileiros, todos nós, pelotenses, todos nós, que fazemos teatro, sentimos ainda muito viva a lembrança dos últimos vinte anos.

Ocorre que, se nos fosse permitido, gostaríamos de recomeçar.

Gostaríamos que a Nova República não fosse apenas uma esperança. Gostaríamos que 1985 fosse o primeiro ano de uma nova era. E gostaríamos - por que não? - que este Festival de 1985 fosse realmente o primeiro.

Só o tempo, contudo, poderá dizer se essa de nomeação é justa e merecida. Só o tempo poderá dizer se não estamos meramente assistindo à volta ao cartaz de um espetáculo fracassado, em sua décima-primeira encenação.

A expectativa é grande. Nela envolvidos, resta-nos dar nosso voto de confiança à FUNDAPEL e, desde o velho palco da Escola Técnica, saudar o novo I Festival de Teatro de Pelotas.

Valter Sobreiro Junior

Grupo DESILAB - ETFPel